



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Marcela Gomes Barbosa

**CONTRIBUIÇÕES DO FONOAUDIÓLOGO ACERCA DO BILINGUISTO PARA
FAMÍLIAS DE PESSOAS SURDAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**Recife
2025**

Marcela Gomes Barbosa

**CONTRIBUIÇÕES DO FONOAUDIÓLOGO ACERCA DO BILINGUISMO PARA
FAMÍLIAS DE PESSOAS SURDAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Escola de Educação e Humanidades, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito final para a obtenção do título de doutora em Ciências da Linguagem.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Wanilda Maria Alves Cavalcanti.

Linha de Pesquisa: Processos de Organização Linguística e Identidade Social.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S.J. (Reitor)
Prof. Dr. Pe. Delmar Araújo Cardoso, S.J. (Vice-reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Prof.^a Dr.^a Valdenice José Raimundo (Pró-reitora)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Prof. Dr. Danilo Vaz Curado R. M. Costa (Diretor)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
Prof.^a Dr.^a Elaine Pereira Daróz (Coordenadora)
Prof.^a Dr.^a Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo (Vice-coordenadora)

Ficha Catalográfica

B238c	Barbosa, Marcela Gomes. Contribuições do fonoaudiólogo acerca do bilinguismo para famílias de pessoas surdas : uma revisão bibliográfica / Marcela Gomes Barbosa, 2025. 135 f. : il. Orientadora: Wanilda Maria Alves Cavalcanti. Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Doutorado em Ciências da Linguagem, 2025. 1. Bilinguismo. 2. Surdos - Linguagem. 3. Fonoaudiologia. 4. Linguística. 5. Aquisição da segunda língua. I. Título. CDU 800.732
-------	---


Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta tese, por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Marcela Gomes Barbosa

Contribuições do fonoaudiólogo acerca do bilinguismo para famílias de pessoas surdas: uma revisão bibliográfica


Esta tese foi julgada adequada para obtenção do título de doutora em Ciências da Linguagem. Foi aprovada em sua forma final, com alterações indicadas pela banca.

Recife, 18 de setembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
 ELAINE PEREIRA DARÓZ
Data: 09/01/2026 09:18:49-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>


Prof.^a Dr.^a Elaine Pereira Daróz
Coordenadora do PPGCL

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 WANILDA MARIA ALVES CAVALCANTI
Data: 07/01/2026 15:25:09-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Orientador(a) Prof.^a Dr.^a Wanilda Maria Alves Cavalcanti
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Prof.^a Dr.^a Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Documento assinado digitalmente
 NADIA PEREIRA DA SILVA GONCALVES DE AZEVEDO
Data: 06/01/2026 18:18:34-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>


Prof.^a Dr.^a Renata Fonseca Lima da Fonte
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Documento assinado digitalmente
 RENATA FONSECA LIMA DA FONTE
Data: 06/01/2026 18:44:56-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Wilma Pastor de Andrade Sousa
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Documento assinado digitalmente
 WILMA PASTOR DE ANDRADE SOUSA
Data: 05/01/2026 11:38:26-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Norma Abreu e Lima Maciel de Lemos Vasconcelos
Universidade de Pernambuco (UPE)

Documento assinado digitalmente
 NORMA ABREU E LIMA MACIEL DE LEMOS VASCO
Data: 04/01/2026 20:43:42-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Bolsista na modalidade II da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O número do processo referente ao subsídio da bolsa é: 88887.483133/2020-00.

Dedico ao Pai, ao Filho (Jesus Cristo) e ao Espírito Santo.

AGRADECIMENTOS

A minha história foi escrita pelas mãos de Deus! A Ele, toda honra e glória!

Creio no Deus onisciente, onipotente, onipresente e, em cada detalhe, sinto e vejo sua presença na minha história. A ti, meu Pai, minha eterna gratidão!

Quando criança, o amor pelas pessoas com algum tipo de dificuldade sempre impulsionou o meu coração para ajudá-las, diante das possibilidades que vivia. Com a chegada do meu primo Lucas, inquietações e curiosidades permeavam meu coração. E a sua existência iluminou minha trajetória pessoal e acadêmica, desenhada pela mão do Criador, e hoje posso ajudar diversas pessoas que perpassam a caminhada chamada vida.

As pérolas da minha vida

A gratidão é a memória do coração, por isso, agradeço aos meus pais, Maria da Conceição e Roberval, pelo amor, dedicação e ensinamento. Creio que estou cumprindo a promessa do Senhor Jesus em honrá-los durante a minha vida.

Aos meus irmãos Roberval, Robson e Romualdo, pelo apoio e encorajamento na realização dos meus sonhos. Aos meus bisavós, avós, tias(os), primas(os) e sobrinhas(os), pelo carinho e torcida.

À minha amada tia Mônica, és especial e presente na caminhada da vida.

A família é projeto de Deus!

Docente e discente desde a vida pibiquiana à pós-graduação: a memória do coração é eterna

À minha eterna orientadora docente Dr.^a Wanilda Cavalcanti, nossa caminhada foi escrita pelas mãos de Deus e agradeço a Ele pela sua vida. Um ser humano sensível que inspira a todos que caminham ao seu lado. O amor pela docência se reflete em seu coração, pois és singular entre todas as rosas. Cada trajetória floresceu no nosso jardim e estou grata por tudo que vivemos e compartilhamos. Gratidão!

Docentes inspiradoras: repletas de amor e de sabedoria

À minha excelentíssima banca Dr.^a Nadia Azevedo, Dr.^a Renata da Fonte, Dr.^a Wilma Pastor e Dr.^a Norma Vasconcelos, pela leitura cuidadosa da criação de nossa

brilhante ideia científica.

À minha eterna docente Dr.^a Nadia Azevedo, raridade entre todas as rosas da minha trajetória. O seu amor em lecionar perpassa o nosso coração. Gratidão pela gentileza, pelo acolhimento e pela generosidade em minha vida. Gratidão!

À minha eterna docente Dr.^a Renata da Fonte, dedicada, atenciosa e generosa com seus alunos, em especial, na minha vida. Sua ternura perpassa seus ensinamentos com muita delicadeza e sabedoria. Gratidão!

À minha eterna docente Dr.^a Wilma Pastor, um ser humano incrível e de uma competência singular, que inspirou minha vida. O seu amor pela docência e sua essência são admiráveis. Gratidão!

À minha eterna docente Dr.^a Norma Vasconcelos, pela dedicação em seus ensinamentos e na leitura atenciosa de nossa tese. Gratidão!

Ao querido PPGCL

Amados e eternos coordenadores e docentes da Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, agradeço a confiança, o incentivo e a dedicação por seus discentes.

Aos anjos da caminhada da vida

Às minhas amadas docentes, Vanessa de língua inglesa e Amanda de língua espanhola, tinha que ser vocês. Gratidão!

Às amigas e aos amigos, impossível esquecer.

À toda comunidade surda.

A todos os funcionários da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

Ao Programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e ao Programa de Suporte à Pós-Graduação IES Comunitárias – PROSUC, pela confiança e pelo investimento desde o projeto do PIBIC ao projeto de doutorado.

Meu Tributo

Como agradecer por tudo que fizeste a mim?
Não merecedor, mas provaste o seu amor sem fim.

As vozes de um milhão de anjos
não expressam a minha gratidão.
Tudo o que sou e o que almejo ser,
eu devo tudo a Ti!

A Deus seja a glória, (3x)
por tudo o que fez por mim.

Com seu sangue lavou-me,
seu poder levantou-me!
A Deus seja a glória,
para sempre, amém.

Quero viver para Ti,
tua vontade obedecer
e se o aplauso eu receber,
no calvário irei me gloriar.

Com seu sangue lavou-me,
Seu poder levantou-me!
A Deus seja a glória,
para sempre, amém.

Composição: Andraé Crouch
Canção de Victorino Silva

BARBOSA, MARCELA GOMES. **Contribuições do fonoaudiólogo acerca do bilinguismo para famílias de pessoas surdas:** uma revisão bibliográfica. 2025. 135p. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Escola de Educação e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2025.

RESUMO

Nos tempos atuais, percebemos que o bilinguismo para surdos ainda se configura como um cenário desafiador para os pesquisadores envolvidos com a temática, especialmente se consideramos a importância do desenvolvimento da linguagem de pessoas surdas. Nesse sentido, precisamos falar sobre a contribuição do profissional da Fonoaudiologia junto à família de pessoas surdas que, nos seus discursos, apresenta-se como invisível em suas práticas, ou seja, não inclui a família no processo terapêutico. Os estudos acerca do bilinguismo se constituem uma temática mais recente, pois a formação que circulava nos primeiros anos da existência da ciência fonoaudiológica preconizava quase exclusivamente o desenvolvimento da comunicação oral para pessoas surdas, filosofia educacional vigente até os últimos anos do século XX. No entanto, observamos que houve crescimento da utilização do implante coclear para surdos no Brasil, inclusive com a oferta desse uso pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Contudo, para aqueles que não tiveram acesso a tal tecnologia, foi surgindo o trabalho de fonoaudiólogos com o bilinguismo para surdos, ampliando a importância da Libras e o direito desses estudantes de serem bilíngues com o aprendizado do português como segunda língua. Dessa maneira, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as contribuições de fonoaudiólogos acerca das orientações sobre o bilinguismo para as famílias de pessoas surdas, no período de 2013 a 2025. Adotamos como referencial teórico Cavalcanti e Barbosa, Flores e Almeida, Grosjean, Guarinello *et al.*, Guarinello e Lacerda, Mariani, Quadros, Sousa, Trivinões, Vygotsky, entre outros. Elegemos como metodologia a pesquisa qualitativa, tendo como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica. Os dados foram coletados, via *online*, nas bases de dados da SciELO, BDTD e da UNICAP no período de 2013 a 2025. Além do mais, recebeu o embasamento da teoria de análise de conteúdo de Bardin, que abrange as seguintes fases: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. Com a análise final dos resultados, reunimos um panorama das contribuições da clínica fonoaudiológica bilíngue para as famílias de surdos, com a finalidade de torná-las visíveis para que, no dia a dia, vivenciem uma maior socialização com outros familiares de surdos. É fundamental conscientizar a família de que o contato precoce com a língua de sinais pelo(a) filho(a) surdo(a) proporcionará o acesso ao português escrito como segunda língua, percebendo a importância de sua função social, bem como estimular sua participação em cursos de Libras. Com esse aprendizado, essas famílias se capacitarão para interagir com pessoas adultas surdas e para usar a língua de sinais na terapia fonoaudiológica, em casa, na escola e em outros ambientes. Portanto, esta pesquisa orienta as famílias sobre a importância do seu papel no desenvolvimento das possibilidades e habilidades do(a) filho(a) surdo(a).

Palavras-chave: Família de surdos. Bilinguismo. Orientação fonoaudiológica.

BARBOSA, MARCELA GOMES. **Contribuciones de lo fonoaudiólogo sobre el bilingüismo de las familias de personas sordas: una revisión bibliográfica.** 2025. 135p. Tesis (Doctorado en Ciencias del Lenguaje)-Escuela de Educación y Humanidades, Programa de Posgrado en Ciencias del Lenguaje, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2025.

RESUMEN

En la actualidad, percibimos que el bilingüismo para personas sordas sigue configurándose como un escenario desafiante para los investigadores involucrados con esta temática, especialmente si consideramos la importancia del desarrollo del lenguaje en las personas sordas. En este sentido, es necesario hablar sobre la contribución de los profesionales de la Fonoaudiología junto a las familias de personas sordas, quienes, en sus discursos, se presentan como invisibles en sus prácticas, es decir, sin incluir a la familia en el proceso terapéutico. Los estudios sobre el bilingüismo son una temática más reciente, ya que la formación que circulaba en los primeros años de existencia de la ciencia fonoaudiológica promovía casi exclusivamente el desarrollo de la comunicación oral. Sin embargo, observamos un crecimiento en el uso del implante coclear para personas sordas en Brasil, incluso con su oferta por el Sistema Único de Salud (SUS). No obstante, para aquellos que no tuvieron acceso a dicha tecnología, surgió el trabajo de los fonoaudiólogos con el bilingüismo, ampliando la importancia de la Lengua Brasileña de Señas (Libras) y el derecho de las personas sordas a ser bilingües, aprendiendo el portugués como segunda lengua. De esta manera, la presente investigación tuvo como objetivo general analizar las contribuciones de los fonoaudiólogos en relación con las orientaciones sobre el bilingüismo para las familias de personas sordas, en el período de 2013 a 2025. Adoptamos como referencial teórico a Cavalcanti e Barbosa, Flores y Almeida, Grosjean, Guarinello *et al.*, Guarinello e Lacerda, Mariani, Quadros, Sousa, Triviños, Vygotsky, entre otros. Elegimos como metodología la investigación cualitativa, teniendo como procedimiento técnico la investigación bibliográfica. Los datos fueron recolectados en línea en las bases de datos SciELO, BDTD y UNICAP en el período de 2013 a 2025. Además, utilizamos como fundamento la teoría del análisis de contenido de Bardin, que abarca las siguientes fases: pre-análisis, descripción analítica e interpretación inferencial. Con el análisis final de los resultados, reunimos un panorama de las contribuciones de la clínica fonoaudiológica bilingüe para las familias de personas sordas, con el fin de posibilitarles una mayor socialización en su vida cotidiana con sus pares y/o demás familiares. Se busca concienciar a la familia de que el contacto temprano del/de la hijo(a) sordo(a) con la lengua de señas permitirá el acceso al portugués escrito como segunda lengua, además de hacerles comprender su función social, no solo concienciándolos sobre la importancia de la Libras, sino también incentivándolos a asistir a un curso de lengua de señas. Además, interactuar con personas adultas sordas, usar la lengua de señas en la terapia fonoaudiológica, en casa, en la escuela y en otros entornos. Por lo tanto, esta investigación orienta a las familias sobre la importancia de su papel en el desarrollo de las posibilidades y habilidades de su hijo(a) sordo(a).

Palabras clave: Familia de personas sordas. Bilingüismo. Orientación fonoaudiológica.

BARBOSA, MARCELA GOMES. **Contributions of speech-language pathologists regarding bilingualism for families of deaf people: a literature review.** 2025. 135p. Thesis (Doctor in Linguistic Science) - School of Humanities and Education. Graduate Program in Linguistic Science. Catholic University of Pernambuco, Recife, Brazil, 2025.

ABSTRACT

Nowadays, we realize that bilingualism for deaf people still offers a challenging scenario, according to the researchers involved in the topic. This is especially true if we consider the importance of the language development of deaf people. In order to achieve our goal, we need to talk about the contribution of professionals in Speech Therapy along with families who have deaf members. According to these professionals, these families are invisible in their practice; in other words, the families are not included in the therapeutic process. Studies on bilingualism are a more recent topic, for the training that circulated in the early years of speech-language pathology advocated almost exclusively the development of oral communication. On the other hand, we have observed an increase in the use of cochlear implants for the deaf in Brazil, especially through the Unified Health System (SUS). However, for those who did not have access to such technology, it emerged the work of Speech Therapist with bilingualism. They amplified the importance of Brazilian Sign Language and the rights of the deaf community to become bilingual, learning Portuguese as their second language. Thus, the present research had as its general objective to analyze the contributions of speech-language pathologists regarding guidance on bilingualism for families of deaf individuals, from 2013 to 2025. We adopted as theoretical frameworks Cavalcanti and Barbosa, Flores and Almeida, Grosjean, Guarinello *et al.*, Guarinello e Lacerda, Mariani, Quadros, Sousa, Trivinões, Vygotsky, among others. We chose qualitative research as the methodology, with bibliographical research as the technical procedure. Data were collected online from the SciELO, BDTD and UNICAP databases, from 2013 to 2025. Data analysis was based on Bardin's content analysis theory, which encompasses the following phases: pre-analysis, analytical description, and inferential interpretation. With the final analysis of the results, we gathered an overview of the contributions of the bilingual speech-language pathology clinic to families of deaf children, aiming to enable them to experience greater socialization with their peers and/or other family members in their daily lives. The goal is to raise awareness among families that early exposure to sign language for their deaf child will enable access to written Portuguese as a second language, in addition to recognizing its social function. This not only raises awareness of the importance of Brazilian Sign Language, but also encourages them to attend a Brazilian Sign Language course. Furthermore, the child must interact with deaf adults and use sign language in speech-language therapy, at home, at school, and in other settings. Therefore, this research guides families on the importance of their role in developing the possibilities and abilities of their deaf child.

Keywords: Deaf family. Bilingualism. Speech therapy guidance.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplo do fascículo de orientação de linguagem	25
Quadro 2 - Classificação do perfil auditivo da criança de acordo com OMS(2014).....	60
Quadro 3 - Graus da surdez e suas características	61
Quadro 4 - Modalidades trabalhadas na clínica fonoaudiológica bilíngue.....	68
Quadro 5 - Distribuição do corpus das pesquisas selecionadas	78
Quadro 6 - Apresentação geral das pesquisas encontradas nas bases de dados.....	81
Quadro 7 - Pesquisas encontradas na base de dados eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO)	85
Quadro 8 - Pesquisas encontradas na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).....	94
Quadro 9 - Pesquisas encontradas na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações(BDTD) com referência científica do corpus das pesquisas da Pós-Graduação em Ciências da Linguagem de uma universidade comunitária	98
Quadro 10 - Estratégias propostas na clínica fonoaudiológica bilíngue para famílias de surdos referentes às pesquisas na base de dados da SciELO	106
Quadro 11 - Estratégias propostas às famílias de surdos referentes ao bilinguismo na base de dados da BDTD	110
Quadro 12 - Estratégias propostas para família de pessoas surdas constantes nas pesquisas da base de dados da UNICAP	112
Quadro 13 - Contribuições fonoaudiológicas para estimulação da linguagem do(a) filho(a) surdo(a) no dia a dia diante do bilinguismo	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASI	Aparelho de Amplificação Sonora Individual
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAS	Centro de Apoio ao Surdo
CFF	Conselho Federal de Fonoaudiologia
GRÃO	Grupo de Reabilitação Auditiva e Orientações da Universidade Federal de Minas Gerais
IC	Implante Coclear
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
L1	Aquisição da Língua Brasileira de Sinais como Primeira Língua
L2	Aquisição da Língua Portuguesa como Segunda Língua
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SUS	Sistema Único de Saúde
TIHP	Toronto Infant Hearing Program
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - ESTADO DA ARTE - A EXISTÊNCIA DE PESQUISAS DE FONOAUDIÓLOGOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO PARA OS PAIS: LEVANTAMENTO DOS TRABALHOS ENCONTRADOS	22
CAPÍTULO 2 - A INTERFACE EPISTEMOLÓGICA DE LEV SEMIONOVICH VYGOTSKY	28
2.1 Lev Semionovich Vygotsky, linguagem e o sociointeracionismo: contribuições para aquisição e desenvolvimento da linguagem de pessoas surdas	28
2.1.1 Vygotsky e a aquisição da linguagem pela pessoa surda	33
2.1.2 Proposta educacional de Vygotsky	35
CAPÍTULO 3 - BILINGUISMO E SUAS ESPECIFICIDADES: A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA NESSE CONTEXTO	37
3.1 Conhecendo o bilinguismo, o seu contexto e as pessoas surdas	37
3.2 O bilinguismo para pessoas surdas: aspectos teóricos	39
3.3 Principais dificuldades da operacionalização do bilinguismo para surdos no Brasil	43
3.4 A singularidade da primeira língua (L1) e da segunda língua (L2) para pessoas surdas	45
3.5 Fases de aquisição da língua de sinais por crianças surdas e língua portuguesa por crianças ouvintes em contexto inclusivo	47
3.6 As características do processo de aquisição/aprendizagem da língua portuguesa escrita como (L2) de pessoas surdas	50
CAPÍTULO 4 - A FAMÍLIA DE PESSOAS SURDAS	55
4.1 A representação do diagnóstico para as famílias: contato inicial com a realidade	55
4.2 Explicando o que é a surdez e suas possibilidades para os familiares	59
4.3 Primeiros passos para compreensão da proposta do trabalho fonoaudiológico: razões que poderão orientar a vida do (a) filho (a) surdo (a) ..	64
CAPÍTULO 5 - A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA BILÍNGUE NA ATUALIDADE: O QUE AS PESQUISAS REVELAM	66
5.1 Ambiguidades do atendimento fonoaudiológico: principais tendências e	

justificativas dos trabalhos publicados no Brasil	71
5.1.1 Por que atendimento bilíngue?.....	71
5.1.2 O implante coclear nesse cenário	72
5.2 Destacando o programa de apoio à família de pessoas surdas desde o momento do diagnóstico no Canadá	73
5.2.1 O trabalho realizado no Canadá.....	73
CAPÍTULO 6 - METODOLOGIA.....	77
6.1 O corpus da pesquisa.....	78
6.1.1 Critérios de inclusão	78
6.1.2 Critérios de exclusão	79
6.2 Procedimentos de coleta dos dados	79
6.3 Procedimentos de análise dos dados	79
CAPÍTULO 7 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	81
7.1 Demonstrativo das pesquisas reunidas nas bases de dados da SciELO, da BDTD e da UNICAP	81
7.2 Resultados e discussões das pesquisas organizadas nas bases de dados da SciELO, da BDTD e da UNICAP	84
7.3 Resultados e discussões das categorias temáticas nas bases de dados da SciELO, da BDTD e da UNICAP.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXO A.....	133

INTRODUÇÃO

Ao longo de nossa trajetória de iniciação científica, graduação e pós-graduação *stricto sensu*, pesquisamos acerca da temática do surdo e seu contexto familiar. Na pesquisa da dissertação de mestrado, trouxemos o panorama do discurso dos pais, no qual observamos a marca da invisibilidade deles, a partir da confirmação do diagnóstico do(a) filho(a) surdo(a), uma vez que geralmente desconhecem o que é a surdez, quais as possibilidades de encaminhar o desenvolvimento do(a) seu(sua) filho(a) surdo(a) e onde procurar os meios para ajudá-lo(a) na sua vida acadêmica e social.

Nessa ocasião, a presença do fonoaudiólogo, que é constante, junto ao otorrinolaringologista, assume geralmente o trabalho que pode ser feito daí por diante, seja para a habilitação/reabilitação da comunicação oral, seja para a adoção de filosofias, como a comunicação total ou o bilinguismo.

Sabemos que o Recife, mesmo sendo considerado um polo de grande evolução médica, quase não dispõe de alternativas para o desenvolvimento de atenção precoce para a evolução do surdo, embora trate de implantados cocleares.

A legislação brasileira adotada em níveis federal, estadual e municipal do Recife é emanada pelo Ministério da Educação em todo o Brasil. Nesse sentido, através da Lei n. 10.436/02 e do Decreto n. 5.626/05, determina a filosofia educacional bilíngue para surdo. Essa opção orienta que a língua de sinais seja adotada como primeira língua (L1); e a língua portuguesa oral e/ou preferencialmente escrita, como segunda língua (L2).

Do ponto de vista educacional, em 11 de fevereiro de 2015, foi instituído o Decreto n. 28.587, que orienta acerca do funcionamento das salas regulares bilíngues para surdos, a partir da alfabetização, na Rede Municipal de Ensino do Recife. Considerando o Decreto Municipal citado acima, no seu art. 1º, são direcionadas as salas regulares bilíngues “às crianças, aos jovens e aos adultos com surdez, com surdez associadas a outras deficiências, cujos pais dos estudantes, se menor, ou o estudante, maior de idade, optarem por esse serviço no ato de matrícula”. É uma iniciativa da oferta de um trabalho com classes bilíngues, na rede municipal, a partir da alfabetização.

De acordo com as inquietações decorrentes de entrevistas realizadas no mestrado, identificamos famílias vulneráveis, umas sem orientação, outras com

orientações simplórias e algumas outras revoltadas com a prática ineficaz da legislação, sem ter acessibilidade linguística, desconhecendo quase tudo sobre o bilinguismo, prática adotada no Brasil para a educação dessas crianças.

Percebemos que, além do apoio emocional, os pais de surdos careciam de orientações sobre a caracterização do que é a “surdez”, as causas, a intervenção precoce, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, as abordagens linguísticas, educacionais e terapêuticas, o aprendizado bilíngue da língua de sinais (L1) e da língua portuguesa (L2), o funcionamento e envolvimento familiar, a socialização, a convivência com pessoas surdas, os direitos legais, a presença de outros profissionais e o emprego de recursos tecnológicos.

Diante desse contexto, surgiu o seguinte questionamento: quais contribuições do fonoaudiólogo bilíngue para surdos podem ser direcionadas às suas famílias?

Com tal indagação, elaboramos o objetivo geral: analisar as contribuições de fonoaudiólogos acerca das orientações sobre o bilinguismo para as famílias de pessoas surdas, no período de 2013 a 2025. Em seguida, estabelecemos, os objetivos específicos, os quais são: a) Identificar a frequência atual de pais de surdos que reconhecem a importância da participação no desenvolvimento do(a) seu/sua filho(a); e b) Avaliar pesquisas acerca de contribuições fonoaudiológicas da filosofia bilíngue para o desenvolvimento de surdos, entre os anos de 2013 a 2025, que devem ser oferecidas aos pais.

A família configura-se como o primeiro grupo social de qualquer pessoa, constituindo um ambiente favorável para adquirir e desenvolver suas primeiras experiências e aprendizagens. Compreende-se que, a partir da confirmação do diagnóstico da surdez, o acolhimento e a orientação dos pais/responsáveis são fundamentais para o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem da criança surda (Paula; Pereira, 2014).

É oportuno afirmar que a chegada de um novo membro na família representa um momento de expectativas, idealizações, mas quando os pais recebem a notícia de “que um dos filhos tem características distintas do padrão culturalmente reconhecido como ‘normal’, a estrutura de funcionamento dessa família, inevitavelmente, se rompe” (Glat; Pletsch, 2004, p. 1). Por isso, os pais passam por diferentes fases, que geram sentimentos e emoções dolorosas e pode perdurar por longos anos.

O que agrega ao profissional da Fonoaudiologia conhecer os aspectos emocionais da família? Segundo Bolosco e Santos (2005), observar as reações, as expectativas e os sentimentos dos pais gera subsídios para o fonoaudiólogo elaborar e fornecer orientações mais adequadas para as famílias dessas crianças surdas com perda auditiva. Em vista disso, ampliamos essa colocação para todos os profissionais envolvidos nas diversas esferas de atendimento.

Telford e Sawrey (1998, p. 146) afirmam que “as metas para o aconselhamento são de natureza intelectual, emocional e comportamental”. Esses autores (1998) também refletem que, na esfera intelectual, que os pais demandam ainda mais informações acerca do diagnóstico, das causas, dos recursos, dos serviços, da educação assistencial, do tratamento e do prognóstico do seu filho.

Como os problemas emocionais vão permear suas vidas, essas famílias continuam sob tensão por um bom tempo. Portanto, o aconselhamento adequado permite, através de orientações, modificação para que o sofrimento seja minimizado, e, então o comportamento dos pais começa a mostrar a necessidade de ajudar o filho, que é seu.

No momento do recebimento do diagnóstico, ocorrem as reações de luto e decepção, as quais que permeiam cada pessoa da família. Essas pessoas vivenciam tal experiência dolorosa, que pode influenciar na constituição e no desenvolvimento do surdo.

Entendemos que a família é primordial no processo inclusivista do(a) filho(a) surdo(a), primeiramente, porque precisamos incluí-lo(a) na família juntamente com os sistemas sociais gerais. Silva e Bastos (2013) afirmam que a família tem o papel primordial para a interação e socialização da criança surda, e é através desse primeiro contato social que a criança encontrará maneiras particulares de se perceber e perceber o mundo em que vivem.

Nesse contexto, as relevantes concepções provenientes de Vygotsky que norteiam toda a prática de atenção às pessoas com deficiência, tais como: surdo, cego, surdocego, deficiência intelectual.

De acordo com Frazão (2017), Lev Vygotsky, após formado em Direito, voltou para Gomel, na Bielorrússia, onde escreveu críticas literárias, e proferiu palestras sobre temas de psicologia em várias escolas e publicou um estudo sobre os métodos de ensino da literatura nas escolas secundárias.

Nessa mesma cidade, fundou uma revista e um Laboratório de Psicologia no Instituto de Treinamento de Professores, onde ministrava cursos de Psicologia. E, para auxiliar o desenvolvimento dessas crianças, escolheu a pesquisa sobre a compreensão dos processos mentais humanos, publicando, em 1924, o trabalho “Problemas da Educação de Crianças Cegas, Surdas-mudas e Retardadas¹”, que podemos tomar como exemplo para compreender e trazer, como fonoaudiólogos, de forma bem compreensível para os pais sobre as possibilidades dos filhos.

Portanto, a partir daí, quando dialogam acerca da pessoa com deficiência, eles percebem o lugar do aproveitamento das possibilidades para a pessoa surda, a cega, a surdocega e a pessoa com deficiência intelectual. Com os estudos vygotskyanos acerca da defectologia moderna, um novo olhar surge sobre as pessoas com algum tipo de limitação, quando há a adaptação de instrumentos, possibilitando a estimulação da potencialidade, da habilidade e, conseqüentemente, da independência dessas pessoas. Vygotsky (1997) destaca argumentos singulares acerca das diferenças. Diante do interesse e da curiosidade em pesquisar, dedicou-se a esse campo, revolucionando a esfera tradicional da época e alargando o conhecimento da defectologia tradicional para a defectologia contemporânea.

A relevância dos estudos de Vygotsky reside em adaptar as informações para desenvolver as habilidades das pessoas com alguma dificuldade, pois foram além das questões meramente orgânicas. Desse modo, as reflexões de Vygotsky, em sua curta passagem pela vida, são uma excelente proposta para que pessoas com limitações possam ter o direito de superar seus obstáculos e de viver como cidadãos úteis na sociedade.

Seguindo com os acontecimentos que nortearam a orientação da educação de surdos, vale destacar que, ao longo dos anos, a história da pessoa surda foi entrelaçada por várias lutas, reivindicações e conquistas de diversos aspectos, entre as quais as aquelas de cunho político, social, cultural, linguístico e educacional.

O trabalho com a pessoa surda ou outras minorias linguísticas demanda que os docentes e/ou terapeutas orientem as famílias para que atuem na sociedade e participem da rotina de vida, juntamente com as demais pessoas.

Com o foco de corroborar as pesquisas científicas, esta tese procura contribuir para que o fonoaudiólogo bilíngüe acolha e direcione as famílias de

¹ Cabe ressaltar que esse termo era possível de ser utilizado naquela época.

pessoas surdas. Como teorizam Guarinello e Lacerda (2007), o profissional da Fonoaudiologia é responsável por orientar as famílias a partir do recebimento da comunicação do diagnóstico de que o filho é surdo.

Segundo o site do Conselho Regional de Fonoaudiologia da 4ª Região, a Fonoaudiologia é uma ciência que estuda a comunicação humana e o seu desenvolvimento. O Conselho Regional de Fonoaudiologia (2007) ressalta que o fonoaudiólogo tem competência para orientar e aconselhar sobre diversos aspectos da atuação fonoaudiológica, esclarecendo pacientes, clientes, familiares e cuidadores. Desse modo, desenvolvem ações que abrangem a escuta profissional, a explicação, a instrução, a demonstração, a proposição de alternativas e a verificação da eficácia das ações propostas. Para essa orientação, o fonoaudiólogo deve escutar e esclarecer os problemas existentes e suas consequências.

Os pais e os filhos participantes desse processo carecem, o mais precoce possível, de informações acerca das possibilidades linguísticas. Nesse sentido, devem ser orientados de que, paralelamente, nos primeiros anos de vida, o vínculo, a interação, o laço familiar, a linguagem estão sendo estabelecidos, ou seja, as primeiras sensações na vida intrauterina, o gesto, a expressão facial, o olhar, a melodia e a voz são significativos na interação com os seus pares. Portanto, é importante considerar:

[...] a afetividade como fonte de interconexões dos estímulos sociais, interacionais e por que não considerar que o fortalecimento do vínculo afetivo ocorre desde a vida intrauterina, na barriga da mãe. Esse vínculo afetivo nas interações de comunicação mãe-bebê é crucial para a aquisição da linguagem. Para as crianças surdas filhas de pais ouvintes, a aquisição da linguagem fica prejudicada, já que, em geral, a criança só tem acesso à língua de sinais tardiamente (Barbosa; Sampaio; Sousa, 2021, p. 212).

Nesse contexto, o outro com quem interage é essencial na construção da estruturação linguística, refletindo assim sobre a concepção sociointeracionista que defendemos na presente tese.

Segundo Barbosa (2019), ao fazermos referência à comunicação do surdo, consideramos que o fonoaudiólogo é um dos principais responsáveis por esse desenvolvimento. Mas estudos apontam que, na maioria das vezes, encontramos profissionais que não esclarecem as famílias acerca das possibilidades da aquisição e do desenvolvimento da linguagem do(a) filho(a).

Quando falamos da abordagem bilíngue, as lacunas são imensas, como a formação dos profissionais que atuam junto ao surdo, além da escassez da participação das famílias na proposta de desenvolvimento do filho.

A Constituição Federal do Brasil (1988), em seu art. 205, determina que a educação seja para todos, sendo dever do Estado e da família promovê-la e incentivá-la, com a colaboração da sociedade, objetivando o desenvolvimento, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

O Decreto n. 5.626/05, no seu art. 2º afirma que “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras”. E, com relação ao deficiente auditivo, podemos dizer que ambos têm perda auditiva, embora este último apresente perdas menores. O que queremos enfatizar nessa colocação é a diferença de como o profissional percebe a pessoa surda: numa perspectiva linguística e cultural; ou numa visão patológica, posta pela área da saúde.

Vale destacar que o direcionamento e a reflexão da presente tese são pautados na ressignificação da concepção médica. Nesse sentido, a partir do diagnóstico, procura-se ter um olhar mais humanizado em relação ao outro. E pensando na perspectiva socioantropológica diante da pessoa surda, destacam-se a valorização da cultura surda, a diferença, a adoção da Língua de Sinais como primeira língua e a aprendizagem do bilinguismo, possibilitando assim participação do surdo em seu contexto social.

O Decreto n. 5.626/05, no Capítulo 7, garante o direito à saúde e, conforme o art. 25, inciso VIII, preconiza “as orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa”.

Nossa proposta de pesquisa está direcionada pelos seguintes teóricos: Cárnio, Couto e Lichtig (2000), Cavalcanti e Barbosa (2022), Flores e Almeida (2017), Grosjean (1992, 1997, 1999), Guarinello e Lacerda (2007), Guarinello *et al.* (2013, 2015), Lodi (2000), Mariani *et al.* (2016), Moura (2000), Quadros (1997), Rego (2000), Sousa (2009, 2014), Vygotsky (1997, 2000, 2001, 2007, 2010, 2011, 2022), entre outros. E, com base nisso, é composta por sete capítulos, a saber.

No primeiro capítulo, evidenciamos o estado da arte, ou seja, a existência de pesquisas de fonoaudiólogos sobre a importância de orientação para os pais,

constituindo assim um levantamento dos trabalhos encontrados.

No segundo capítulo, que intitulamos “A interface epistemológica de Lev Semionovich Vygotsky”, trouxemos as contribuições dos princípios do sociointeracionismo e sua aplicabilidade para a pessoa surda e o seu contexto, através da voz do psicólogo bielorusso.

O terceiro capítulo, denominado de “Bilinguismo e suas especificidades: a Libras e a Língua Portuguesa”, apresenta a gênese do bilinguismo e sua importância para a aprendizagem da pessoa surda entre os seus distintos conceitos, e seguindo as reflexões da teoria da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e suas etapas de aquisição pela criança surda. Além disso, descreve as características do processo de aquisição e aprendizagem da Língua de Sinais (L1) e da Língua Portuguesa (L2) pelos surdos.

No quarto capítulo - “A família de pessoas surdas”, contemplamos uma temática geracional de grandes reflexões diante do contexto da microcultura surda, tornando-o visível no processo terapêutico com orientação fonoaudiológica.

Já o quinto capítulo trata sobre “A clínica fonoaudiológica bilíngue na atualidade: o que as pesquisas revelam”. Nele encontramos um cenário desafiador referente à prática dos profissionais da Fonoaudiologia com as famílias de pessoas surdas, na atualidade.

O sexto capítulo, por sua vez, é constituído pela metodologia em que são apresentados os aspectos acerca do tipo de pesquisa, do *corpus* da pesquisa, dos critérios de inclusão da pesquisa, dos procedimentos de coleta e de análise dos dados.

No sétimo capítulo, por fim, dialogamos acerca dos resultados e da discussão dos dados e, em seguida, apresentamos as considerações finais e as referências.

Na sequência, tratamos das relevantes reflexões diante da criação desta tese.

CAPÍTULO 1 - ESTADO DA ARTE - A EXISTÊNCIA DE PESQUISAS DE FONOAUDIÓLOGOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO PARA OS PAIS: LEVANTAMENTO DOS TRABALHOS ENCONTRADOS

Neste primeiro capítulo, reunimos pesquisas vinculadas às contribuições do fonoaudiólogo para os pais que podem auxiliar e gerar novas reflexões na clínica no trabalho com a pessoa surda e sua família, diante das considerações do bilinguismo para surdo.

Dias *et al.* (2023), em sua pesquisa intitulada *Grupo de orientação a pais de crianças em terapia fonoaudiológica de linguagem*, tiveram como objetivo descrever a elaboração das atividades em um grupo de orientação a pais de crianças submetidas à terapia fonoaudiológica de linguagem, bem como e mensurar esse efeito no conhecimento dos pais a respeito da Fonoaudiologia e do desenvolvimento de linguagem.

O estudo metodológico foi realizado com um grupo de orientação fonoaudiológica, dividido em oito encontros semanais, com duração de 30 minutos cada, além de aplicar dois questionários, com o objetivo de verificar o conhecimento dos participantes a respeito da Fonoaudiologia e do desenvolvimento de linguagem infantil, antes do primeiro encontro e imediatamente após o último encontro. Os dados foram tabulados e descritos conforme a frequência absoluta e a relativa, além da média e do desvio padrão para as variáveis contínuas.

Os resultados da pesquisa obtidos foram que a frequência da presença nos encontros variou de 62,5% a 100% entre as sete mães participantes. Antes dos encontros, todas as participantes afirmaram saber pouco ou nada sobre o desenvolvimento de linguagem. Observou-se também que as participantes mudaram suas respostas a respeito do conhecimento de desenvolvimento de linguagem e as áreas da Fonoaudiologia após a participação no grupo.

Pode-se concluir que a criação do grupo demonstrou ser uma estratégia positiva para prover informações específicas sobre linguagem para as mães, a fim de favorecer o desenvolvimento comunicativo de seus filhos.

A pesquisa de Jesus *et al.* (2023), intitulada *Família, surdez e terapia fonoaudiológica na abordagem bilíngue*, buscou compreender o efeito discursivo da mediação fonoaudiológica na família e suas implicações para as interações da pessoa surda.

A metodologia empregada foi de estudo de caso, com análise de conteúdo de Bardin. Os participantes foram uma criança surda de 11 anos e sua família na Clínica de Fonoaudiologia de uma universidade do sul do país.

Pode-se concluir que a mediação do profissional da Fonoaudiologia ajudou a família a ressignificar as formas de interação com o filho e a dar valor à Língua de Sinais, havendo assim impacto no desenvolvimento da linguagem do sujeito surdo e colaborando com o fortalecimento de sua identidade e cultura própria.

Além disso, foi possível perceber os efeitos negativos trazidos pela pandemia, que dificultou o acompanhamento fonoaudiológico e acarretou regressão quanto aos aspectos já trabalhados. Também pode-se perceber, na análise, que o lugar de mediador do fonoaudiólogo é importante para a inclusão educacional e social.

Bravo (2021), em sua pesquisa denominada do *Programa de orientação fonoaudiológica aos pais de crianças surdas para estimulação de leitura e escrita*, procurou caracterizar o conhecimento dos pais de crianças surdas sobre a alfabetização de seus filhos, bem como as práticas de letramento dessas famílias, elaborando um programa de orientação a pais ou responsáveis por crianças com surdez sobre estimulação de leitura e escrita.

Os participantes da pesquisa foram dezoito pais e responsáveis de crianças surdas (de 04 a 14 anos), matriculadas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental II. A maioria das crianças apresentava perda auditiva de grau severo a profundo (88,88%) e se comunicava por fala e Libras (44,44%).

Houve a aplicação de um questionário eletrônico, via Google Forms, divulgado nas redes sociais, com questões abertas, fechadas e mistas, a fim de mapear as práticas de letramento que ocorriam em casa, o tipo de orientação de que necessitavam e quais as melhores possibilidades para o formato do programa de orientação fonoaudiológica, bem como sua utilidade para os entrevistados.

Com os resultados da pesquisa, observou-se que as crianças eram parcialmente alfabetizadas (44,4%) ou analfabetas (27,8%); e que os pais ajudavam seus filhos a realizarem as tarefas escolares, bem como liam para seus filhos em casa (94,4%). A maioria dos pais estimulava a leitura e a escrita dos seus filhos em casa, com imagens ou com textos (82,4%), mas não sabiam como uma criança surda aprende a ler e a escrever (55,6%). A maioria dos participantes (94,4%) mencionou que gostaria de saber como estimular seus filhos quanto à leitura e à escrita.

Também solicitaram que o material fosse baseado em animações e encaminhado por WhatsApp, o que foi feito. A partir dessas informações, foi elaborado um material informativo, por meio da plataforma Powtoon o qual constou de duas animações, que abordavam a evolução da escrita, as características da escrita da pessoa com surdez e o processo de estimulação de leitura e escrita. O material foi encaminhado aos pais por WhatsApp. Os pais relataram que o programa os auxiliou a pensar em novas formas de estimular a leitura e a escrita de seus filhos, sendo, por isso, avaliado positivamente.

A pesquisa concluiu que a maioria dos pais tinha interesse em estimular a leitura e escrita de seus filhos, mas não sabia como fazê-lo. A estimulação oferecida em casa se baseava em mostrar figuras e textos, além de ler livros de história para as crianças, que eram, em sua maioria, analfabetas ou parcialmente alfabetizadas. Como o material elaborado abordou questões de aquisição da leitura e escrita, foi considerado como útil pelos pais.

Azevedo *et al.* (2021) desenvolveram a pesquisa denominada *Conhecimentos básicos de pais de crianças submetidas a tratamento fonoaudiológico quanto à audição e linguagem*, a qual teve como objetivo investigar o conhecimento de pais de crianças submetidas a tratamento fonoaudiológico quanto ao desenvolvimento auditivo e de linguagem oral.

Foi realizado um estudo de caráter qualitativo, com aplicação de questionário estruturado. Os participantes da pesquisa foram 23 pais de crianças em atendimento fonoaudiológico em uma Clínica Escola de Fonoaudiologia do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

Segundo os resultados encontrados na pesquisa, foi observado que, ao todo, 69,5% demonstraram desconhecimento sobre a época em que a criança deve começar a reagir aos sons. A maioria dos participantes acredita que a deficiência auditiva pode acarretar problemas na fala, na voz, no comportamento, além de problemas escolares e emocionais. Do mesmo modo, a maioria demonstrou ter conhecimento sobre a idade em que a criança deve apresentar as primeiras palavras.

No entanto, o mesmo não pôde ser observado em relação à questão da data limite para ocorrência de trocas fonológicas. Vale destacar que 82,6% relataram não ter recebido orientações sobre o desenvolvimento da audição e da linguagem oral.

Diante da conclusão da pesquisa, pode-se observar que os pais de crianças

menores de 5 anos apresentam pouco conhecimento sobre os marcos do desenvolvimento da linguagem oral e do comportamento auditivo, havendo falha quanto à orientação por parte dos profissionais sobre essas questões, o que reforça a necessidade da criação de métodos efetivos para esse fim.

Begrow *et al.* (2020) trazem a seguinte temática *Língua de Sinais e Fonoaudiologia Bilíngue na Atenção ao Surdo em tempos de COVID – 19*. O artigo foi desenvolvido durante o período de pandemia do Coronavírus, trazendo algumas orientações sobre o momento vivido naquele período. Uma delas é acerca de higiene adequada dos equipamentos (aparelhos auditivos), nos quais se deve usar álcool isopropílico ou ainda alguns desumidificadores elétricos com luz ultravioleta, que auxiliam no cuidado e na higiene mais apurada. Também aponta utilização de jogos e atividades lúdicas variadas acessíveis em Língua de Sinais.

Além da informação sobre o momento vivido – pandemia do Coronavírus, essa pesquisa explica os cuidados e, ao mesmo tempo, como diminuir o estresse causado pelo isolamento social. O artigo selecionou vários endereços eletrônicos para orientar e esclarecer o momento atual, além de algumas atividades para surdos de diversas idades.

Ferreira-Donati e Deliberato (2020) escreveram o artigo *Orientações de um Programa de Educação Familiar Continuada em Linguagem*, no qual apresentaram as Orientações de um Programa de Educação Familiar Continuada em Linguagem (PEC), temática desenvolvida no mestrado de Ferreira (2006). É um estudo com orientações escritas e ilustradas, que pode auxiliar o trabalho do profissional da Fonoaudiologia em seu trabalho clínico junto às famílias de crianças com diferentes condições de fragilidade na linguagem.

A elaboração dos fascículos ocorreu em um processo contínuo de adequação, que ocorreu em oito encontros, distribuídos em treze semanas, e contou com a participação de mães de crianças com atrasos globais do desenvolvimento, as quais se encontravam presencialmente a cada quinze dias com a pesquisadora.

A seguir, apresentamos a descrição do conteúdo dos fascículos.

Quadro 1 - Exemplo do fascículo de orientação de linguagem

Fascículo 1: Por que muitas crianças têm dificuldades de comunicação?

Orientação: Não há. Sendo o primeiro fascículo, há conteúdo destinado a estabelecer conexão com o leitor e a apresentar brevemente o programa.

<p><u>Fascículo 2:</u> Como ocorre o desenvolvimento da linguagem na criança? <u>Orientação:</u> Posicionar-se na mesma altura da criança; falar devagar; esperar a resposta da criança.</p>
<p><u>Fascículo 3:</u> Por que a linguagem é importante para o desenvolvimento da criança? <u>Orientação:</u> Demonstrar interesse frente às tentativas de comunicação da criança; esperar e ouvir; fazer perguntas curtas.</p>
<p><u>Fascículo 4:</u> Qual é a importância da audição na comunicação da criança? <u>Orientação:</u> Nomear e apresentar itens e ações; identificar e indicar a fonte sonora de ruídos.</p>
<p><u>Fascículo 5:</u> Quem pode ajudar a criança a desenvolver a comunicação? <u>Orientação:</u> Usar frases claras, curtas e objetivas, em conjunto com gestos; atentar-se aos comportamentos não verbais da criança; fazer perguntas curtas e diretas; esperar a resposta.</p>
<p><u>Fascículo 6:</u> A alimentação é importante no desenvolvimento da comunicação? <u>Orientação:</u> Fazer brincadeiras de movimento com a criança e ensinar verbos de ação associados; brincar utilizando jogos de encaixe; brincar de imitar ações em faz de conta; utilizar músicas preferidas da criança para ensiná-la a perceber diferentes ritmos, melodias, entonações, novas palavras e conceitos.</p>
<p><u>Fascículo 7:</u> Como os pais e a família podem ajudar a criança no desenvolvimento da comunicação? <u>Orientação:</u> Brincar de faz de conta para ensinar à criança novas palavras e para resolver problemas; ler para a criança e indicar as palavras escritas, estimulando-a a prestar atenção à fala do adulto.</p>

Fonte: Ferreira-Donati e Deliberato (2020).

Pereira *et al.* (2017), por sua vez, destacam os *Indicadores para uma proposta de orientação a familiares de crianças com alterações de linguagem em atendimento fonoaudiológico*, cujo objetivo é apresentar um levantamento de indicadores para elaboração de uma proposta de orientação a familiares de crianças com alterações de linguagem em atendimento fonoaudiológico, baseada na compreensão das suas necessidades.

Para isso, foi realizado um estudo qualitativo com entrevistas semiestruturadas. Os participantes foram compostos de 22 familiares de crianças entre 2 e 11 anos. Após a análise das entrevistas, obteve-se o resultado de 18 indicadores, especificando, para cada um deles, objetivos e sugestões de condutas.

Nos resultados obtidos, a partir desses indicadores, uma proposta de intervenção foi construída para ajudar o profissional a atender as necessidades dos familiares, com base nas suas perspectivas.

Diante da conclusão dessa pesquisa, afirmamos que a literatura conta com poucos estudos sobre intervenções fonoaudiológicas com famílias. Logo, esse estudo considerou as demandas dos familiares para enfatizar a importância de acolher a família e assegurar o respeito às singularidades do paciente e de seus

familiares.

Lima *et al.* (2016) desenvolveram a pesquisa *Projeto para acolhimento, informação e suporte a familiares de crianças surdas*. O objetivo foi o de atender às demandas e necessidades das famílias de crianças surdas, criando espaço para discussão e esclarecimento, além de propiciar-lhes assistência.

Nesse projeto direcionado a essas famílias, realizaram atividades desenvolvidas vislumbrando ações de caráter informativo e vivência direta com os familiares. Também realizaram atividades específicas com os familiares de crianças surdas já em atendimento no Centro Docente Assistencial de Fonoaudiologia (CEDAF), clínica escola do curso de Fonoaudiologia, como reuniões informativas, oficinas de Libras, espaço para trocas de experiências, palestras, etc.

Além disso, o presente projeto oferece apoio quanto ao conhecimento da legislação da qual o surdo é beneficiário, às possibilidades de uso de recursos tecnológicos, bem como esclarecimentos sobre escolarização, entre outras questões.

Também demanda a inclusão dos estudantes de Fonoaudiologia, já que eles atuam em forma de plantão a fim de atenderem a população que busca orientação e auxílio quanto à surdez, refletindo assim sobre a importância da assistência aos pais para o desenvolvimento da criança surda, o que pode atuar de forma positiva sobre o processo.

Conclui-se, com essa pesquisa, que se fazem necessárias maiores discussões para ampliar o acesso das famílias às informações, visto que estas são fundamentais para a tomada de qualquer decisão. Além disso, acredita-se na necessidade premente de ações que visem a mudança cultural e social sobre a pessoa surda, retirando-a do espectro das deficiências e inserindo-a numa sociedade que acolhe, aceita e respeita as diferenças. Sendo assim, acredita-se que é por meio da informação que os sujeitos se empoderam e, assim, promovem transformação.

A seguir, o capítulo 2 apresenta o direcionamento teórico vygotskyano.

CAPÍTULO 2 - A INTERFACE EPISTEMOLÓGICA DE LEV SEMIONOVICH VYGOTSKY

Neste segundo capítulo, abrimos o diálogo sobre o principal sustentáculo teórico do estudo da linguagem, nesse sentido, ampliando as considerações da fundamentação acerca do revolucionário Lev Semionovich Vygotsky.

Podemos considerar que as reflexões aqui descritas são como agente de transformação para as pessoas com singularidade no processo linguístico e educacional, em especial, da pessoa surda. Paralelamente, lembramos que o ponto principal dessa pesquisa é o embasamento teórico acerca da filosofia bilíngue para surdos e registramos, de forma breve, outro ponto que fundamenta a pesquisa de que ora tratamos.

Conforme a legislação brasileira, a Lei n. 10.436/02 e o Decreto n. 5.626/05 orientam sobre o uso da Libras e a adoção do bilinguismo para a pessoa surda. Conforme o bilinguismo, a primeira língua (L1) é a Língua de Sinais, sendo a Língua Portuguesa, preferencialmente a escrita, como (L2), ou seja, segunda língua.

A seguir, aprofundamos as considerações de Lev Semionovich Vygotsky que suscitam os fundamentos epistemológicos da nossa pesquisa.

2.1 Lev Semionovich Vygotsky, linguagem e o sociointeracionismo: contribuições para aquisição e desenvolvimento da linguagem de pessoas surdas

O legado científico do revolucionário Vygotsky foi perpassado ao longo dos anos, apesar da sua partida tão precoce. Em 1896, Vygotsky nasceu na Bielorrússia, que fazia parte da União Soviética, na pequena cidade de Orsha, perto da capital bielorrussa, Minsk. Originário de família tradicional judia, os seus estudos foram realizados, inicialmente, em seu domicílio com a dedicação de tutores. Foi estudioso em várias áreas do conhecimento, como Direito, História, Psicologia, Pedagogia, Literatura, Filosofia, Medicina, e aprendeu diversas línguas.

Em seu percurso na dimensão intelectual, dedicou-se à elaboração de duzentos trabalhos científicos que abordavam diversas temáticas relacionadas acerca a crianças com algum tipo de limitação, como surdez, cegueira, surdocegueira, deficiência intelectual severa, entre outras. Em 1934, faleceu

acometido da tuberculose (Coelho; Pisoni, 2012; Rego, 2000; Rodriguero, 2000).

Com a sua curiosidade intelectual reflexiva, Vygotsky participou de um grupo de estudos, juntamente a Luria e Leontiev, naquela época, na Universidade de Moscou, instalada na capital da Rússia, uma vez que buscava nova perspectiva para atuar junto às pessoas com severas limitações. Naquele período, existiam a psicologia da ciência natural e a psicologia da ciência mental. A seguir, vemos esses conceitos.

A psicologia da ciência natural [...] essa tendência relaciona-se com a psicologia experimental, que procurava aproximar seus métodos daqueles das outras ciências experimentais (física, química, etc.), preocupando-se com a quantificação de fenômenos observáveis e com a subdivisão dos processos complexos em partes menores, mais facilmente analisáveis. De outro lado havia a psicologia da ciência mental [...] essa segunda tendência coloca a psicologia como sendo mais próxima da filosofia e das ciências humanas, como uma abordagem descritiva, subjetiva e dirigida a fenômenos globais, sem preocupação com a análise desses fenômenos em componentes mais simples (Oliveira, 1997, p.22-23).

Por isso, a literatura retrata que o objetivo central de Vygotsky compreendia construir uma *nova psicologia*, que era incluir “o homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico” (Oliveira, 1997, p. 23). Em seus estudos, ele criou essa nova abordagem através da síntese dessas duas vertentes psicológicas existentes na época, com o advento de compreender os processos psicológicos.

O que a nova abordagem traz como as cinco principais ideias do pensamento de Vygotsky em toda sua obra? Segundo Rego (2000, p. 41-43), são elas:

a) A primeira consiste na relação indivíduo/sociedade, defendendo que a característica tipicamente humana não está presente desde o nascimento nem é o produto final das pressões do meio externo. Elas são o resultado da interação dialética a qual, à medida que o homem interage com o meio, transforma e é transformado;

b) A segunda remete à origem cultural das funções psíquicas, que começam nas relações do indivíduo com o seu contexto cultural e social, considerando a cultura como parte da constitutiva da natureza humana;

c) A terceira é a base biológica do funcionamento psicológico que é o cérebro, reconhecido não só como o órgão principal da atividade mental, mas

também como, um sistema imutável e fixo;

d) A quarta se refere à mediação que está presente em toda atividade humana, e os instrumentos técnicos e os sistemas de signos são construídos historicamente, fazendo a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é considerada um signo mediador por excelência, por carregar em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura. Como também é através dos instrumentos e signos que os processos de funcionamento psicológicos são fornecidos pela cultura;

e) A quinta é a análise psicológica, capaz de conservar as características básicas dos processos psicológicos.

Diante da perspectiva histórico-cultural vygotskyana, a linguagem é “a premissa de que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura” (Rego, 2000, p. 93).

Assim, a linguagem é concebida através da interação entre as pessoas, marcadas por um modo social e histórico. Por isso, no ponto de vista de Vygotsky, o desenvolvimento humano ocorre por meio de trocas mútuas, que se estabelecem durante toda a vida entre o indivíduo e o meio. Cada aspecto instiga o outro.

Quando falamos nas funções básicas da linguagem, Vygotsky (2001) e Oliveira (1997) apresentam duas principais funções, a de intercâmbio social e a de pensamento generalizante.

A função de intercâmbio social possibilita a comunicação com os seus semelhantes, que o homem cria e em que utiliza os sistemas de linguagem. Essa comunicação é bem visível em um bebê que está começando a aprender a falar, ele ainda não é capaz de compreender as sentenças, ou seja, o significado preciso das palavras, mas é possível expressar o seu desejo, emoções mediante sons, gestos e expressões. A outra função é de pensamento generalizante; aqui a linguagem ordena o real, reúne as classes de objetos, os eventos e as situações de categorias iguais.

A concepção do significado das palavras como unidade simultânea do pensamento generalizante e do intercâmbio social é de um valor incalculável para o estudo do pensamento e da linguagem. Permite-nos uma verdadeira análise genético-causal, um estudo sistemático das relações entre o desenvolvimento da capacidade intelectual da criança e do seu desenvolvimento social (Vygotsky, 2000, p. 13).

Passamos a contemplar outro aspecto importante da obra de Vygotsky acerca do desenvolvimento humano: a chamada Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), considerada uma interconexão que envolve o desenvolvimento e a aprendizagem. E, pensando nessa interação entre o desenvolvimento que movimenta o processo de aprendizagem, Vygotsky (2007) elabora o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

“O nível de desenvolvimento real consiste nas funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados” (Vygotsky, 2007, p. 57). As funções psicológicas do ser humano se estabelecem como resultado de construções já efetivadas, ou seja, é o nível do desenvolvimento mental em que o indivíduo se encontra.

Já o nível de desenvolvimento potencial é o momento em que a pessoa recebe a instrução de um adulto ou de outra pessoa experiente para solucionar algum problema. Portanto, essa pessoa demanda da mediação do outro para resolver determinada atividade.

Sendo assim, Vygotsky, pensando na existência desses dois níveis de desenvolvimento (real e potencial), conceitua a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), considerando a distância entre os dois níveis de desenvolvimento do ser humano descritos agora. Desse modo, o hoje é o nível de desenvolvimento real; amanhã, o indivíduo poderá realizar com assistência; e, no futuro, será capaz de produzir sozinho (Vygotsky, 2007).

Para esse autor (2007, p. 58), a Zona de Desenvolvimento Proximal, conhecida como (ZDP), é:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

A Zona de Desenvolvimento Proximal conceitua as funções que não amadureceram, porém estão em processo de maturação; as funções amadurecerão, todavia estão em estágio embrionário. Pode-se denominar que as funções são “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, em vez de frutos do desenvolvimento (Vygotsky, 2007).

Ademais, quando enfatizamos a linguagem de pessoas surdas bilíngues, consideramos as contribuições dos princípios da nova defectologia descrita por Lev Semionovich Vygotsky (1997), pois apresenta uma visão positiva da potencialidade da pessoa com algum tipo de dificuldade, excluindo assim as barreiras existentes para aquisição e desenvolvimento de suas habilidades através dos processos compensatórios, ou seja, estratégias para seu aprendizado como relata em sua obra *Fundamentos da Defectologia*. Antes de Vygotsky trazer esse novo olhar para o termo “defectologia”, o campo de estudo visava ao defeito, como também o trabalho era baseado na dificuldade na pessoa. A criança com deficiência tinha o grau de intelecto quantificado por métodos psicológicos que mensuravam o crivo anatômico e fisiológico, ou seja, suas barreiras eram avaliadas meramente de forma quantitativa.

Um postulado teórico essencial, desenvolvido por Vygotsky, é todo o relacionado com a compensação, a qual, assinalava, devia ser uma compensação social do defeito e não simplesmente biológica, opondo-se, dessa forma, a que a compensação se alcance somente a partir do desenvolvimento do ouvido e do tato etc., mas a partir da complexa dinâmica e condições inter-relacionadas em que se apresenta a vida material, no meio da qual se educa a criança. Por exemplo: o tato no sistema da conduta do cego e a visão no surdo não desempenham o mesmo papel que nas pessoas que veem e ouvem normalmente; os deveres do tato e da visão com respeito ao organismo e suas funções são outras (Vygotsky, 2022, p. 22).²

Dainez e Smolka (2014), em seu artigo intitulado “O conceito de compensação no diálogo de Vygotsky com Adler: desenvolvimento humano, educação e deficiência”, destacam o termo sobre compensação diante das considerações de Vygotsky. O revolucionário Vygotsky traz uma visão acerca da compensação social a partir da ótica histórico-cultural, em que o referido termo foi trazido como metodologia da educação, tendo como princípio a inserção da pessoa com deficiência na vida laboral, nos diferentes espaços de atividade do cotidiano. Sendo assim, desloca-se de um ensino baseado nas questões orgânicas e, em contrapartida, defende uma instrução orientada para o desenvolvimento do potencial do ser humano.

A seguir, refletimos acerca da singularidade da linguagem de pessoas surdas

² Tradução do Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE).

diante da teorização de Lev Semionovich Vygotsky.

2.1.1 Vygotsky e a aquisição da linguagem pela pessoa surda

Nos anos 1970, o sociointeracionismo de Lev Semionovich Vygotsky ganha força; sua perspectiva enfoca o social, situando a criança nas trocas de experiências linguísticas, entre outras. Segundo Vygotsky *et al.* (2010, p. 114), a “linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam”, porque, mais tarde, se converte em linguagem interna e transforma-se em função mental interna, concebendo caminhos primordiais para o pensamento da criança.

A principal função é a de intercâmbio social: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem [...]. Para que a comunicação com outros indivíduos seja possível de forma sofisticada, [...] é necessário que sejam utilizados signos, compreensíveis por outras pessoas, que traduzam ideias, sentimentos, vontades, pensamentos, de forma bastante precisa. [...] É esse fenômeno que gera a segunda função da linguagem: o pensamento generalizante. A linguagem ordena o real, agrupando todas as ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos, situações, sobre uma mesma categoria conceitual (Oliveira, 1997, p. 42- 43).

De fato, limitar o pensamento diante da pessoa surda ocorre conforme Vygotsky (2022, p. 54) descreve:

A surdez como um defeito orgânico, analisada exclusivamente do ponto de vista do desenvolvimento físico e da formação da criança, não é uma insuficiência muito grave. [...]. Porém, a mudez provocada por esse defeito, a ausência da linguagem humana, a impossibilidade de dominar o idioma, criam uma das complicações mais graves de todo o desenvolvimento cultural.

Além disso, Vygotsky (2011, p. 868) faz uma analogia entre a pessoa cega e a pessoa surda diante da aquisição da linguagem.

[...] Os cegos e os surdos-mudos são como um experimento natural que demonstra que o desenvolvimento cultural do comportamento não se relaciona, necessariamente, com essa ou aquela função orgânica. A fala não está obrigatoriamente ligada ao aparelho fonador; ela pode ser realizada em outro sistema de signos, assim

como a escrita pode ser transferida do caminho visual para o tátil.

O autor continua sua analogia referente à pessoa cega: a escrita visual é substituída pela percepção tátil – o sistema Braille permite compor todo o alfabeto por meio de diferentes combinações de pontos em relevo, além do acesso ao ler tocando esses pontos na página; e escrever perfurando o papel e marcando nele ponto em relevo. No caso da pessoa surda, o sistema de datilologia (ou alfabeto manual) permite substituir, por signos visuais e diversas posições das mãos, os signos sonoros do nosso alfabeto e assim compor no ar uma escrita especial, que a pessoa surda-muda lê com os olhos (Vygotsky, 2011).

Apesar de Vygotsky utilizar os termos descritos acima, que são inadequados nos dias atuais, ressalto sua importância na visão que teve em ir além das questões orgânicas, pensando na ressignificação da diferença da pessoa, em especial, da pessoa surda.

Em Brasil (2006), consta que a pessoa tem dois sistemas para produção e reconhecimento da linguagem. O primeiro é o sistema sensorial, que faz uso da anatomia visual/auditiva e vocal (línguas orais); e o segundo é o sistema motor, que faz uso da anatomia visual e da anatomia da mão e do braço (língua de sinais). Pode-se dizer que essa via é a língua natural dos surdos, pois realiza a emissão através de gestos e com estrutura sintática própria. No caso da aquisição da linguagem de pessoas surdas, o sistema motor que está alterado seria o sistema sensorial (audição).

Sendo assim, por questão sensorial, a pessoa surda é impedida de adquirir, de forma natural, a língua oral, por isso, lança mão de formas alternativas de apropriação da linguagem fazendo uso de processos cognitivos e simbólicos visuais. Desse modo, a linguagem e o pensamento são processos interdependentes e se desenvolvem e se alimentam mutuamente (Brasil, 2006).

Além disso, Vygotsky (2000) e Palangana (1998) descrevem as raízes genéticas ligadas ao pensamento e à linguagem, que são divididas em quatro estágios do desenvolvimento das operações mentais.

O primeiro estágio é o pré-intelectual, caracterizado pelo momento do balbúcio, choro e riso. Em relação ao pensamento pré-verbal, este se caracteriza pela manifestação intelectual e rudimentar, associada à manipulação de instrumentos.

O segundo estágio é o das experiências psicológicas ingênuas, etapa em que a criança interage com o seu próprio corpo, com objetos e pessoas à sua volta. É o momento em que a criança domina a sintaxe da fala antes de dominar a sintaxe do pensamento.

No terceiro estágio, o dos signos exteriores, o pensamento da criança está atrelado às operações externas, das quais se apropria para resolução de problemas internos, por exemplo, faz cálculos aritméticos simples usando os signos, como dedos ou objetos, etc. Também é considerado o desenvolvimento da fala, podendo ser chamado de período da fala egocêntrica.

O quarto estágio, denominado de crescimento interior, é o momento de interiorização das operações externas. Neste último estágio, o desenvolvimento da linguagem é considerado pela falta interior ou silenciosa. O pensamento e a linguagem estão interiorizados, mas continua a existir uma constante interação entre as operações internas e externas.

Podemos dizer que os estágios vygotskyanos acima descritos são relevantes para o desenvolvimento das operações mentais, porém observamos que não são determinados de maneira cronológica e, sim, dependem da dimensão social dos envolvidos.

Como sabemos, esse autor refletiu acerca da linguagem, tendo como base sua perspectiva histórico-cultural, na qual o ser humano adquire suas experiências através da interação com seus pares. Assim, seguimos com a possibilidade educacional diante da perspectiva de Lev Semionovich Vygotsky.

2.1.2 Proposta educacional de Vygotsky

A temática da surdez nas considerações iniciais de Vygotsky para educação de surdos foi discutida a partir de dois principais meios de socialização e comunicação dos surdos: a oralização e a língua de sinais, que era inicialmente favorável à primeira, considerando a língua de sinais limitada diante das trocas sociais com as pessoas ouvintes e para a elaboração de conceitos. Todavia, suas últimas reflexões acerca do desenvolvimento e da educação de surdos trouxeram um novo posicionamento, segundo o qual “la poliglosia (domínio de diferentes formas de lenguaje) constituye el camino ineludible y más fructífero para el

desarrollo lingüístico y la educación del niño sordomudo” (Vygotsky, 1997, p. 353).³

O artigo intitulado “Educação de surdos e Teoria Histórico-Cultural: os paradigmas presentes na obra de L. S. Vygotsky”, dos autores Silva, Abreu e Pedroza (2024, reuniu alguns dos principais textos do autor referentes à surdez. Tratando-se de educação de surdos, destacamos ainda dois outros textos: o primeiro intitulado “Princípios da educação social das crianças surdas”, referente ao ano de 1925. Nessa época, Vygotsky defendia a ideia da pedagogia de educação social para pessoas surdas, entrelaçada com a filosofia oralista, pois desaprovava a língua de sinais, considerando-a uma forma primitiva de comunicação entre os surdos. Defendia a tese de que “é necessário organizar a vida da criança de tal maneira que a linguagem lhe seja necessária e interessante, enquanto a mímica não seja nem interessante, nem necessária para ela” (Vygotsky, 1997, p. 125). O segundo texto, publicado em 1931, tem a seguinte temática: “O coletivo como fator para o desenvolvimento da criança com deficiência”, em que ocorre o início das mudanças diante das reflexões epistemológicas de Vygotsky referentes ao surdo e à língua de sinais, devido ao fracasso da filosofia oralista e à consolidação e ao amadurecimento de sua teoria acerca da linguagem e do pensamento, como vemos na citação a seguir:

Apesar de todas as boas intenções dos pedagogos, a luta da linguagem oral contra a mímica, em geral, termina sempre com a vitória da mímica, não porque esta seja, do ponto de vista psicológico, a verdadeira linguagem do surdo-mudo. Nem porque seja mais fácil – como muitos pedagogos afirmam –, mas sim porque constitui uma linguagem autêntica em toda a riqueza de seu significado funcional (Vygotsky, 1997, p. 231).

Diante dos argumentos de Vygotsky, outros teóricos impulsionaram suas pesquisas baseadas na perspectiva histórico-cultural, tais como Goldfeld (2002), Lacerda (1998) e Quadros (1997).

No próximo capítulo, tratamos acerca da gênese do bilinguismo e seus principais conceitos e contextos relacionados a pessoas surdas.

³ A poliglossia (domínio de diferentes formas de linguagem) constitui o caminho inevitável e mais frutífero para o desenvolvimento linguístico e a educação da criança surda.

CAPÍTULO 3 - BILINGUISMO E SUAS ESPECIFICIDADES: A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA NESSE CONTEXTO

Nos distintos acervos epistemológicos, encontramos os conceitos acerca do bilinguismo e das línguas que o compõem. Neste capítulo, trazemos definições que embasam teoricamente a temática desta pesquisa.

Para Megale (2005), o bilinguismo é um termo complexo, que envolve várias concepções. Flores e Almeida (2017) refletem que o bilinguismo não consiste na proficiência idealizada, e, com o passar dos anos, essa concepção mudou, pois agora considera falante bilíngue aquela pessoa que possui competência linguística em, pelo menos, duas línguas. Segundo Grosjean (1997, p. 165), “apesar da grande variedade de pessoas bilíngues, todos têm uma coisa em comum: levam a vida com duas (ou mais) línguas”. Levando em consideração a pesquisa de Serafim (2022, p. 33):

Os estudos acerca do bilinguismo começaram a consolidar-se a partir do surgimento da Linguística como ciência, o que permitiu a ampliação de investigações acerca do tema, a partir de áreas distintas dentro do campo dos estudos da linguagem.

No decorrer deste capítulo, trazemos diversos conceitos e argumentos a respeito do bilinguismo e das ideias de diferentes pesquisadores.

3.1 Conhecendo o bilinguismo, o seu contexto e as pessoas surdas

Segundo Grosjean (1997) descreve em seu artigo “The bilingual individual”, o bilinguismo consiste no uso de duas ou mais línguas, ou dialetos, no dia a dia, sendo que pode apresentar níveis diversos de proficiência. Já para Flory e Souza (2009), comunicar-se em outras línguas favorece a interação com outros povos e outras culturas, potencializando assim a esfera de ordem pessoal e profissional do indivíduo.

A percepção de Grosjean (1997) é a de que as pessoas bilíngues apresentam diferentes variáveis, sendo elas: idade, sexo, condição socioeconômica e educacional. Além disso, apesar da versatilidade das pessoas bilíngues, há algo em comum entre elas: o uso de duas ou mais línguas, sem que necessitem ter o mesmo

nível de proficiência.

No artigo intitulado “El derecho del niño sordo a crecer bilíngüe”, Grosjean (1999, p. 2-3) afirma que:

O bilinguismo da criança surda envolve a língua de sinais, utilizada pela comunidade surda, e a língua oral, utilizada pela maioria ouvinte. Esta última é adquirida na forma escrita e, quando possível, na forma falada. Em cada criança, as duas línguas desempenharão papéis diferentes: em algumas crianças, predominará a linguagem gestual; em outras, predominará a língua oral; e em outras, haverá certo equilíbrio entre as duas línguas.

Segundo Flores e Almeida (2017), as definições acerca do bilinguismo foram sofrendo modificações, pois, antes, consideravam uma pessoa bilíngüe aquela que possuía o domínio perfeito de duas línguas. Atualmente, a terminologia bilíngüe é dirigida aos falantes que possuem competência linguística basicamente em duas línguas (ou mais) línguas. Essa competência pode variar de diversas maneiras, diferentes idades, contextos e proficiências.

Voltando para as ideias de Flores e Almeida (2017), o artigo das autoras denominado “Bilinguismo” versa acerca da aquisição precoce de duas línguas. Essa aquisição apresenta especificidades que podem ser descritas quando a criança é exposta a mais de uma língua no seu cotidiano. Igualmente, descreve dois momentos, o primeiro é o bilinguismo simultâneo e o segundo, o sucessivo.

Quando nos referimos ao bilinguismo simultâneo, uma criança tem contato com duas línguas desde o nascimento, ou pouco tempo depois. Quanto ao bilinguismo sucessivo, Flores e Almeida (2017, p. 288-289) refletem que:

O bilinguismo sucessivo refere-se ao processo de aquisição consecutiva de duas línguas. O indivíduo já adquiriu ou está a adquirir a sua primeira língua (L1) quando é exposto a uma segunda língua (L2). Uma questão central é, pois, perceber a partir de que momento se deixa de falar de bilinguismo simultâneo e se passa a designar um contexto de aquisição como sendo sucessivo.

Visando à reflexão acerca do bilinguismo, encontramos, no artigo “Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas”, referências a múltiplas concepções conceituais; e outros confirmam os achados dos estudos. Dessa maneira, Marcelino (2009) diz que o bilinguismo, diante do contexto brasileiro, traz as seguintes considerações: o bilinguismo simultâneo, o bilinguismo consecutivo e o bilinguismo

consecutivo de infância (pessoas formadas pelas escolas bilíngues brasileiras). Esse autor considera ainda que o bilinguismo simultâneo ocorre quando a pessoa cresce em contato com duas línguas desde a primeira infância e que “o bilinguismo consecutivo é aquele no qual as crianças aprendem a (L2) segunda língua em contexto diferente de escola bilíngue, possivelmente em institutos de idiomas com aulas duas vezes por semana”. O perfil desse aluno não inclui um conteúdo de aprendizagem em duas línguas de instrução.

Já no bilinguismo consecutivo da infância, Marcelino (2009, p. 13) descreve “a característica principal: a exposição precoce a uma segunda língua (L2)”. No seu texto “Educação Bilíngue no Brasil”, Megale (2005, p. 25) recomenda:

Mediante práticas pedagógicas intencionais desenvolvidas por professores preparados para atuar nesses contextos, é preciso apostar na possibilidade de desconstrução de categorias binárias e hierarquizadas que levariam a possíveis diálogos, visando à construção de relações mais equânimes em nossa sociedade.

Sendo assim, as ideias postas no artigo “Bilinguismo: aquisição, cognição e complexidade”, dos pesquisadores de Vian, Weissheimer e Marcelino (2016, p. 405) dizem que podemos refletir acerca dos seguintes argumentos, a) “Todos que falam duas línguas são bilíngues; b) É possível crescer falando-se duas línguas, ou ainda e; c) Aprender primeiramente uma língua nativa e, na sequência, outra língua”.

Os autores do parágrafo acima ainda “retratam que existem outros nomes para aquisição simultânea, são eles: aquisição na infância e aquisição precoce”. A aquisição consecutiva tem a “existência de outros nomes, tais como aquisição tardia e aquisição sucessiva”.

Assim, na sequência, dialogamos sobre o marco teórico do bilinguismo para surdos.

3.2 O bilinguismo para pessoas surdas: aspectos teóricos

Quando tudo começou? A gênese do bilinguismo para surdos ocorreu no país nórdico chamado Suécia, na década de 1980. Segundo Moura (2000), foi o primeiro país a começar a implantação dos estudos acerca do bilinguismo. Em 1981, a língua de sinais sueca foi reconhecida oficialmente, diferiu da Língua Brasileira de Sinais em 2002, através da Lei n. 10.436, com uma diferença de 21 anos.

Ao refletirmos acerca do reconhecimento de uma língua, percebemos que isso vai além, ou seja, inclui a aceitação de uma história, de uma cultura, como também a especificidade de um grupo linguisticamente minoritário, se podemos assim dizer.

Um ponto a ser destacado é que, para Serafim (2022), na década de 1960, os estudos desenvolvidos sobre o bilinguismo vivenciado pelo surdo, através do pesquisador William Stokoe, possibilitou o reconhecimento da língua de sinais americana (ASL), uma língua de sinais/gestos, como língua, igual às conhecidas línguas orais brasileiras.

Ainda de acordo com Moura (2000), no ano de 1983, foi sugerido um novo currículo nas escolas de surdos, não só com a oferta da língua sueca na modalidade escrita, como também com os alunos seguindo com os estudos na perspectiva bilíngue. Em 1989, houve um critério na seleção de docentes, a saber, ter o conhecimento previamente da Língua de Sinais Sueca.

Além disso, os estudos foram se aprofundando, o que determinou a necessidade de contratar professores surdos que tivessem sido “capacitados”. Mas isso ainda não era suficiente, então os professores voltaram para a universidade, estudaram a Língua de Sinais, especificamente a sua estrutura, gramática, como também seus princípios educacionais e filosóficos, o que marcou a implantação do bilinguismo.

Segundo Goldfeld (2002), na França, no século XVIII, foi criada a primeira escola para as pessoas surdas que moravam pelas ruas da cidade de Paris, sendo o seu criador Abade L’Epée, que obteve excelentes resultados ao utilizar o uso de sinais e/ou senhas metódicas.

Lembrando a historicidade educacional de surdos no Brasil, esta foi marcada pelas filosofias oralista, de comunicação total e do bilinguismo.

Em primeiro lugar, o oralismo propunha a estimulação exclusiva da linguagem oral. Nesse sentido, tentava a aproximação da “normalidade” das pessoas ouvintes (Goldfeld, 2002). Na sequência, a filosofia da comunicação total, segundo Ciccone (1996), tem como base teórica a não exclusão de técnicas e recursos, tais como estimulação auditiva, adaptação de aparelho de amplificação sonora individual, leitura labial, oralização, leitura e escrita, entre outros.

Mainieri (2011, p. 97) acrescenta que a filosofia da comunicação total “defende a utilização simultânea de todos os recursos linguísticos, orais ou visuais,

sem preocupação hierárquica, privilegiando a comunicação, e não apenas a língua”, mas priorizando a oralidade.

O modelo de educação bilíngue contrapõe-se ao modelo oralista porque considera o canal viso gestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda. E contrapõe-se à comunicação total porque defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional; por isso advoga que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha suas características próprias e que não se “misture” uma com a outra. Nesse modelo, o que se propõe é que sejam ensinadas duas línguas, a língua de sinais e, secundariamente, a língua do grupo ouvinte majoritário (Lacerda, 1998, p. 10).

A visão educacional possibilitou o entendimento da pessoa surda além da normalidade, ou seja, percebeu que o surdo tem uma língua predominantemente visual – Língua Brasileira de Sinais (Libras), bem como trouxe a questão histórica, a social, a cultural e a linguística dessa minoria.

Sousa (2014) acrescenta outros aspectos acerca do bilinguismo, como a construção de uma identidade saudável e uma cultura pautada na língua em uso, promovendo um ambiente educacional e um ensino-aprendizagem acessíveis e com melhores condições.

Uma época memorável para a comunidade surda brasileira foi a chegada do bilinguismo ao Brasil na década de 1990. Nesse sentido, para Probst (2022, p. 88), “o bilinguismo começou a ganhar força a partir da década de 1980 e, no Brasil, a partir de 1990”. A autora salienta que o bilinguismo não é um método educacional, como também não é uma proposta nova, considerando o bilinguismo “como uma proposta de socialização e inclusão do indivíduo surdo às comunidades ao seu entorno, sejam essas comunidades surdas ou ouvintes”.

O bilinguismo vem de uma raiz do movimento de surdo no âmbito educacional, pois, para Tostes e Lacerda (2020, p. 546), “os Estudos Surdos se constituíram no deslocamento das representações da surdez pelo viés clínico-terapêutico para o olhar da diferença e para a promoção de uma educação para surdos que considerasse seus direitos e necessidades”.

O bilinguismo, quando surgiu no Brasil, trouxe várias mudanças, não apenas no que se refere ao uso de duas línguas (Língua de Sinais e língua portuguesa), mas também quanto ao surdo e à Língua Brasileira de Sinais no que concerne ao respeito pelas minorias linguísticas e por suas identidades. Dessa maneira,

alinhamo-nos ao que defendem Cárnio, Couto e Lichtig (2000) quando consideram que o bilinguismo é mais do que duas línguas, pois trata também de uma mudança de postura política, cultural, social e educacional. Nesse sentido, vale ressaltar que a história educacional de pessoas surdas tem sido marcada por diversas lutas e reivindicações pelo direito linguístico e cultural, pelo respeito e pela liberdade em se comunicar na língua de sinais.

A legislação brasileira, através da Lei n. 10.436/02 e do Decreto n. 5.626/05, orienta a adoção do bilinguismo para surdos, sendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e a língua portuguesa (L2), como segunda língua, preferencialmente na modalidade escrita.

Segundo Silva (2019, p. 147), “o tipo de bilinguismo vivido pela comunidade surda apresenta algumas especificidades relacionadas ao uso de duas línguas de modalidades diferentes e à condição da surdez”. Já de acordo com Moura (2015, p. 30), “o bilinguismo é fundamental, entre outros fatores, por se preocupar em garantir às crianças surdas a aquisição de uma primeira língua”.

Nesse contexto, Probst (2022, p. 89) ressalta que “o bilinguismo entende a surdez como diferença linguística e não como uma deficiência a ser normalizada por meio da reabilitação”.

[...] Conceitos que tratam o bilinguismo a partir de uma relação minoritária *versus* majoritária, elite *versus* popular e questões relativas a identidade e cultura. Já que a comunidade surda, como um grupo minoritário linguístico-cultural, ocupa espaços de maioria dominante ouvinte, logo suas questões linguísticas perpassam relações de poder e afirmações identitárias que são necessárias para o entendimento do seu bilinguismo (Serafim, 2022, p. 35-36).

Quadros (1997), Lacerda (1998) e Lodi (2000) dialogam que a Libras é uma língua minoritária, mas dialogam que a mesma é natural, ou seja, é pertencente à comunidade surda como (L1). É uma língua visuoespacial, e a comunidade surda adquirem suas experiências e conhecimentos por mediação dela.

Baseado em Grosjean (1992, 2008 *apud* Silva 2019, p. 146), “o bilinguismo dos surdos é um tipo de minoria em que se utiliza geralmente a LS da comunidade surda local e a língua majoritária, seja na modalidade escrita e/ou falada”.

O acesso à língua majoritária, em sua modalidade escrita, também se faz necessário devido à sua função sociointerativa, pois é através

dela que funcionam as instituições sociais de um país, além de ser o seu contato com a sociedade letrada através da leitura de jornais, consultas médicas, desenvolvimento de currículos, entre outros (Serafim, 2022, p. 37- 38).

Os estudos de Serafim (2022) instigam diversas reflexões através da dissertação intitulada *Políticas linguísticas para o ensino bilíngue de alunos surdos em Portugal e no Brasil: a partir do final do século XX*. Entre os seus capítulos dissertativos, há os que retratam a necessidade de as crianças surdas conviverem com outros surdos devido ao pertencimento ao mesmo grupo social linguístico, ou seja, à sua homogeneidade linguística, tendo em vista o desenvolvimento identitário, cultural e linguístico em espaços comuns, como associações, projetos sociais, possibilitando assim aquisição da (L1), em seus aspectos cognitivo e linguístico. Todavia, desde o nascimento, a pessoa surda precisa ser imersa na cultura, na língua de seus pares, no entanto, o contexto social ocorre de forma distinta.

Serafim (2022) afirma que, na maioria das vezes, é através da escola que a pessoa surda tem o contato com a língua de sinais e o potencial de desenvolvê-la. Ela tem o papel principal no desenvolvimento linguístico, cultural e identitário na vida de qualquer pessoa. Observa-se que a maioria das pessoas surdas chega ao ambiente escolar sem o domínio da língua de sinais, como também sem a apropriação de qualquer língua. Sendo assim, fica como competência da escola proporcionar ao aluno surdo a aquisição e a aprendizagem da língua gestual portuguesa ou da língua de sinais.

A autora anteriormente citada ainda acrescenta que os dois países comungam com o fato de que o ensino seja ofertado na língua oficial do país e que seja concedida como segunda língua, em sua modalidade escrita; no Brasil, a língua oral será ofertada de forma opcional.

Prosseguindo, tecemos considerações acerca da realidade brasileira diante do praticismo do bilinguismo para pessoas surdas.

3.3 Principais dificuldades da operacionalização do bilinguismo para surdos no Brasil

Segundo Jesus (2019, p. 25), “os desafios para a implementação da educação de surdos na perspectiva bilíngue tornam-se hercúleos em razão,

sobretudo, da falta de operacionalização das leis por parte do governo federal”. O autor traz ainda a seguinte reflexão acerca da educação de surdos diante do bilinguismo: de todas as dificuldades, o que mais tem angustiado a comunidade surda está relacionado à falta de profissionais com formação e qualificação no ensino e na tradução da língua de sinais.

Jesus (2019) ressalta que, no Brasil, existem legislações que asseguram a filosofia bilíngue. Todavia, as leis estão restritas ao papel, não ocorrendo a sua execução nas escolas públicas brasileiras. Observam-se escolas em que os surdos são tratados na invisibilidade, sem profissionais, ou seja, muitas vezes sem intérpretes, sem professores com um mínimo de conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais, e que ensinam a língua portuguesa, por desconhecerem a língua dos surdos. Diante desse cenário, acaba o surdo desrespeitado em seus direitos linguísticos, uma vez que a sua primeira língua é a Libras, mas lhe é imposta uma educação sistematizada, baseada na oralidade e na língua portuguesa. Nota-se, portanto, uma incongruência entre o que o governo brasileiro fala e o que faz. Logo, o problema não se delimita à existência ou não de leis, mas, sobretudo, à falta de sua operacionalização.

Cavalcanti e Barbosa (2022) dialogam que toda escola necessita ter qualidade, estrutura e comprometimento com todos os envolvidos, além de profissionais qualificados, participação da família e de todos os agentes escolares, seja no sistema público ou no privado, etc. Além disso, Cavalcanti e Barbosa (2022) trazem algumas dificuldades encontradas no ambiente escolar, enfrentadas pelas famílias de pessoas com deficiência: a) falta de informações; b) falta de apoio; c) preconceitos; d) barreiras atitudinais; e) déficit na formação de docentes; f) discriminação; g) frustração; h) experiências dolorosas; i) desconhecimento dos pais acerca do conceito de inclusão; j) pais com dificuldade na comunicação com o filho devido à ausência de uma língua em comum; e k) escola e família apresentando relacionamento acusativo.

Para que todo esse processo aconteça, é necessário que haja a atuação e a participação do Estado não só para criar leis e políticas públicas (elas são importantes), mas para fazê-las realmente acontecer. A escola e a sociedade não se transformam pela simples existência de legislações; é preciso oportunizar reflexão sobre elas e oferecer recursos financeiros e humanos para que elas se efetivem. É fundamental que as legislações e políticas públicas sejam

pensadas com a participação de seu público-alvo para que as conquistas desses grupos não retrocedam e representem uma possibilidade de resgate de sua identidade. Somente tomado nessa perspectiva, o bilinguismo pode ser considerado uma política educacional inclusiva para os alunos surdos (Costa; Barbosa; Vieira; Souza, 2021, p. 4).

A seguir, apresentamos as etapas de aquisição da linguagem pela criança surda, bem como as características do processo de aquisição e aprendizagem da (L1) e da (L2).

3.4 A singularidade da primeira língua (L1) e da segunda língua (L2) para pessoas surdas

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) configura-se com a primeira língua para a criança surda e para apropriação da linguagem escrita em língua portuguesa, sua segunda língua.

Considera-se a Libras como modalidade visuoespacial e natural do surdo, pois possibilita a aquisição da segunda língua (L2) na modalidade oral e/ou escrita. Considerando a singularidade linguística da pessoa surda, trazemos alguns argumentos de diversas teorias de aquisição da linguagem e aprendizagem para dialogar com o bilinguismo, diante da especificidade da pessoa surda.

Relembrando que, em solo brasileiro, a língua de sinais foi reconhecida no ano de 2002, através da Lei n. 10.436, como a língua de comunicação dos surdos, recebendo respaldo por ser considerada um sistema linguístico com estrutura gramatical própria pelos órgãos oficiais. De fato, é uma língua proveniente da comunidade de pessoas surdas, através da qual podem expressar suas concepções.

Em seguida, no ano de 2005, o Decreto n. 5.626 regulamentou a Lei n. 10.436/02, citada no parágrafo anterior, oportunizando uma maior visibilidade para a disseminação da cultura de um povo minoritário linguisticamente, como o povo surdo.

Apesar de observarmos a existência de barreiras para aceitação da língua de sinais com seu estatuto e suas diferenças, por falta de conhecimento das características, concepções e por aceitação da modalidade que é visual-espacial, conforme Tostes e Lacerda (2020, p. 4), “o uso que faz de uma língua visual-gestual se dá justamente em respeito às suas possibilidades expressivas mais efetivas”.

Vale destacar que a resiliência do surdo no ambiente educacional favoreceu não só a disseminação da língua de sinais, como também a conquista da sua regulamentação, pois antes, quando o Brasil adotou a filosofia oralista, a comunicação através da língua de sinais era proibida, mas continuou a ser empregada pelos surdos.

Foi quando ocorreu em Milão, no ano de 1998, o II Congresso Mundial de Surdos-Mudos, no qual aprovaram o oralismo, acreditando ser o “melhor método para uso e ensino dos estudantes surdos”. Todavia, nesse Congresso, somente pessoas surdas não tiveram o direito de votar (Benedetto; Schlunzen; Santos, 2012, p. 52).

E, quando o Brasil adotou a filosofia oralista para educação de surdos, ocorreu, no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), um movimento de proibir os alunos de utilizarem a língua de sinais em sala de aula, mas eles a usavam no pátio e nos corredores. As crianças permaneciam, na maioria do tempo, recebendo treinamento oral, havendo com isso queda no nível de escolarização dos surdos (Goldfeld, 2002).

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) está localizado na cidade do Rio de Janeiro e é reconhecido como centro de referência nacional na área da surdez, sendo assim, reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). O INES:

Exerce os papéis de subsidiar a formulação de políticas públicas e de apoiar a sua implementação pelas esferas subnacionais de Governo. Como instituto de educação, atende estudantes desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, além de apoiar a pesquisa de novas metodologias para serem aplicadas no ensino da pessoa surda e atender a comunidade e os alunos nas áreas de fonoaudiologia, psicologia e assistência social. O Instituto ainda ajuda a inserir o cidadão surdo no mercado de trabalho por meio de ensino profissionalizante e estágios (INES, 2025, p. 1).

Sendo assim, o reconhecimento e a implantação da Libras como primeira língua do surdo foram fruto da ocorrência de diversos movimentos sociais e reivindicações da própria comunidade surda.

Estamos cientes de que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) recebeu respaldo científico, refletido anteriormente, como um sistema linguístico de característica gramatical própria como qualquer outra língua, com sistemas sintático (estrutura), semântico (significado), morfológico (formação de palavras), fonológico

(unidades que constituem uma língua) e pragmático (contexto conversacional) (Karnopp; Quadros, 2001).

A Libras apresenta ainda outras singularidades, tais como: a produtividade/criatividade, possibilitando ao estudante surdo constituir uma sentença de diferentes formas através das regras dessa língua; a flexibilidade/versatilidade, já que, através da língua de sinais, dialogamos acerca de diferentes temáticas; a descontinuidade, que é a diferença mínima entre as palavras e os seus diversos significados; e a arbitrariedade da palavra e do sinal que compõem o signo linguístico (Gesser, 2009).

Destacamos, no entanto, que “as pesquisas sobre as línguas de sinais têm demonstrado quão complexa, completa, abstrata e rica pode ser uma modalidade gestual visual de língua” (Brito, 1995, p. 29).

3.5 Fases de aquisição da língua de sinais por crianças surdas e língua portuguesa por crianças ouvintes em contexto inclusivo

A linguagem é fruto da interação com o meio em que a pessoa vive. Desde os seus primeiros anos de vida, o vínculo, a interação, a linguagem são estabelecidos com os seus semelhantes. O outro se torna essencial no alicerce e na construção da modalidade linguística. Como sabemos, para Vygotsky *et al.* (2010, p. 114), “a linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam”. Depois, converte-se em linguagem interna, transforma-se em função mental interna, concebendo caminhos primordiais para o pensamento da criança.

Conforme Quadros (1997), descrevemos, a partir de agora, os períodos de aquisição da linguagem de crianças surdas, quais sejam: período pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e estágio das múltiplas combinações.

O período pré-linguístico é constituído de vocalização e balbucio, ou seja, inicia-se desde o nascimento até por volta dos 14 meses. “O balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, sejam estes surdos ou ouvintes, como fruto da capacidade inata para a linguagem” (Quadros, 1997, p. 70). Essa autora afirma que, em ambos os bebês – surdos e ouvintes, ocorrem duas formas de balbucio: oral e manual (gestos); em seguida, ocorre o balbucio, conforme a

modalidade da pessoa, seja ela surda e ouvinte. Sendo assim, as vocalizações são interrompidas nos bebês surdos, como também as produções manuais nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

O estágio de um sinal começa por volta dos 12 meses até cerca dos 2 anos, conforme Karnopp (1997); no caso de bebês surdos, filhos de pais surdos, esse estágio, em crianças ouvintes, começa aos 12 meses. O referido estágio é considerado o das primeiras produções, tanto para a criança surda, que é o uso da língua de sinais, quanto para a criança ouvinte, quando acontece a emissão das palavras.

As características dessa fase consistem em omissão de flexões e uso do sistema pronominal. Além disso, existem algumas semelhanças entre crianças surdas e crianças ouvintes, como apontar para objetos e pessoas; ao completar o ciclo de um ano, essas semelhanças cessam. Devido ao período de reorganização básica, a criança muda a definição de apontar inicialmente com gestos (pré-linguístico) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (linguístico) (Quadros, 1997).

Já o estágio das primeiras combinações se inicia por volta dos 2 anos. Aqui, as crianças não flexionam todos os verbos, começam a usar o sistema pronominal, com presença de erros de reversão, e nomeiam os objetos no contexto presente.

Finalizando, segundo Quadros (1997), a fase de múltiplas combinações varia entre 2 anos e meio a 3 anos de idade. Nessa fase, ocorre a explosão do vocabulário, como acontece com as crianças ouvintes.

Depois, a partir dos três anos, as crianças iniciam o uso do sistema pronominal com referentes ausentes no contexto do discurso, apresentando erros. Porém, algumas crianças empilham os referentes não presentes em um único ponto do espaço. Também essa fase pode ser denominada de supergeneralização, porque crianças (surdas e ouvintes) realizam flexões verbais somente entre a idade de cinco a seis anos, quando os verbos podem ser flexionados adequadamente.

Vale acrescentar que a maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes (Goldfeld, 2002). Nesse caso:

A aquisição da linguagem pela criança surda é recheada de particularidades. O que se presencia na maioria dos casos, é que crianças surdas são filhas de pais ouvintes e vêm tentando interagir com o adulto (mãe, pai) através de uma língua falada e não uma

língua de sinais. O ambiente linguístico é, então, desfavorável à aquisição de uma língua de sinais, já que não existe o processo de interação dentro de uma mesma língua (Santana, 2015, p. 498).

São diversos contextos que nos levam a refletir acerca da aquisição da língua de sinais pela pessoa surda; vale destacar as considerações de Teodoro e Araújo (2019) ao defenderem que o primeiro contato que uma criança tem com a sua primeira língua é por meio da convivência com seus pais e responsáveis, ensinando-a a compreender o que lhe é apresentado por meio de instruções verbais, atribuindo sentido aos objetos, às histórias contadas no dia a dia, às atividades diárias e sua rotina, e tudo o mais que expressa um valor cultural. Esse processo está entrelaçado, no momento em que consideramos o aprendizado da língua materna, com o ambiente onde os pais ofertam à criança o acesso a suas primeiras palavras, atribuindo compreensão e significado a elas.

Para Dizeu e Caporali (2005, p. 592), “o indivíduo, ao adquirir uma língua natural, é capaz de se desenvolver plenamente; vivenciando, aprendendo e se comunicando, além de se identificar com sua cultura”, porque representa a sua língua materna.

Em Brasil (2006), afirma-se que, quando a pessoa surda é exposta à língua de sinais na mais tenra idade, é possível maior rapidez e naturalidade na transmissão de seus sentimentos, desejos e necessidades. Além disso, proporciona-se a estruturação do pensamento e da cognição, como também a interação social, obtendo como resultado o desenvolvimento da linguagem.

De acordo com Guimarães (2021), o uso da língua de sinais é gratificante, porque auxilia a comunicação e a compreensão com o bebê, com o potencial de gerar novos estímulos, favorecendo o desenvolvimento físico e mental. Ainda descreve as vantagens para o uso de sinais por bebês, (2021, p. 22). São elas:

- Divertimento;
- Redução da frustração;
- Favorecimento do desenvolvimento da mão;
- Desenvolvimento da personalidade;
- Desenvolvimento da habilidade de gesticulação;
- Estímulo à leitura;
- Aumento nos níveis de concentração;
- Fortalecimento das habilidades verbais;

- Desenvolvimento da autoestima;
- Promoção do vocabulário;
- Redução das frustrações e da falta de entendimento;
- Despertar da consciência acerca das necessidades;
- Redução de estresse;
- Desenvolvimento da inteligência;
- Contribuição para um maior vínculo.

Cavalcanti, Roldão e Santos (2023) consideram ideal a necessidade de a criança surda, filha de pais surdos, ser exposta à língua de sinais nos seus primeiros anos de vidas, pois adquire, naturalmente, essa língua, que lhe possibilita a estruturação do pensamento e a interação com seus pares. No caso de crianças surdas, filha de pais ouvintes, esse processo, certamente, percorrerá caminhos diversos e mais longos, tendo como principal obstáculo o contato tardio.

3.6 As características do processo de aquisição/aprendizagem da língua portuguesa escrita como (L2) de pessoas surdas

O processo de aprendizagem da linguagem, qual seja a modalidade, é bastante complexo, e isso é independente de ser uma pessoa surda ou ouvinte. Quando dialogamos acerca da linguagem escrita, sabemos que, por meio dela, podemos refletir sobre nossas experiências, ideias e visão crítica de diversos assuntos. Observa-se que a aprendizagem do surdo de sua língua materna ou natural, língua de sinais, é visuoespacial, enquanto a língua portuguesa é oral - auditiva.

Para Vygotsky (2007, p. 61), “o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”. Ademais:

[...] a língua escrita é um objeto linguístico a partir de seu lugar social. Assim, tanto o surdo quanto o ouvinte terão como pressuposto a língua que já dominam para ter acesso à linguagem escrita. [...] a língua que o surdo tem como legítima e usa não é a mesma que serve como base ao sistema escrito, por ser um sistema visuo-manual, e não oral-auditivo (Silva, 1999, p.49).

No caso específico do surdo, com o bilinguismo, duas línguas devem ser empregadas para a comunicação, a Libras e a língua portuguesa. A autora Guarinello (2005, p. 246) acrescenta que, ao desenvolver sua pesquisa sobre aquisição da língua portuguesa escrita, concebe:

[...] que o desenvolvimento da escrita das crianças não segue um caminho único e igual, ao contrário, passa por um processo de imprevisibilidades e diferenças. Nessa concepção, o sujeito surdo é percebido como ativo e singular, e o outro – no caso deste trabalho, eu mesma – terapeuta/investigadora – tem o papel de intérprete e de parceira na constituição do português escrito, ou seja, atribui forma e sentido às produções da criança, intervindo, quando necessário, para transformar a escrita, de forma a aproximar o seu texto do português.

Santos (2011), por sua vez, retrata que o processo de aquisição da Libras facilita a aprendizagem da escrita de uma segunda língua pela pessoa surda. Além disso, o grau de domínio em ambas as línguas pode estar relacionado à maneira como a família se comporta diante da surdez, motivando ou não a pessoa surda através do uso da Libras na sua comunidade surda.

Cardoso (2023) afirma que, quando falamos acerca da escrita de pessoa surda, devemos lembrar que apresenta influência da primeira língua (L1), nesse caso, a Libras, por exemplo, com a presença de verbos no infinitivo, a falta de conectivos, a inversão na estrutura da frase e a supressão de letras. O autor considera que esses aspectos não se apresentam com pessoas ouvintes, pois língua portuguesa é caracterizada pela complexidade ligada aos fonemas (sons).

Cardoso (2023) acrescenta também que essa diferença ocorre por modalidades linguísticas, pois a Libras têm os conectivos de modo simultâneo, ou seja, ao mesmo tempo da realização do sinal, juntando-se à execução dos sinais. Sendo assim, ocorre a ordenação deles na estrutura da língua: os verbos são no infinitivo, pois o complemento do tempo verbal se difere da conjugação da L2. Suprimir letras não prejudica a comunicação, pelo fato de utilizar os sinais e não uma datilologia. Por isso, faz-se necessário conhecer a estrutura e a modalidade linguística das duas línguas, antes de analisar o processo de escrita (L2) surdo.

Por meio do aprendizado da língua portuguesa escrita como segunda língua é que a pessoa surda terá acesso a mais oportunidades em sua vida, tais como: melhor aproveitamento do processo de escolarização, ofertas no mercado de trabalho, facilidade de

comunicação em ambientes sociais em que as pessoas não saibam Libras e que ele precise de serviços e/ou atendimentos (hospitais, farmácias, mercados, lojas, etc), autonomia no acesso a informações registradas por escrito na língua local, etc. (Cardoso, 2023, p. 14).

A proposta teórica empregada por Quadros (1997) acerca das três formas de aquisição que uma pessoa surda pode aprender é a seguinte:

a) A aquisição simultânea da L1 e da L2: as línguas são adquiridas ao mesmo tempo. Sendo assim, pode ocorrer com crianças que são filhas de pais que usam duas línguas diferentes ou usam uma língua diferente da utilizada no ambiente onde vivem;

b) A aquisição espontânea da L2 não simultânea: ocorre com pessoas que passam a residir em outro país onde se utiliza uma língua diferente da sua língua de materna;

c) A aprendizagem da L2 de forma sistemática: descreve-se a situação das escolas de línguas estrangeiras, onde o ensino às pessoas é com metodologias, algumas delas próprias para a instituição, em que a diferença básica entre a aquisição da L1 e a aquisição da L2 relaciona-se de maneira como a pessoa é exposta às línguas, ou seja, para o surdo, a aquisição da (L1) será de modo natural; e a aquisição da (L2) ocorrerá em um ambiente com metodologia de ensino.

A criança ouvinte, desde seu nascimento, é exposta à língua oral, dessa forma é fornecida para ela a oportunidade de adquirir uma língua natural, a qual irá permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva e constituir sua linguagem. Para a criança surda, deveria ser dada a mesma oportunidade, de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem (Dizeu; Caporali, 2005, p. 587).

Nesse sentido, para Vygotsky (2007, p. 56), “o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola”. Percebemos que, no caso de crianças surdas possuírem o privilégio de nascerem em um ambiente onde circula a Língua Brasileira de Sinais (Libras), através dos familiares, ela é a língua materna, favorece a aprendizagem de forma natural e, por consequência, contribui para o aprendizado do português escrito como (L2).

Isso é o que acontece com o estatuto linguístico da criança ouvinte, por ser permeado da modalidade oral desde o seu primeiro dia de vida; em caso contrário, com a criança ouvinte, filha de pais surdos, ocorrerá uma aprendizagem (L2) de

forma não simultânea, porém espontânea.

A partir de agora, trazemos as reflexões baseadas na pesquisadora Brochado (2003), a qual trata do processo de interlíngua pela qual a pessoa surda, certamente, pode passar. Esse processo constitui uma das estratégias que podem ser empregadas diante do nosso propósito em compartilhar que o surdo pode aprender qualquer língua, em especial, o português, na modalidade escrita, a qual estamos enfatizando em nossa pesquisa, uma vez que estamos tratando do modelo bilíngue.

A L1 de um falante influencia diretamente a aquisição/aprendizagem de uma L2/LE. Por exemplo, a ordenação vocabular de um LS é diferente de uma LO; assim, os aprendizes tendem a ter equívocos nesse sentido. Esse tipo de interferência pode ser visto, em alguns momentos, como um tipo de interlíngua, ou seja, uma fase que o aprendiz passa antes de adquirir a forma ideal de uso de uma segunda língua. Consideramos aqui “interlíngua” uma variedade linguística que carrega característica dos dois sistemas linguísticos; ela funciona como uma espécie de transição entre esses dois sistemas (Aleixo, 2020, p. 149).

Podemos dizer que o processo de “interlíngua” é uma passagem para a assimilação de uma nova língua. No caso do surdo, consideramos a Língua Brasileira de Sinais como (L1) e a língua portuguesa escrita como (L2).

[...] a escrita do Português caracteriza-se por um processo contínuo, constituído por etapas que se sucedem no tempo, cujo ponto de partida é a língua de sinais (L1) e o ponto de chegada é a língua portuguesa (L2), na modalidade escrita. Cada uma destas etapas ou estágios de aprendizagem dos alunos aprendizes constitui a sua interlíngua (Brochado, 2003, p. 307-308).

Por isso, na maioria das vezes, quando estamos diante de texto escrito por surdos, são apresentados os diversos estágios de interlíngua, defendidos por Brochado (2003), nos quais vemos a singularidade desse processo linguístico. São eles: interlíngua 1, interlíngua 2 e interlíngua 3.

No estágio de Interlíngua I (IL1) observamos o emprego predominante de estratégias de transferência da língua de sinais (L1) para a escrita da língua portuguesa (L2). No estágio de Interlíngua II (IL2), constatamos, na escrita de alguns alunos, uma intensa mescla das duas línguas, em que se observa o emprego de estruturas linguísticas da Língua de Sinais Brasileira e o uso indiscriminado de elementos da língua portuguesa, na tentativa de apropriar-se da língua alvo. Emprego, muitas vezes, desordenado de constituintes da

L1 e L2. No estágio de Interlíngua III (IL3), os alunos demonstraram na sua escrita o emprego predominante da gramática da língua portuguesa em todos os níveis, principalmente, no sintático, definindo-se pelo aparecimento de um número maior de frases na ordem SVO e de estruturas complexas (Brochado, 2003, p. 308-310).

Podemos perceber que, no processo de interlíngua do surdo, tendo como base a Libras (L1) e a língua portuguesa como (L2), perpassa a aquisição de estruturas de línguas diferentes. Vale ressaltar que há singularidade para cada pessoa no processo de aprendizagem, uns recebem estimulação precoce e outros não.

No quarto capítulo, temos o privilégio de dialogar acerca da família de pessoas surdas, pois consideramos uma temática geracional que deve levar a novas reflexões.

CAPÍTULO 4 - A FAMÍLIA DE PESSOAS SURDAS

No presente capítulo, refletimos acerca da família de pessoas surdas diante de um cenário desafiador, a partir do recebimento do diagnóstico de um filho, quando podemos considerar o surgimento de diversas reações emocionais que os pais enfrentam. Nesse sentido, o profissional da Fonoaudiologia é um agente de transformação para minimizar esse sofrimento, com a possibilidade de conduzi-los na compreensão da singularidade do filho referente ao seu desenvolvimento.

A família é o primeiro grupo social do ser humano, pois pode ser considerado o alicerce para a construção das diversas competências, sejam elas de ordem pessoal, emocional, religiosa, social, cultural, linguística ou educacional, podendo dizer que, na sua constituição de ordem global, dá significado e sentido às demandas que existem ao longo da vida. “A família, de uma forma geral, desempenha a função de cuidar, promover a saúde, o bem-estar e dá proteção” (Negreli; Marcon, 2006, p. 98).

Vale ressaltar que as nossas inquietações têm como base a vivência com escutas e observações na vida dos familiares de surdos durante nossa trajetória acadêmica, desde a graduação em Fonoaudiologia, uma vez que percebemos, em sua grande maioria, que o apoio e a orientação para os familiares têm sido insuficientes por parte de diversos profissionais, a partir do momento do diagnóstico da surdez do(a) filho(a).

4.1 A representação do diagnóstico para as famílias: contato inicial com a realidade

Na maioria das famílias, a chegada de um novo membro é motivo de alegria e projeções. Mas, quando dialogamos acerca da família de pessoas surdas, inicialmente a expectativa desse alicerce familiar sofre um impacto, pois as idealizações em relação ao(à) filho(a) surdo(a) se modificam. “Quando a surdez é diagnosticada, cada família reage de um modo. A maioria dos pais de crianças surdas sabe muito pouco sobre surdez, desconhecendo, portanto, o que esperar e o que fazer com seu filho” (Guarinello; Lacerda, 2007, p. 105).

Quando falamos de pessoas que recebem o diagnóstico de determinada demanda no contexto familiar, esse núcleo enfrenta diversas fases. Cortelo e

Francozo (2014, p. 10) apresentam as três fases enfrentadas pelos pais ao receberem o diagnóstico, são elas: negação, raiva e aceitação.

A negação é manifesta na dificuldade em aceitar o diagnóstico, desconfiança do parecer da equipe profissional e outras formas de anular a possibilidade de ter um filho surdo. A segunda fase é a raiva, que apareceu tendo sua fonte original na surdez da criança e se materializou, muitas vezes, em comportamentos e atitudes voltados aos profissionais da saúde que cuidam da reabilitação da criança. A terceira fase, a da aceitação, é muito importante para o atendimento às necessidades da criança surda, que precisa iniciar sua reabilitação o mais rapidamente possível após o diagnóstico, para se poderem explorar suas potencialidades (Cortelo; Francozo, 2014, p. 10).

A terceira fase consideramos a mais difícil de ser vivenciada pelos pais, que nem sempre a acolhem.

No entanto, muitos outros autores, como Telford e Sawrey (1988), não se perfilam a Cortelo e Francozo (2014) em resposta ao diagnóstico da deficiência do(a) filho(a), segundo o qual distintos sentimentos e reações enfrentadas surgem nas famílias diante do diagnóstico.

Telford e Sawrey (1988) e Demétrio (2005) descrevem as diversas reações existentes, que começam pelo choque, considerado como uma dor que pode ser interpretada tal qual a perda do filho perfeito. A raiva, o ódio, a impotência são o encadeamento um do outro, os pais se sentem impotentes diante da situação inesperada, a raiva pode gerar a culpa e o ódio, depressão. A superproteção que podem dispensar ao(à) filho(a) com deficiência pode representar uma preocupação excessiva dos pais, não ajudando, na maioria das vezes, o seu desenvolvimento. A vergonha é caracterizada pelo que as pessoas irão pensar da deficiência do filho. A autocomiseração é a reação de compaixão de si mesmo. A projeção responsabiliza o outro pela situação enfrentada e o padrão de dependência mútua considerada como cuidados exagerados com o filho (Demétrio, 2005). Tudo isso foi refletido antes por outros autores.

Regen, Ardore e Hoffmann (1993) consideram o choque como a primeira reação dos pais após a confirmação de que terão um filho surdo. As autoras ainda destacam os depoimentos dos voluntários da pesquisa, formados por grupo de pais de surdos. Os seus discursos foram marcados pelo momento inesperado do diagnóstico, relatando o surgimento de sentimentos de muita tristeza, choro, revolta,

e, por consequência, rejeição do filho não idealizado. Nenhum ser humano está preparado para o recebimento de uma notícia tão inesperada. Diante dessa quebra geracional de sonhos e de desejos por um filho, que se concretiza, embora não preenchendo a expectativa dos pais, gera um sentimento de frustração nas emoções. Em consequência disso, o estabelecimento do vínculo afetivo mãe e filho pode ser interrompido devido ao sentimento de rejeição.

O diagnóstico de surdez poderá levar a maioria das famílias, em um primeiro momento, ao sentimento de luto pela morte simbólica de seu filho idealizado. A partir daí, a maneira como cada membro da família irá vivenciar a experiência da surdez contribuirá na formação e no desenvolvimento cognitivo e afetivo da pessoa surda (Barbosa; Sampaio; Souza, 2021, p. 211).

Souza, Santos e Malavasi (2022) retratam que, com o diagnóstico da surdez do(a) filho(a), a microcultura (família) passa por dois níveis de crises: a existência de angústia e de ansiedade; e o segundo nível está relacionado ao medo de fracasso da reabilitação do(a) filho(a).

Diante desse cenário, a atitude do pai e da mãe, frente ao diagnóstico, pode ocorrer de maneira distinta, pois o pai, geralmente, acaba se distanciando do cenário e a presença da mãe se torna incessante, acaba assumindo o compromisso de conduzir seu/sua filho(a) surdo(a) ao processo de terapêutico.

Segundo Rovere, Lima e Silva (2018), quando uma pessoa recebe o diagnóstico da surdez logo nos primeiros 06 (seis) meses de vida e realiza avaliação da audição de forma precoce, a intervenção de ordem médica e educacional pode ser iniciada. Salientam ainda que o diagnóstico tardio pode atrasar o pleno desenvolvimento da linguagem dos filhos surdos e, na maioria das vezes, a compreensão do processo de habilitação e de reabilitação pelos pais ouvintes. É nesse momento do diagnóstico que o apoio e a orientação por parte dos profissionais se tornam relevantes para direcionar os pais acerca dos programas de reabilitação e orientação precoces. As autoras supracitadas (2018, p. 90) verificaram em sua pesquisa que:

[...] alguns fatores dificultaram o processo do diagnóstico de surdez e o início da reabilitação auditiva, tais como acesso rápido aos recursos adequados e postura profissional, pois os pais têm uma melhor assimilação do diagnóstico quando o profissional os acolhe e utiliza linguagem acessível. Observou-se também que as crianças

que iniciaram a reabilitação precocemente demonstraram comunicação mais efetiva.

Quando os pais são informados das dificuldades que o filho certamente poderá apresentar, estão envolvidos muitos fatores. E, todos os pais necessitam de apoio e orientação para compreenderem algumas dessas dificuldades, pelo menos. As reações oscilantes demonstradas pelos pais fazem geralmente com que o profissional que lida com essa família se depare com a raiva que eles sentem diante da situação (Ferraretto *et al.*, 1994). Cortelo e Francozo (2014, p. 10) observaram algumas dificuldades diante do diagnóstico, como “a possível falta de recursos psicológicos, emocionais e afetivos que pudessem ajudar os pais a lidar com as demandas e decisões necessárias à reabilitação do filho surdo”.

Na pesquisa de Pereira e Alcará (2021, p. 20), observou-se que “os participantes desconheciam a surdez ao descobrir que o filho é surdo. Como dito, o desconhecimento e a falta de informações impactam a experiência dos pais pelo fato de não saberem o que fazer e como agir”. Ainda consideram que, quando os pais obtêm os conhecimentos das demandas da surdez, a trajetória fica menos sofrida. Além disso, elencam algumas informações de caráter necessário para os pais de filho surdo, são elas: “respeito à saúde e tratamento; educação; escolha de escola; direito dos surdos; legislação acerca da pessoa surda; língua de sinais”. Vale salientar que, quando a família recebe as informações necessárias, ela toma a decisão de qual caminho seguir no tratamento do(a) filho(a) surdo(a). As autoras descrevem ainda as informações necessárias que os pais de filhos(as) surdos(as) necessitam ter, junto ao diagnóstico. São elas:

Como o filho irá se desenvolver (na infância, na juventude e na vida adulta); o que é surdez (causas, graus: o quanto podem ou não ouvir); diferença entre doença e deficiência; Libras (Língua de Sinais); comunidade e cultura surda; eventos relacionados ao tema da surdez; escolas bilíngues e cursos de Libras (Pereira; Alcará, 2021, p. 20).

As autoras supracitadas acrescentam também que auxiliar os pais na identificação e no reconhecimento das necessidades os ajuda na busca de conhecimento das demandas dos filhos. Como afirmam Ferrari e Morete (2004), a família demanda receber a notícia acerca do diagnóstico pelo profissional responsável de maneira compreensível, com palavras que confortem os sentimentos

que permeiam suas vidas naquele momento, como culpa, incerteza e medo. Os pais são dignos de receber uma explicação de forma completa e adequada de acordo a sua compreensão e experiência acerca do diagnóstico do(a) filho(a), porque comumente os profissionais fazem uso de terminologias difíceis, complicadas ou rótulos sem significados.

4.2 Explicando o que é a surdez e suas possibilidades para os familiares

Para iniciarmos o nosso diálogo neste subitem, trazemos conceitos teóricos relacionados à surdez, salientando que existem duas visões: a patológica e a cultural. De acordo com Gesser (2009, p. 63), “ver a surdez como um problema está diretamente relacionado à visão patológica”.

Informamos ao leitor que estamos entrelaçadas na visão do bilinguismo, pois adotamos uma perspectiva que valoriza a língua de sinais, respeitando a particularidade linguística e não percebendo a surdez como deficiência. Como também defendem Santana *et al.* (2013), há a mudança de cura e reabilitação para singularidade e possibilidades de aquisição das modalidades linguísticas oral/escrita. Acrescenta que é essencial o profissional da Fonoaudiologia modificar o seu ponto de vista ao conceituar linguagem, sujeito e processo terapêutico.

Ou seja, é objeto de trabalho fonoaudiológico ressignificar a surdez e o surdo, afastando-o da patologia, da deficiência, da incapacidade e aproximando-o das possibilidades que se tem para adquirir outra língua em sua modalidade áudio-verbal e em sua modalidade escrita por meio de uma língua visuo-manual (Santana *et al.*, 2013, p. 440).

De acordo com o documento oficial identificado como Brasil (2006) e com Bolosco *et al.* (2005), a surdez é apresentada como uma limitação que “consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons”. Pode-se considerar uma privação sensorial, e outras informações são agregadas, como a surdez, que pode ser caracterizada como surdez congênita (quando a pessoa nasce surda) ou surdez adquirida (quando a pessoa perde a audição em algum período de sua vida), além de causas, tipos e graus.

Segundo Brasil (2006, p. 15-16), a etiologia da surdez consiste em três: pré-natal, perinatal e pós-natal.

Pré-natais: surdez provocada por fatores genéticos e hereditários, doenças adquiridas pela mãe na época da gestação (rubéola, toxoplasmose, citomegalovírus), e exposição da mãe a drogas ototóxicas (medicamentos que podem afetar a audição). Perinatais: surdez provocada mais frequentemente por parto prematuro, anóxia cerebral (falta de oxigenação no cérebro logo após o nascimento) e trauma de parto (uso inadequado de fórceps, parto excessivamente rápido, parto demorado). Pós-natais: surdez provocada por doenças adquiridas pelo indivíduo ao longo da vida, como: meningite, caxumba, sarampo. Além do uso de medicamentos ototóxicos, outros fatores também têm relação com a surdez, como avanço da idade e acidentes.

O tipo de perda auditiva, segundo Brasil (2006) e Bolosco *et al.* (2005), é classificado como condutiva, estando localizada no ouvido externo e/ou ouvido médio; neurossensorial, que é uma alteração no ouvido interno; e, mista, que envolve o ouvido externo e/ou médio e o ouvido interno.

Moreira (2025) trouxe os dados da Organização Mundial da Saúde de 2021, que registraram que há 1,5 bilhão de pessoas no mundo com algum grau de surdez, entre eles, 103 milhões de pessoas com surdez severa e 17, 2 milhões de pessoas com surdez profunda. Guarinello e Lacerda (2007) afirmam que 94%, e para Almeida (2009) quase igual número 95%, das pessoas com surdez são filhos(as) de pais ouvintes.

Cruz (2016) identificou que crianças e adolescentes surdos com aquisição precoce têm vantagens linguísticas em relação aos seus pares com aquisição tardia. E valoriza a importância da aquisição precoce da Libras (L1) por bebês surdos e crianças surdas. Cruz (2016) acrescenta ainda, em seus estudos, a necessidade de implantação de programas de intervenção/estimulação linguística para bebês e crianças surdas que não possuem acesso completo aos sons, assim como seus responsáveis, para que comecem a aquisição de sinais logo após o diagnóstico.

Na sequência, apresentamos o Quadro 2, com a classificação do grau da perda auditiva, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), descrito no *Guia de Orientação da Avaliação Audiológica Básica*, elaborado pelo Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia (2017).

Quadro 2 - Classificação do perfil auditivo da criança de acordo com OMS (2014)

Graus	Média entre as frequências de 500,1k,2k,4kHz	Desempenho
-------	--	------------

Audição normal	0 - 15 db	Nenhuma ou pequena dificuldade; capaz de ouvir cochichos.
Leve	16 - 30 db	Capaz de ouvir e repetir palavras em volume normal a um metro de distância.
Moderado	31 - 60 db	Capaz de ouvir e repetir palavras em volume elevado a um metro de distância.
Severo	61 - 80 db	Capaz de ouvir palavras em voz gritada perto da melhor orelha.
Profundo	>81 db	Incapaz de ouvir e entender mesmo em voz gritada na melhor orelha.

Fonte: CFF (2017).

Para acrescentar, trazemos as considerações de Sousa (2009, p. 33-34) acerca dos graus da surdez (leve, moderada, severa e profunda).

Quadro 3 - Graus da surdez e suas características

Leve	Não se percebe impedimento para aquisição da linguagem oral; contudo, a criança poderá demonstrar dificuldade no processo de leitura e/ou de escrita, bem como trocar fonemas em virtude de a perda impedir que os fonemas sejam percebidos com nitidez. Nesse tipo de surdez, é comum considerar a criança desatenta.
Moderado	A pessoa costuma mostrar dificuldade na percepção da palavra e, por consequência, dificuldade na discriminação dos sons detectados, sobretudo em ambientes ruidosos, sendo comum, também, manifestar problemas linguísticos, conforme a idade em que a surdez ocorreu. É frequente o atraso de linguagem oral, cuja compreensão verbal está intimamente ligada à aptidão para percepção visual.
Severo	Provavelmente poderão identificar alguns ruídos familiares, porém, para compreenderem a linguagem oral, deverão estar aptos a usar a percepção visual e a observar bem o contexto das situações vivenciadas. Tal surdez pode fazer a criança chegar aos 4 ou 5 anos sem aprender a falar.
Profundo	Ela pode privar a criança das informações necessárias para perceber e identificar a voz humana, o que a impede de adquirir naturalmente a linguagem oral.

Fonte: Sousa (2009, p. 33-34).

Diante das colocações descritas no Quadro 3, elas se fazem necessárias para o profissional orientar a família, indicando as possibilidades de comunicação a serem adotadas, de acordo a particularidade da pessoa surda e de seus familiares.

Considerando as possibilidades de comunicação referentes à pessoa com surdez, ela é citada na literatura por alguns teóricos como Batti e Soares (2022), Campos *et al.* (1996), Fornazari (2008), Gesser (2009) e Motti (2005), que refletem acerca dos conceitos do uso do Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) e do Implante Coclear (IC).

Segundo Campos *et al.* (1996), o Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) consiste em um recurso de comunicação para pessoas com perda auditiva para aproveitar o resíduo auditivo, ampliando os sons, auxiliando o processo educativo, a aquisição da linguagem, como também o desenvolvimento psicossocial e intelectual, tendo como consequência a melhora da qualidade de vida.

Na cartilha *Guia para Usuários de Prótese Auditiva*, elaborada pelo projeto de Grupo de Reabilitação Auditiva e Orientações da Universidade Federal de Minas Gerais (Grão, 2020, p. 5), são descritas as características do funcionamento do (AASI):

O Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) recebe as ondas sonoras e aumenta a intensidade delas e permite que a pessoa com perda auditiva receba o som com maior clareza. Um aparelho auditivo funciona como um microcomputador. Ele é composto pelo microfone, o amplificador, o processador de sinal e o receptor. O som é captado pelo microfone que o transforma em sinais elétricos e os envia ao amplificador e processador. Por sua vez, o amplificador aumenta a potência dos sinais e os envia para o ouvido.

Segundo Fornazari (2008, p. 4), “o implante coclear é basicamente uma prótese eletrônica usada para promover a estimulação auditiva nos indivíduos com perda auditiva neurossensorial profunda e, através deste aparelho, o indivíduo passa a ter acesso à sensação auditiva”. Segundo Motti (2005), é utilizado pelas pessoas que não se beneficiam com os mais eficazes (AASI).

Quem pode se beneficiar com o uso do implante coclear (IC)? Segundo Gesser (2009, p. 75), isso depende de várias condições. São elas:

[...] idade do surdo, tempo de surdez, condições do nervo auditivo, quantidade de eletrodos implantados, situação da cóclea, tempo da surdez, trabalho fisioterápico do fonoaudiólogo, acompanhamento periódico do médico para ativação e ajustes no dispositivo implantado etc.

Lembrando que o IC consiste em uma intervenção invasiva e que nem todas as pessoas surdas podem se adaptar a essa possibilidade de recurso. Vale salientar que cada pessoa tem sua singularidade linguística.

Batti e Soares (2022, p. 180) dialogam que o “implante coclear (IC) é apontado por muitos especialistas como a ‘solução para o problema da surdez’, uma medida que busca ‘normalizar’ o sujeito surdo”. Ainda acrescentam que, devido à desinformação de outras opções, o que acontece é que pessoas ficam surdas com

problemas de ordens física, psicológica e cultural deficientes.

Vale registrar que nem todas as pessoas com surdez são beneficiadas com tal tecnologia. Segundo alguns médicos, existem desvantagens em alguns casos, como recomenda (Moreira, 2025). Os implantes cocleares multicanais foram aprovados no *U.S Food and Drug Administration* (FDS), pela primeira vez em 1985, portanto há mais de 30 anos. Apesar de terem surgido recentemente, registramos algumas críticas à guisa de informação.

Segundo Moreira (2025), um otorrinolaringologista do Rio de Janeiro, é inquestionável a existência de benefícios. No entanto, segundo esse médico, é preciso que se conheçam alguns dos riscos que podem ocorrer com o implante coclear. Entre eles, citamos alguns:

- 1) Riscos da cirurgia de implante coclear:
 - a) Lesão do nervo facial (0,6%); b) meningite (rara); c) infecção da pele ou do local do implante; d) hematoma – acúmulo de sangue no local da cirurgia; e) tonteira ou desequilíbrio (em cerca de 3,6% dos pacientes, essas queixas podem ser mais prolongadas do que logo após a cirurgia); e f) otites de repetição;
- 2) Riscos relacionados ao uso do implante coclear:
 - a) Dificuldade para fazer exames de ressonância nuclear magnética; b) perda da audição residual; c) dependência do uso de baterias; entre outros.

Informamos ao leitor que o nosso direcionamento é pautado na pessoa surda com grau de perda severa e/ou grau de perda profunda e na visão da singularidade linguística da pessoa surda através do uso da língua de sinais. Segundo o art. 2º do Decreto n. 5.626/2005, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A língua de sinais, língua natural dos surdos, pois essa a criança surda adquire a língua de forma espontânea sem que seja preciso um treinamento específico, ainda é considerada por muitos profissionais apenas como gestos simbólicos [...] (Dizeu; Caporali, 2005, p. 584).

Sendo assim, a pessoa surda é àquela que tem experiências visuais e faz a opção pelo uso da língua de sinais, valorizando a cultura e a comunidade surda (Brasil, 2006). Além disso, estamos ancorados no bilinguismo para surdo, que consiste no uso da língua de sinais (L1) e na língua portuguesa (L2),

preferencialmente, escrita, cujas condições e características apresentamos no próximo capítulo.

4.3 Primeiros passos para compreensão da proposta do trabalho fonoaudiológico: razões que poderão orientar a vida do (a) filho(a) surdo(a)

Segundo Lodi (2000), é no contato inicial com a família que o profissional da Fonoaudiologia a orienta e esclarece a respeito da surdez e do desenvolvimento da criança surda, escutando e respeitando suas demandas e as possibilidades de uso da tecnologia para aproveitamento de restos auditivos ou do implante coclear.

É importante lembrar que, quando os pais chegam à clínica fonoaudiológica, quase sempre vêm com a idealização de um trabalho fonoaudiológico baseado apenas no desenvolvimento da oralidade de seu/sua filho(a) (Lodi, 2000).

Entretanto, é importante a conscientização de que toda esta tecnologia disponível não é de acesso a toda a população surda, especialmente considerando-se nossa realidade social, cultural e econômica. Além do mais, ainda que toda essa tecnologia fosse acessível, ela por si não garante o desenvolvimento linguístico, identificatório e cultural do sujeito surdo. A utilização destes recursos não garantirá que esses sujeitos serão oralizados e integrados na sociedade, como assim defende a premissa oralista (Dizeu; Caporali, 2005, p. 585).

Destacamos que cabe ao profissional da Fonoaudiologia informar a família acerca da língua de sinais como (L1), primeira língua, explicando que esta será a base linguística para o desenvolvimento da criança surda, possibilitando, desse modo, a criança de realizar a leitura de mundo, inferências e reflexões. Sendo assim, será o alicerce para aquisição da segunda língua, o português. Por outro lado, observa-se que a aceitação dos pais para aquisição da língua de sinais é um momento marcado de crenças por desconhecerem a língua, mas devemos respeitar a decisão dos pais para o desenvolvimento do processo terapêutico. Sabe-se que, com a expertise do profissional da Fonoaudiologia, essa família poderá estar a par do melhor caminho para o desenvolvimento do (a) seu/sua filha (o) surda (o) (Lodi, 2000).

Sabemos que é importante tanto para a criança quanto para família o aprendizado precoce da língua de sinais. E, quando essa família entende a Libras

como modalidade de comunicação e faz uso dela em suas interações com seu/sua filho(a), possibilita condições de novas aquisições e do desenvolvimento linguístico. Desse modo, podemos afirmar que a família torna-se determinante na circulação da língua de sinais desde os primeiros anos de vida do(a) filho(a) surdo(a).

No caso de a criança não receber esse suporte da família, ocorrerão atrasos no desenvolvimento de linguagem, da comunicação e das emoções. “A família é o alicerce para a criança e, quando esta base não está firme, advirão consequências para o desenvolvimento, gerando comportamentos agressivos e frustrações” (Dizeu; Caporali, 2005, p. 591).

O trabalho do fonoaudiólogo junto à família de crianças surdas é necessário para proporcionar a troca de experiências e fortalecer as relações entre eles, como também envolvê-los no processo terapêutico quando tiverem oportunidade de vivenciar esse trabalho tão importante (Nascimento, 2015).

[...] As respostas que a família procura e os caminhos pelos quais opta diante da notícia de ter um filho surdo, além da forma como irá lidar com esta criança, tanto linguística quanto socialmente, causarão significativa interferência em seu desenvolvimento linguístico [...] (Carvalho; Santos, 2016, p. 191).

Em tese, a compreensão de um trabalho fonoaudiológico baseado na (L2) para surdo consiste na aquisição da língua portuguesa oral e/ou preferencialmente escrita, sendo ancorada pelo Decreto n. 5.626/05, que torna obrigatória a inserção da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no curso de Fonoaudiologia. Mas a visão epistemológica de cada profissional e a opção da família determinarão a proposta de trabalho realizado junto ao surdo.

Em nossa tese, defendemos um trabalho fonoaudiológico respaldado no bilinguismo para surdo através da aquisição da língua de sinais (L1) e a aquisição da língua portuguesa escrita (L2), o que dialogamos no capítulo seguinte. A seguir, apresentamos os passos iniciais do trabalho fonoaudiológico com a família de pessoas surdas.

CAPÍTULO 5 - A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA BILÍNGUE NA ATUALIDADE: O QUE AS PESQUISAS REVELAM

É nesse espaço que a percepção do profissional bilíngue da Fonoaudiologia para surdo modifica-se, ou seja, ressignifica a surdez e o surdo, saindo da fragmentação patológica e atrelando à singularidade da pessoa surda, envolvendo a Libras (L1) e a língua portuguesa (L2), preferencialmente a escrita, embora a oralidade possa estar presente, especialmente se existirem surdos com implante coclear, fundamental em se tratando da filosofia bilíngue.

Na cidade do Recife, tratando-se de pessoas surdas através da visão da filosofia bilíngue, observamos que a atuação do campo educacional é mais presente, tendo como uma das referências o Centro de Apoio ao Surdo de Pernambuco (CAS/PE).

O CAS/PE tem como objetivo proporcionar aos seus alunos e a outras pessoas interessadas em aprender a Língua Brasileira de Sinais um minidicionário virtual, no qual se encontram disponíveis os núcleos de atendimentos para a comunidade em geral, bem como uma formação continuada para profissionais que trabalham ou pretendem atuar com estudantes surdos ou surdocegos, quais sejam:

a) Núcleo de capacitação de profissionais e da comunidade em geral, onde são oferecidos os seguintes cursos: Libras: Nível 1, Nível 2, Nível 3 e Nível 4; Formação para Tradutor/Intérprete de Libras; Formação para Instrutores de Libras; Libras como primeira língua para surdos (L1) e português como segunda língua (L2) na modalidade escrita para surdos;

b) Núcleo de tecnologia e adaptação de material didático, que oferta o suporte técnico para produção de materiais didáticos, por exemplo, em vídeo, no YouTube e em site acessível em Libras; que adapta materiais de complementação didática, tornando-os acessíveis aos estudantes surdos e ouvintes; e que orienta os professores e estudantes sobre o uso de brinquedos pedagógicos em Libras, de equipamentos de informática, de acervo de softwares e vídeos específicos para a educação de estudantes surdos e surdocegos, livro didático e paradidático bilíngue;

c) Núcleo de convivência, que propicia espaço e oportunidade para troca de experiências, pesquisas e desenvolvimento de atividades culturais e lúdicas entre pessoas surdas, ouvintes e surdocegas;

d) Núcleo de apoio didático e pedagógico, que disponibiliza consulta em site,

YouTube, slides e apostilas referentes a cursos de Libras (Libras em Contexto), contos infantis, histórias, etc., desenvolvidos pela equipe de instrutores.

Quanto à clínica, na “Fonoaudiologia Bilíngue, a língua de sinais é valorizada e a terapia mantém o foco na primeira língua (L1), para que a criança surda seja capaz de se desenvolver sem atrasos” (Ferreira *et al.*, 2022, p. 1), além do trabalho com a segunda língua (L2), sendo ela o português oral/escrito.

Guarinello e Lacerda (2007) refletem que o fonoaudiólogo é um dos profissionais envolvidos desde o diagnóstico até o tratamento da pessoa surda. Desse modo, faz-se necessário orientar as famílias a partir do recebimento da comunicação do diagnóstico da surdez do(a) filho(a).

Segundo Rabelo (2007), no fazer clínico fonoaudiológico, não é papel do terapeuta ensinar a língua de sinais, porém sabemos que faz parte do uso social qualquer modalidade utilizada. Com a utilização de a língua visuo-espacial, o fonoaudiólogo dá o suporte ao surdo dessa forma, respeitando sua singularidade linguística.

Guarinello e Lacerda (2007) consideram que, ao trabalhar com as famílias, é importante observar alguns aspectos, por exemplo, como cada uma se constitui, o seu conhecimento acerca da surdez e suas possíveis consequências, sua crença e sua cultura. Dessa maneira, podemos orientá-las acerca da melhor conduta em relação ao desenvolvimento do(a) filho(a) surdo(a), pois a compreensão limitante pode modificar a percepção dessa família como uma possível cura.

A pesquisa denominada “Clínica fonoaudiológica bilíngue, uma proposta terapêutica para surdos com a língua escrita: estudo de caso”, desenvolvida pelas autoras Guarinello *et al.* (2015), ressalta que, no trabalho do fonoaudiólogo bilíngue, se considera que a pessoa surda deve ter acesso precoce à língua de sinais, uma vez que possibilita o desenvolvimento da modalidade escrita da língua portuguesa com mais facilidade. Essas autoras (2015, p. 498-499) acrescentam que o profissional da Fonoaudiologia deve esclarecer os pais de que a língua de sinais possibilita a mediação do trabalho tanto na modalidade oral quanto na escrita. Tais autoras recomendam ainda que a estimulação que for proposta deverá ser feita em situações dialógicas e interacionais, utilizando recursos visuais, “em detrimento de preocupações meramente auditivas e articulatórias”.

As autoras Santana *et al.* (2013) afirmam que o profissional da Fonoaudiologia, quando trabalha com a clínica bilíngue para pessoas surdas,

precisa modificar suas concepções de linguagem e de sujeito, pois precisa ressignificar os conceitos de incapacidade para aproximar-se das possibilidades que a pessoa surda apresenta, o que se concretiza no aproveitamento do seu potencial. Sendo assim, o trabalho fonoaudiológico deve ser mediado por uma língua na modalidade visuo-espacial.

Diante desse contexto, apresentamos um quadro sugerido pela autora citada, com o trabalho em *setting* terapêutico fonoaudiológico bilíngue de pessoas surdas, a aquisição da língua portuguesa oral e escrita como segunda língua (L2) (Guarinello *et al.*, 2013, p. 449-450), o qual é um trabalho fundamental no espaço educacional e terapêutico para a criança surda.

Quadro 4 - Modalidades trabalhadas na clínica fonoaudiológica bilíngue

Modalidade Oral (menos usada)	Modalidade Escrita (preferencial)
a) Indicação e adaptação de tecnologias; b) Estimulação do reconhecimento e interpretação do mundo por sons verbais/não verbais; c) Emprego de leitura orofacial, gestos e expressões faciais; d) Expressões faciais; e) Emprego de diferenças perceptuais de fonemas, caso possível, com apoio da escrita – devido à visual – incluindo fonema/grafema; f) Uso da Língua Brasileira de Sinais (mediadora na sessão).	a) Prioridade em <i>setting</i> terapêutico e utilização da linguagem escrita nas práticas discursivas; b) Emprego de diferentes tipos de textos – livros, poesias, piadas, crônicas, contos, fábulas, receitas, revistas, jornais, gibis, experiências, entrevistas, etc.; c) Emprego da Língua Brasileira de Sinais (mediadora na sessão fonoaudiológica); d) Emprego da língua portuguesa escrita; e) Trabalho com o contexto e a função social; f) Contato precoce com a Língua Brasileira de Sinais, com a possibilidade de conviver com adultos surdos.

Fonte: Guarinello *et al.* (2013, 2015).

Nesse sentido, as modalidades (oral e escrita) descritas acima no Quadro 4, demandam esclarecimentos para os pais, no que se refere à visão da clínica fonoaudiológica bilíngue. Sabemos que cada pessoa tem sua singularidade, mas precisamos clarificar que a aquisição da língua de sinais não dificulta a estimulação da linguagem oral para pessoas com alguma possibilidade da utilização de recursos tecnológicos.

No artigo de Guarinello *et al.* (2013) intitulado “A clínica fonoaudiológica e a aquisição do português como segunda língua para surdos”, encontramos o seguinte argumento sobre a orientação de alguns médicos e fonoaudiólogos, no sentido de que a língua de sinais prejudica o desenvolvimento da linguagem oral. Vale salientar que a aquisição de uma (L1) não impede a aquisição de uma (L2).

[...] o estatuto da clínica fonoaudiológica se modifica no trabalho, na terapia bilíngue, de cura e reabilitação para singularidade e possibilidades de aquisição de língua na modalidade oral/escrita em circunstâncias diferenciadas. Ao assumir essa proposta, o fonoaudiólogo precisa modificar suas concepções sobre a linguagem, o sujeito e o processo terapêutico. Ou seja, é objeto de trabalho fonoaudiológico ressignificar a surdez e o surdo, afastando-o da patologia, da deficiência, da incapacidade e aproximando-o das possibilidades para adquirir outra língua em sua modalidade áudio-verbal e em sua modalidade escrita por meio de uma língua visuo-manual (Santana; Guarinello; Bergamo, 2013, p. 440).

Corroborando a reflexão das autoras acima, a clínica fonoaudiológica bilíngue direciona para a singularidade linguística da pessoa surda, atentando para a língua de sinais como (L1), a valorização de sua cultura e a inclusão da língua portuguesa como (L2), ou seja, o bilinguismo na prática fonoaudiológica.

A autora Midená (2004, p. 85) descreve, em sua tese intitulada *O surdo e a escrita na clínica fonoaudiológica: um estudo de caso*, o trabalho que deve ser considerado na clínica bilíngue, sob a modalidade escrita.

É preciso destacar que a leitura conjunta de contos, crônicas, poesia, letras de músicas, piadas, propagandas de revista, artigos de revista, artigos de jornal, histórias em quadrinhos, tirinhas em quadrinhos e livros de literatura sempre faz parte das atividades na clínica, que tem, à disposição, uma biblioteca infantojuvenil. Os textos escolhidos são originais e integrais, sendo selecionados a partir de um leque de três opções. Sistemáticamente, duas leituras são realizadas antes de qualquer produção escrita conjunta (Midená, 2004, p. 85).

Desse modo, faz-se necessário orientar as famílias a partir do recebimento da comunicação do diagnóstico da surdez do(a) filho(a).

Como também afirmam Mariani *et al.* (2016, p. 653), “por meio das situações interativas e dialógicas oportunizadas na clínica fonoaudiológica, o sujeito apropria-se da língua de sinais e passa a se interessar e a se apropriar, também, da língua portuguesa, principalmente na modalidade escrita”. Em sua pesquisa denominada *O trabalho fonoaudiológico em uma clínica dialógica bilíngue: estudo de caso*, as autoras trabalharam tanto com a modalidade oral quanto com a escrita.

No artigo intitulado “Recurso terapêutico fonoaudiológico voltado à linguagem escrita do surdo: o *software* ‘Surdo aprendendo em silêncio’”, Berberian *et al.* (2006) constataram que a utilização do *software* contribuiu como recurso terapêutico na

clínica fonoaudiológica, trazendo autonomia para o surdo na elaboração e na interpretação de textos escritos.

Sena e Deitos (2001, p. 8), por sua vez, observaram que “quanto mais à família estiver envolvida e adequada ao tratamento fonoaudiológico, melhor será o desenvolvimento da criança e, conseqüentemente, o seu prognóstico”.

Ainda se faz necessário ressaltar que, conforme o Conselho Federal de Fonoaudiologia (2007), o fonoaudiólogo tem competência para orientar e aconselhar sobre diversos aspectos da atuação fonoaudiológica, esclarecendo pacientes, clientes, familiares e cuidadores. Desse modo, suas ações envolvem a escuta profissional, a explicação, a instrução, a demonstração, a proposição de alternativas e a verificação da eficácia das ações propostas. Para essa orientação, o fonoaudiólogo deve escutar e esclarecer os problemas existentes e suas conseqüências.

Na pesquisa desenvolvida por Bravo (2021) intitulada *Programa de orientação fonoaudiológica aos pais de crianças surdas para estimulação de leitura e escrita*, são elencadas algumas orientações que tanto os pais de filhos surdos como os fonoaudiólogos podem apresentar com relação à escrita, mostrando sua função no desenvolvimento dessas orientações diárias. Sendo assim, estimulam a leitura e a escrita ao: a) escrever uma mensagem; b) seguir instrução de receita de culinária; c) ter acesso a materiais, como gibis, jornais e revistas; d) ler história em língua de sinais; e) acessar sites com histórias sinalizadas em Libras e com legendas; f) utilizar livros sem textos ou sequências de figuras; g) apresentar as imagens e estimular o contar e o recontar da história com troca dos turnos; h) apresentar figuras de pessoas, objetos ou situações e façam perguntas, por exemplo, o que está acontecendo, quais as características das imagens; i) proporcionar momentos de desenhos com papel e lápis; j) utilizar textos escritos com imagens; k) estimular a atenção e o diálogo com textos escritos, ampliando, assim também, o vocabulário; l) colocar etiquetas nos objetos domésticos com os nomes para a criança associar o objeto à palavra; m) criar um fichário com imagens associadas à palavra escrita, ajudando, assim, na compreensão do significado; n) promover leitura e conversa do interesse da criança e, em seguida, sugerir uma produção de texto; o) motivar a criança; p) utilizar objetos reais para melhor compreensão textual; q) proporcionar o reconto de histórias e mostrar as informações principais e as sequências, assim como cenários, personagem e ações; r) reler os textos juntos e fazer comparação

entre a língua de sinais e a língua portuguesa escrita; e s) realizar a autocorreção do texto.

Concordamos com os elementos descritos pela autora acima, pois são estratégias que os profissionais da clínica bilíngue podem desenvolver e, desse modo, orientar as famílias de pessoas surdas. Sabemos que o fonoaudiólogo é habilitado para trabalhar a língua portuguesa escrita, conforme (Guarinello *et al.*, 2015).

Segundo Jesus *et al.* (2023), a mediação do profissional da Fonoaudiologia contribui para que a família possa ressignificar as formas de interação com o(a) filho(a), além de valorizar a língua de sinais, favorecendo, assim, o impacto no desenvolvimento da linguagem do surdo e auxiliando para o fortalecimento de sua identidade e cultura.

Desse modo, as atividades descritas podem ser adotadas e mediadas pela fonoaudióloga bilíngue em sua prática clínica, como também ser direcionadas aos pais e/ou familiares. O profissional que trabalha na clínica fonoaudiológica é um agente de transformação de sonhos e possibilidades para incluir todos que necessitam ser acolhidos e transformados.

5.1 Ambiguidades do atendimento fonoaudiológico: principais tendências e justificativas dos trabalhos publicados no Brasil

5.1.1 Por que atendimento bilíngue?

Sabemos que a pessoa surda precisa vivenciar suas experiências diante do contexto da percepção visual.

A surdez é uma experiência visual que traz aos surdos a possibilidade de constituir sua subjetividade por meio de experiências cognitivas e linguísticas diversas, mediadas por formas alternativas de comunicação simbólica, que encontram, na língua de sinais, seu principal meio de concretização. A surdez é uma realidade heterogênea e multifacetada, e cada sujeito surdo é único, pois sua identidade se constituirá a depender das experiências socioculturais que compartilhou ao longo de sua vida (Brasil, 2006, p. 71).

Diante do contexto brasileiro para as pessoas surdas, a língua portuguesa é considerada sua segunda língua inexistindo referências linguísticas naturais ou

auditivas, assim todo cuidado é necessário para que seu aprendizado não se transforme apenas em prática de memorização de regras, classificações e nomenclaturas, ou seja, uma atividade meramente metalinguística. Sabe-se que, para aprender a escrita da língua portuguesa, o surdo aprende sem que haja, muitas vezes, uma língua base à língua de sinais para discutir tais relações na língua-alvo (língua portuguesa). Sendo assim, é de fundamental importância proporcionar o acesso a experiências significativas que permitam a apropriação da linguagem não apenas como área do conhecimento, mas como atividade dialógica, constituinte de múltiplos sentidos (Brasil, 2006).

5.1.2 O implante coclear nesse cenário

Nesse espaço, o olhar para o surdo é unicamente para estimulação da oralidade; e, por isso, descreve-se a seguinte reflexão:

A surdez é uma diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, que traz ao indivíduo uma série de conseqüências ao seu desenvolvimento, principalmente no que diz respeito à linguagem oral (Brasil, 2006, p. 68).

Pode-se, assim, dizer que existem alguns riscos cirúrgicos em pessoas que realizam o implante coclear, tais como: a) insucesso na colocação do implante coclear; b) infecção e necrose da pele; c) tontura; d) paralisia facial; e) meningite e fístula líquórica (Moreira, 2025).

Sabemos que “existem divergências quanto ao uso do implante coclear (IC); a comunidade surda acredita que seja um retrocesso na luta pelo reconhecimento de sua língua e cultura, e a medicina acredita que este seja o modo mais adequado em tratar a deficiência auditiva” (Costa; Silva; Paulino, 2020, p. 1).

No cenário de algumas pesquisas publicadas nas bases de dados da SciELO e da BDTD direcionadas a esse tópico, encontramos pontos que citamos a seguir, tais como: a) o sentimento de autonomia, liberdade e privacidade na vida adulta dos participantes com surdez neurossensorial severa/profunda; b) os profissionais priorizam o uso das tecnologias, embora, em muitas vezes, sua eficácia seja questionada; e c) a língua de sinais não é considerada a primeira opção de sugestão aos pais para comunicação com seus filhos surdos.

A modalidade oral da língua portuguesa, sem ser impositiva, nem mecanicista, pode ser ofertada, principalmente, durante a educação infantil, em período contrário ao da escolarização, e realizada por profissionais adequados, em interface entre a saúde e a educação. Nesse caso, respeita-se o seu direito de manifestar-se também oralmente, se esta for sua opção e de sua família (Brasil, 2006, p.81).

Na pesquisa de Costa, Silva e Paulino (2020), foram observados alguns aspectos dos efeitos sociais na vida da pessoa com IC, como: a) insatisfação com a autoimagem após o implante, vergonha e sentimentos de inferioridade; b) efeitos negativos em relação ao aspecto físico do dispositivo externo, podendo resultar em sentimento de inferioridade, vergonha e insegurança; c) autoconfiança e segurança em situações de comunicação cotidianas e interações sociais; d) rejeição da pessoa implantada por parte do grupo ouvinte, ocasionada pela sua dificuldade em falar, etc.

No próximo tópico, refletimos sobre programa de apoio a famílias de pessoas surdas situadas no Canadá.

5.2 Destacando o programa de apoio à família de pessoas surdas desde o momento do diagnóstico no Canadá

5.2.1 O trabalho realizado no Canadá

Neste subitem, apresentamos um trabalho fonoaudiológico desenvolvido no Canadá com atendimento bilíngue para surdos, conforme assistimos em uma *live* no dia 07/11/2022, realizada via YouTube, através do Comitê de Língua de Sinais e Bilinguismo para Surdos da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Entre as convidadas, estava a fonoaudióloga brasileira Mila Melo, graduada e mestra pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo experiência há 30 anos nesse contexto, de acordo com a Reunião (2022). Também, encontramos uma matéria no site *Crônicas da surdez*.

Atualmente, a referida profissional desenvolve um trabalho com pessoas de 03 (três) meses a 06 (seis) anos na saúde pública, mas já atuou com adultos e jovens. Ela realizou a implantação do Departamento de Comunicação da Saúde Pública com Saúde Auditiva Infantil em Toronto. Sendo assim, apresentamos um modelo oferecido no Canadá, especificadamente da província de Ontário.

Em seu relato, a fonoaudióloga Mila Melo assim descreve o programa *Toronto Infant Hearing Program* (TIHP). Ela ressalta que as primeiras demandas são de forma gratuita para as famílias financiadas pelo governo. Acrescenta que 97% dos bebês nascidos tanto no hospital quanto em domicílio (com parteiras), em Ontário, são submetidos à realização da triagem auditiva neonatal (o chamado teste da orelhinha); caso o resultado não seja satisfatório, é encaminhado para segunda etapa e, se necessária, uma terceira etapa. Caso chegue à terceira etapa, esse bebê é direcionado para a realização de uma avaliação fonoaudiológica com especialidade em audiologia.

Constatada a perda auditiva permanente e/ou surdez permanente (sensório neural, condutiva, etc.), a microcultura (família) recebe as devidas orientações necessárias de tratamento para o(a) filho(a).

Diante das etapas descritas acima, a família passa a escolher qual segmento terapêutico deseja para o(a) filho(a) e são encaminhadas para os setores responsáveis de estimulações. Nesse programa, citamos os grupos de possibilidades terapêuticas disponíveis para a escolha pelos pais.

Grupo de Apoio às Famílias

Grupo 1: Quando o(a) bebê/criança participa totalmente da comunidade surda, sem acesso às tecnologias auditivas – a família nesse grupo é direcionada para comunidade surda da localidade –, pedagogos surdos e professores surdos vão estimular a língua de sinais.

Grupo 2: O(A) bebê/criança que tem acesso a “ouvir e falar” é direcionado(a) para o departamento de Audição e Linguagem, sendo então encaminhado ao audiologista para as tecnologias auditivas (aparelho auditivo e implante coclear) e ao fonoaudiólogo especialista em bebês e desenvolvimento da fala e linguagem.

Grupo 3: Quando a família fica insegura quanto ao segmento terapêutico a seguir, deve, então, nesse grupo, a família escolher que seu/sua filha(o) aprenda a língua sinalizada e oralizada, dependendo das possibilidades do surdo.

Vale ressaltar que o responsável pelo custo de todo o tratamento é o governo, independentemente do grupo escolhido pela família, sendo que a primeira língua é custeada pelo governo e, para a segunda, procura-se um serviço gratuito e/ou de baixo custo na comunidade local.

Outro aspecto importante é que, em casos mais específicos, diante de um diagnóstico, se ocorrerem dúvidas da primeira competência linguística (sinal e/ou

falada) desse bebê/criança, o governo mantém o custo por um período de 06 (seis) meses ou mais. Com o passar desse período, os envolvidos vão discutir o desenvolvimento dessa criança e, em casos raros, os seis meses podem ser prolongados, se não tiverem uma definição de qual seria a primeira língua da criança, por exemplo, em crianças prematuras, com paralisia cerebral, questões de ordem motora e outras especificidades.

A equipe é composta por fonoaterapeuta, audiologista, professor de surdos e de pessoas com perda auditiva (para estimular o bilinguismo e a matemática) e a comunidade surda. O período de maior intensidade de estimulação para esses bebês/crianças é a partir dos primeiros 03 anos e, no máximo, até 06 anos. Vale ressaltar que, aos 03 anos, eles recebem alta em relação a outros pares tanto em Libras quanto na oralidade. A próxima etapa é a fase do monitoramento, que não ocorre na mesma intensidade de estimulação. Nesse sentido, os responsáveis ficam monitorando o desenvolvimento da criança.

É necessário lembrar que, quando essa criança chega ao programa, é realizada uma avaliação inicial; em seguida, uma reavaliação ocorre a cada 06 meses, rotineiramente dentro dos departamentos. Então, acontece uma Reunião do Plano de Coordenação a Serviço da Família, cuja equipe é composta por pais/cuidadores, fonoaudióloga para do desenvolvimento linguagem, fonoaudióloga audiologista, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, professor de surdo, etc. O trabalho desenvolvido pelos profissionais será conforme os objetivos solicitados pela família, ou seja, a equipe segue as prioridades solicitadas por elas para desenvolver o planejamento terapêutico. Dentro dessa equipe, a família escolhe um coordenador para o filho, que pode ser qualquer profissional que a compõe. Com o passar dos anos, acontece o desmame desse profissional, e a função de coordenador é assumida pelos pais depois de 18 meses a 02 anos.

E, assim que a criança recebe alta do programa, vai para a escola pública de ensino. Existe rede escolar na província, onde o professor fluente na língua de sinais e na língua oral realiza intervenção domiciliar, uma estimulação precoce tanto na alfabetização quanto na matemática. Existe também a possibilidade de a criança ser incluída na sala de aula inclusiva, quando estiver apta, senão fica em outra sala com apoio de um professor e de um fonoaudiólogo que trabalhe com idade escolar, lembrando que o foco do programa descrito acima não é baseado na língua escrita.

Nesse programa, realizam uma pesquisa “Projeto Piloto” com os profissionais

e os familiares de surdos, sendo descritos os passos para orientação das famílias após o diagnóstico da surdez e/ou da perda auditiva do(a) filho(a):

Passo 1: No momento da comunicação do diagnóstico:

- a) A família é direcionada para a sala de aconselhamento familiar, ou seja, um profissional capacitado para esses fins – com orientações necessárias para o momento;
- b) É selecionado um pai mentor para essa família;
- c) É marcada a volta para um atendimento com profissional (psicólogo ou assistente social).

Passo 2: Uma semana após o diagnóstico:

- a) É marcada uma reunião ou visita domiciliar e/ou por telefone para conversas, comunicação, abordagem, linguagem, caminhos e serviços.

Passo 3: Quatro semanas após o diagnóstico:

- a) É marcado um encontro multidisciplinar quatro semanas após o diagnóstico, por exemplo, para encontrar pais cujos filhos tenham sido estimulados à audição e à linguagem; surdo adulto que utiliza língua de sinais e/ou oralizado; adolescente, audiologista, entre outros, além do momento de perguntas, pelas quais os pais podem desconstruir certos paradigmas acerca da vida do filho(a) surdo(a).

Vale ressaltar que um dos objetivos do programa *Toronto Infant Hearing Program* (TIHP) é que o surdo precisa ter contato com outros surdos adultos, como também os pais podem mudar sua decisão referente ao grupo de estimulação do(a) filho(a) surdo(a), além da preocupação com a estimulação precoce o mais rapidamente possível.

A seguir, apresentamos o delineamento metodológico da presente tese.

CAPÍTULO 6 - METODOLOGIA

Neste capítulo, conhecemos o caminho percorrido pela nossa estrutura metodológica. Sendo assim, adotamos a abordagem da pesquisa qualitativa com procedimento técnico de pesquisa bibliográfica.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores, atitudes, ressaltando o caráter mais subjetivo dos fenômenos e dos processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Sustenta a base metodológica com subjetividade, interpretação e análise, além de buscar as causas e os efeitos dos fenômenos contemplados e estudados.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do registro disponível de pesquisas e/ ou estudos anteriores, visando recolher e analisar informações e conhecimentos prévios acerca de determinado tema, fato, ideia, etc. Dessa forma, tal pesquisa é caracterizada pela natureza das fontes, tais como livros, artigos científicos, dissertações e teses os quais são materiais que receberam tratamento analítico (Gil, 2010).

Pesquisa bibliográfica é um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos. Hoje, predomina entendimento de que artigos científicos constituem o foco primeiro dos pesquisadores, porque é neles que se pode encontrar conhecimento científico atualizado, de ponta. Entre os livros, distinguem-se os de leitura corrente e os de referência. Os primeiros constituem objeto de leitura refletida, realizada com detida preocupação de tomada de notas, realização de resumos, etc. Os livros de referência são livros de consulta, como dicionários, enciclopédias, relatórios de determinadas instituições, como os do Banco Central e do IBGE (Marconi; Lakatos, 2017, p. 54).

Desse modo, a pesquisa foi realizada através do levantamento de trabalhos na base de dados eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO), que concentra diversos estudos publicados em periódicos; na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); e, em seguida, nas pesquisas organizadas da Pós-Graduação em Ciências da Linguagem de uma universidade comunitária, referente ao levantamento das pesquisas científicas entre os anos de 2013 e 2025.

6.1 O *corpus* da pesquisa

O *corpus* se constituiu de 17 pesquisas assim distribuídas: na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), 10; na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), 04; e em uma universidade comunitária, 03, todas realizadas pelo profissional da Fonoaudiologia, entre os anos de 2013 e 2025.

Quadro 5 - Distribuição do *corpus* das pesquisas selecionadas

1) Scientific Electronic Library Online (SciELO).	(10) artigos.
2) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).	(02) dissertações. (02) teses.
3) Biblioteca Digital de uma Universidade Comunitária.	(02) teses. (01) dissertação.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

Ademais, os descritores combinados foram utilizados em todas as bases de dados: fonoaudiologia e surdez; família e surdos; bilinguismo e surdez; leitura e escrita de surdos; orientação para pais de surdos; fonoaudiologia e orientação para pais ou surdos; bilinguismo para surdo e orientação fonoaudiológica para pais.

Na sequência, apresentamos as principais características dos critérios de inclusão e exclusão.

6.1.1 Critérios de inclusão

Para selecionarmos as pesquisas, utilizamos os seguintes critérios de inclusão:

a) Pesquisas com os descritores, constantes das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP);

b) Pesquisas publicadas entre os anos de 2013 e 2025 sobre orientações linguísticas e educacionais de fonoaudiólogos quanto à filosofia bilíngue, tendo como língua de instrução a língua de sinais (Libras) como primeira língua; e a língua portuguesa escrita como segunda língua, recebida por pais de pessoas surdas.

6.1.2 Critérios de exclusão

- a) Pesquisas de outras áreas do conhecimento;
- b) Artigos completos, dissertações e teses fora do período de 2013 a 2025;
- c) Pesquisas que não versam sobre o teor da temática, bem como de outras bases de dados, não especificadas no *corpus* da pesquisa.

6.2 Procedimentos de coleta dos dados

As fases da presente pesquisa foram as seguintes:

- a) Realizar o levantamento inicial de artigos completos, teses e dissertações brasileiras, por meio da utilização de descritores que contemplassem a temática e as datas selecionadas;
- b) Selecionar as publicações dos trabalhos nas bases de dados especificadas;
- c) Seguir uma nova fase de seleção após a leitura dos resumos e outras informações dentro do texto, buscando reunir as contribuições/orientações fonoaudiológicas para os temas enfocados nesta pesquisa.

Nesse sentido, todas as pesquisas foram identificadas pelos descritores combinados e selecionados trazidos no *corpus* da pesquisa, seguindo os passos que constam no item 6.2, acima descritos.

Nessa fase, as informações da coleta foram articuladas com os objetivos da pesquisa, especificadas na introdução da referida tese.

Em seguida, agregamos com a categoria temática, refletida por Bardin (2011), conforme veremos no próximo item, visando à análise dos dados.

6.3 Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados foi inspirada na teoria da análise de conteúdo, de Bardin (2011), sendo organizada em categorias conforme os objetivos propostos. Nessa perspectiva, Trivinões (2010, p. 160) cita a conceituação de Bardin acerca da análise do conteúdo:

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando,

por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

Dessa maneira, a preocupação do autor é focar as comunicações entre sujeitos privilegiando o conteúdo da representação notacional. Ainda de acordo com Trivinõs (2010), a configuração desse tipo de análise abrange as seguintes fases: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. A primeira “é simplesmente, a organização do material”; já na segunda fase, os elementos básicos consistem em “procedimentos de codificação, a classificação e a categoria”; a terceira fase consiste no tratamento dos resultados.

A maioria dos procedimentos dessa análise de conteúdo organiza-se em torno de um “processo de categorização”, que, segundo Bardin (2011), é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios previamente definidos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas, por exemplo), sintático (verbos, adjetivos) e lexical (classificação das palavras segundo o seu sentido/significado). Adotamos, neste estudo, a categoria temática.

Passamos a realizar, no próximo capítulo, a análise e a discussão dos resultados, o que nos permitiu reunir as contribuições do fonoaudiólogo bilíngue para a microcultura da pessoa surda, diante das pesquisas selecionadas nas referidas bases de dados mencionadas.

CAPÍTULO 7 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, iniciamos a análise e a discussão dos dados das pesquisas do período entre 2013 e 2025, identificadas nas bases de dados da SciELO, da BDTD e da UNICAP.

Destacamos que, com base nas orientações indicadas pela banca, houve a ampliação no período marcado de pesquisas e a inclusão de novos descritores. São eles: família e surdos; bilinguismo e surdez; e leitura e escrita de surdos. Diante disso, encontramos mais trabalhos que contribuíram na elaboração das estratégias fonoaudiológicas dos respectivos quadros.

Na sequência, apresentamos o Quadro 6 com a organização dos trabalhos científicos identificados e seus respectivos descritores.

7.1 Demonstrativo das pesquisas reunidas nas bases de dados da SciELO, da BDTD e da UNICAP

Segue a composição do Quadro 6 com artigos científicos, dissertações e teses.

Quadro 6 - Apresentação geral das pesquisas encontradas nas bases de dados

SciELO			
Descritores	Total das pesquisas		
1. Fonoaudiologia e surdez	14		
2. Família e surdos	05		
3. Bilinguismo e surdez	08		
4. Leitura e escrita de surdos	04		
5. Orientação para pais de surdos	-		
6. Fonoaudiologia e orientação para pais ou surdos	23		
7. Bilinguismo para surdo	06		
8. Orientação fonoaudiológica para pais	03		
BDTD			
Universidades federais	Dissertações	Teses	Total das pesquisas
1. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	-	-	-
2. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	19	03	22
3. Universidade Federal do Paraná (UFPR).	10	03	13
4. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	48	48	96
5. Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	-	-	-

6. Universidade Federal da Bahia (UFBA)	04	06	10
7. Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	18	03	21
8. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	07	01	08
9. Universidade Federal de Sergipe (UFS)	19	01	20
10. Universidade de Brasília (UnB)	51	16	67
11. Universidade Federal de Goiás (UFG)	08	02	10
12. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)	01	02	03
13. Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	13	04	17
14. Universidade Federal do Tocantins (UFT)	-	-	-
15. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	08	05	13
16. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	21	13	34
17. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	14	08	22
18. Universidade Federal do Ceará (UFC)	15	03	18
19. Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	05	01	06
20. Universidade Federal do Piauí (UFPI)	-	-	-
21. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	07	05	12
22. Universidade Federal do Acre (UFAC)	-	-	-
23. Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	03	-	03
24. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)	-	-	-
25. Universidade Federal do Pará (UFPA)	08	01	09
26. Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	-	-	-
27. Universidade Federal de Roraima (UFRR)	01	-	01
28. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	06	01	07
UNICAP			
Descritores	Dissertações	Teses	Total das pesquisas
1. Fonoaudiologia e surdez	01		01
2. Família e surdos		01	01
3. Bilinguismo e surdez	03		03
4. Leitura e escrita de surdos	01		01
5. Orientação para pais de surdos	01		01
6. Fonoaudiologia e orientação para pais ou surdos	-	-	-
7. Bilinguismo para surdo	04	04	08
8. Orientação fonoaudiológica para pais	-	-	-

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

No Quadro 6, apresentamos os resultados das buscas das pesquisas identificadas: primeiramente, para os artigos da bases de dados eletrônica Scientific

Electronic Library Online (SciELO), utilizamos os descritores combinados já mencionados. Com o levantamento dos artigos científicos, houve o total de 63 trabalhos encontrados, dentre os quais, 10 foram selecionados e analisados de acordo com os objetivos.

Com o descritor “fonoaudiologia e surdez”, a base de dados encontrou 14 trabalhos, mas apenas 05 identificavam-se com a temática. Com o descritor “família e surdos”, a base de dados encontrou 05 pesquisas, porém 02 artigos estavam alinhados com a temática.

Para o descritor “bilinguismo e surdez”, a base de dados buscou 08 artigos, mas apenas 01 era direcionado aos objetivos.

No caso do descritor “fonoaudiologia e orientação para pais ou surdos”, a base de dados encontrou 23 pesquisas, porém apenas 01 artigo atendeu a temática e foi contabilizado nesse descritor. Já com o descritor “bilinguismo para surdo”, a base de dados buscou 06 artigos, mas não se identificaram com os objetivos.

Para o descritor “leitura e escrita de surdos”, a base encontrou 04 artigos, porém apenas 02 eram referentes ao tema da tese. A partir do descritor “orientação fonoaudiológica para pais”, a base identificou 03 artigos e apenas 01 foi contabilizado no referido descritor.

Para os descritores “orientação para pais de surdos”, por sua vez, a base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) não identificou nenhum artigo.

Prosseguimos a apresentação do Quadro 6, com as pesquisas da base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na qual realizamos um levantamento de dissertações e teses do período já mencionado.

Nesse sentido, as pesquisas das universidades federais foram identificadas por meio dos descritores combinados. Diante disso, podemos observar o número significativo de investigações no total de 286 dissertações e 126 teses. Porém os trabalhos selecionados com o teor da temática foram 04, assim distribuídos: 02 dissertações e 02 teses, as quais são descritas a seguir.

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o descritor “fonoaudiologia e surdez”, a base de dados identificou 02 dissertações, mas apenas uma foi selecionada quanto ao critério dos objetivos. Na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com o descritor “fonoaudiologia e surdez”, a base de dados buscou uma dissertação referente à temática. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o descritor “bilinguismo para surdos”, a base de dados encontrou 02

teses, mas apenas uma referente aos objetivos. Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com o descritor “leitura e escrita de surdos”, a base de dados identificou uma pesquisa de tese, a qual se agregou à temática.

Seguindo com a organização do Quadro 6, as pesquisas foram identificadas na base de dados da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), por meio da utilização dos descritores combinados, já supracitados, para complementar as análises de pessoas surdas e todo o contexto envolvido.

Com tais descritores, houve 15 pesquisas, constantes no Quadro 6. No caso de dissertação, tivemos: “fonoaudiologia e surdez”, 01; “orientação para pais de surdos”, 01; “bilinguismo para surdo”, 04; “leitura e escrita de surdos”, 01; e “bilinguismo e surdez”, 03; e entre esses trabalhos, apenas 01 foi realizado por uma fonoaudióloga. Com os descritores para as pesquisas de teses, tivemos: “bilinguismo para surdo”, 04; e “família e surdos” 01; e entre esses trabalhos, apenas 01 realizado por uma fonoaudióloga. Vale ressaltar que encontramos duplicidade de pesquisas identificadas em mais de um descritor.

E, na busca com os descritores “fonoaudiologia e orientação para pais ou surdos” e “orientação fonoaudiológica para pais” não houve pesquisas encontradas.

A seguir, apresentamos os resultados e as discussões dos dados organizados das bases de dados.

7.2 Resultados e discussões das pesquisas organizadas nas bases de dados da SciELO, da BDTD e da UNICAP

Neste subitem, apresentamos ao leitor as análises dos dados de artigos, dissertações e teses das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da Biblioteca Digital da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), acerca das suas contribuições para as famílias de pessoas surdas diante do bilinguismo.

Segue a ordem de apresentação dos dados analisados. O primeiro é o Quadro 7 (SciELO); o segundo é o Quadro 8 (BDTD); e o terceiro, o Quadro 9 (UNICAP). Diante desse panorama, para dar maior visibilidade ao leitor, as pesquisas científicas estão representados pela sigla P1 até P24.

Quadro 7 - Pesquisas encontradas na base de dados eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO)

Ano	Pesquisador(a)	Título	Objetivo	Metodologia
P1 (2014)	Ana Cristina Guarinello; Giselle Massi; Ana Paula Berberian; Débora Pereira Cláudio; Priscila Soares Vidal Festa; e Hugo Amilton Santos de Carvalho	A retextualização como prática nas terapias fonoaudiológicas com sujeitos surdos	Discutir o processo de retextualização usado como prática nas terapias fonoaudiológicas em grupo como um meio desses sujeitos se apropriarem da língua portuguesa em sua modalidade escrita.	Estudo de caso Descritor: fonoaudiologia e surdez
P2 (2015)	Gabriela Welter; Deisi Cristina Gollo Marques Vidor; e Carina Rebello Cruz	Intervenções e Metodologias Empregadas no Ensino da Escrita e Leitura de Indivíduos Surdos: Revisão de literatura	Reunir pesquisas sobre aprendizagem da escrita por indivíduos surdos, apresentando as estratégias utilizadas por profissionais da saúde e da educação que lidam com este desenvolvimento, refletindo criticamente sobre as possibilidades de atuação do fonoaudiólogo e seu papel nesse processo.	Pesquisa bibliográfica Descritor: leitura e escrita de surdos
P3 (2015)	Gicélia Barreto Nascimento; e Themis Maria Kessler	Efeitos de oficinas de contar histórias com livros infantis realizadas com familiares de crianças surdas	Analisar os efeitos nas estratégias utilizadas por familiares de crianças surdas ao contar história por meio de livros infantis, antes e depois de oficinas com fonoaudiólogo.	Pesquisa qualitativa e descritiva Descritor: fonoaudiologia e surdez
P4 (2015)	Ana Cristina Guarinello; Giselle Massi; Ana Paula Berberian; Rita Tonocchi; e Sandra Silva Lustosa	Clínica fonoaudiológica bilíngue, uma proposta terapêutica para surdos com a língua escrita: estudo de caso	Analisar produções escritas de um sujeito surdo em processo de apropriação da escrita.	Estudo de caso Descritor: fonoaudiologia e surdez
P5 (2016)	Gabriela Regina Gonzaga Rabelo; e Luciana Pimentel Fernandes de Melo	Orientação no processo de reabilitação de crianças deficientes auditivas na perspectiva dos pais	Analisar o procedimento de orientação familiar realizado em serviços públicos de reabilitação de crianças deficientes auditivas, considerando-se a perspectiva dos pais.	Pesquisa quantitativa, tipo descritiva e de temporalidade transversal Descritores: fonoaudiologia e surdez; fonoaudiologia e orientação para

				pais ou surdos; orientação fonoaudiológica para pais
P6 (2016)	Beatriz Zaki Porcelli Mariani; Ana Cristina Guarinello; Giselle Massi; Rita Tonocchi; e Ana Paula Berberian	O trabalho fonoaudiológico em uma clínica dialógica bilíngue: estudo de caso	Discutir a inserção da língua brasileira de sinais como primeira língua de um sujeito surdo que frequenta uma clínica fonoaudiológica dialógica bilíngue a partir de atividades dialógicas.	Estudo de caso Descritor: fonoaudiologia e surdez
P7 (2016)	Cristina Broglia Feitosa de Lacerda; e Juliana Archiza Yamashiro	Ser irmão de uma pessoa surda: relatos da infância à fase adulta	Analisar a experiência de irmãos de pessoas surdas acerca de sua história de vida e das implicações da deficiência nos relacionamentos fraternos.	Pesquisa qualitativa e exploratória Descritor: família e surdos
P8 (2020)	Manuela Maschendorf Thomaz; Viviane Marten Milbrath; Ruth Irmgard Bartschi Gabatz; Vera Lúcia Freitag; e Jéssica Cardoso Vaz	Interação entre a família e a criança/adolescent e com deficiência auditiva	Conhecer como ocorre a interação da família com a criança/adolescente com deficiência auditiva.	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória Descritor: família e surdos
P9 (2023)	Cristina Broglia Feitosa de Lacerda; e Christianne Thatiana Ramos de Souza	Interação dialógica como mediação no processo de aquisição da linguagem escrita por surdos	Investigar o processo de apropriação, pelo surdo, da língua portuguesa como segunda língua em interlocução com uma professora bilíngue por meio do diário de aprendizagem.	Pesquisa qualitativa Descritor: bilinguismo e surdez
P10 (2024)	Wanilda Maria Alves Cavalcanti; e Wilma Pastor de Andrade Sousa	Práticas de letramento no processo de aquisição de língua portuguesa escrita por surdos nas séries iniciais do Ensino Fundamental	Analisar as práticas de letramento usadas por professores de salas regulares bilíngues para surdos que se encontram no processo de aquisição da língua portuguesa escrita.	Pesquisa qualitativa Descritor: leitura e escrita de surdos

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

No Quadro 7, acima, foram reunidas 10 pesquisas científicas de (P1 a P10) houve o registro de 04 artigos da *Revista CEFAC* (P1, P3 e P5), 03 artigos da *Revista Cogas* (P4, P6 e P8), 02 artigos da *Revista Brasileira de Educação Especial*

(P2 e P7), 01 artigo da *Educação em Revista* (P9) e 01 artigo da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (P10).

P1 (2014) - Com o título *A retextualização como prática nas terapias fonoaudiológicas com sujeitos surdos*, teve como objetivo discutir o processo de retextualização usado como prática, nas terapias fonoaudiológicas em grupo, como um meio esses sujeitos se apropriarem da língua portuguesa em sua modalidade escrita.

A pesquisa foi desenvolvida através de terapia fonoaudiológica em grupo, cujos participantes foram 08 pessoas surdas (01 surdo cursando o ensino médio; 04 surdos com ensino médio completo, 01 surdo cursando ensino superior e 02 surdos graduados), todos se comunicam com a língua de sinais, realizam leitura orofacial e são filhos de pais ouvintes. Além disso, 04 pesquisadores (01 fonoaudióloga, 01 psicóloga, 01 educadora e 01 discente) eram todos proficientes na língua de sinais.

O trabalho foi desenvolvido com os participantes através da produção de textos em Libras; e, em seguida, os textos foram comentados e discutidos em grupo; após essa etapa, foi realizada a retextualização para o português escrito. Na fase seguinte, os pesquisadores solicitaram que os participantes surdos relessem o texto e, caso necessitassem, realizassem a correção da escrita. Na última fase, os pesquisadores em conjunto com os surdos fizeram uma releitura dos textos escritos para versão final.

Com esse estudo, observou-se que a prática de retextualização é um processo que os surdos podem compreender e também reconstruir o sentido da produção de seus textos, ter o domínio de gêneros textuais, resgatar o sentido e a coerência. Bravo (2021) confirma essas estratégias fonoaudiológicas, como reler os textos juntos e realizar a comparação da língua de sinais e a língua portuguesa escrita, bem como realizar a autocorreção do texto. Além disso, os surdos refletem sobre a escrita e sua função social, conforme também defende Silva (1999).

Corroborando o estudo, nesse processo de reescrita dos textos, podemos perceber os estágios de interlíngua, descritos por Brochado (2003), conforme argumentamos no item 3.6.

P2 (2015) - A pesquisa intitulada *Intervenções e Metodologias Empregadas no Ensino da Escrita e Leitura de Indivíduos Surdos: Revisão de Literatura* teve como objetivo verificar, na literatura disponível, intervenções/metodologias aplicadas no processo de aprendizagem da escrita por indivíduos surdos.

A pesquisa é de natureza bibliográfica, com busca nas bases de dados Lilacs e SciELO, com os seguintes descritores utilizados; leitura, escrita, aprendizagem, distúrbios de aprendizagem e bilinguismo, associados com surdez.

Com esse estudo, observou-se que a língua materna do surdo é a Libras e esta é a base para o aprendizado da língua portuguesa escrita. Esse argumento é confirmado por diversos autores, como Lacerda (1998), Lodi (2000) e Quadros (1997), segundo as quais, as experiências do surdo é mediada pela língua de sinais.

Além do mais, houve a organização de estratégias facilitadoras no processo de aquisição da escrita, tais como a utilização de métodos visuais (textos escritos, imagens, dramatizações, etc.), a conversação, o uso social da escrita, o trabalho com o tema de interesse do surdo, a posição adequada em sala de aula, auxiliando assim o aprendizado do surdo. O estudo também evidenciou melhorias na escrita dos surdos com essas estratégias, e o profissional da Fonoaudiologia está incluído nesse processo tanto na clínica quanto no campo científico.

Concordamos com esses achados, pois é também por meio da escrita que a pessoa surda expressa sua capacidade crítica e ideias. Serafim (2022) acrescenta que a escrita é uma função sociointerativa, além de o surdo participar de uma sociedade letrada.

P3 (2015) - Com o título *Efeitos de oficinas de contar histórias com livros infantis realizadas com familiares de crianças surdas*, esta pesquisa teve como analisar os efeitos das estratégias utilizadas por familiares de crianças surdas ao contarem história por meio de livros infantis, antes e após oficinas com fonoaudiólogo.

O estudo foi de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Os participantes foram selecionados aleatoriamente, sendo 03 familiares que acompanhavam 03 crianças em terapia fonoaudiológica, 02 mães e 01 avó, totalizando 06 participantes do serviço à clínica escola do curso de Fonoaudiologia de uma universidade federal.

A pesquisa possibilitou três momentos:

a) No primeiro encontro, foram analisados os prontuários dos pacientes (contexto familiar, aspectos de linguagem, habilidades auditivas e da modalidade comunicativa da criança, ou seja, se a criança utilizava apenas a língua oral, ou se era bilíngue, utilizando a língua oral e a língua de sinais);

b) No segundo encontro, foi realizada a gravação em vídeo da díade familiar-criança surda enquanto eram contadas histórias de livros infantis. Os familiares foram orientados a contar duas histórias, como de costume no dia a dia.

c) No terceiro encontro, os familiares participaram de oficinas com fonoaudiólogo, envolvendo temas sobre brincar e contar histórias. As oficinas possibilitavam o pensar, o descobrir, o reinventar, o criar e recriar, por meio de uma relação horizontal. Com essa estratégia, foram usados músicas, textos, observações diretas, vídeos, experiências práticas, vivência de ideias e sentimentos, visando a um “movimento de reconstrução individual e coletivo”.

Nesse estudo, observou-se que as oficinais são percebidas de forma positiva entre o terapeuta e a família, possibilitando assim uma melhor interação do momento linguístico através de livros infantis. Midená (2004) evidencia esses achados quando destaca a leitura conjunta de contos, livros, crônicas, poesia, piadas, letras de música, histórias em quadrinhos, etc. Nesse momento, pode-se utilizar estratégias como variação da entonação, uso de onomatopeias, recursos corporais, expressões faciais e destaque para as ilustrações, possibilitando o envolvimento das crianças com as histórias.

Além do mais, as díades passaram a apresentar maior frequência na troca de olhares após as oficinas, fortalecendo a interação e a compreensão dos livros pelas crianças. Sena e Deitos (2001) afirmam que o envolvimento da família no processo terapêutico contribui para o desenvolvimento da criança.

Diante disso, concordamos também com os estudos das autoras Guarinello *et al.* (2015) e Mariani *et al.* (2016), os quais confirmam os achados da pesquisa. Dessa forma, a clínica bilíngue é um espaço de estimulações pautadas em situações dialógicas e interacionais, além da utilização de recursos visuais e não apenas auditivas e articulatórias.

P4 (2015) - Com o título *Clínica fonoaudiológica bilíngue, uma proposta terapêutica para surdos com a língua escrita: estudo de caso*, este trabalho teve como objetivo analisar produções escritas de um sujeito surdo em processo de apropriação da escrita.

A pesquisa foi um estudo de caso, em que os participantes foram um surdo e uma fonoaudióloga (fluente em língua de sinais). O surdo tinha 14 anos, perda profunda bilateral, com pouca audição residual e fazia uso de aparelho de amplificação sonora individual (AASI); a mãe recebeu o diagnóstico do filho quando

ele tinha 1 ano de idade.

O participante surdo, nas terapias fonoaudiológicas, comunicava-se em língua de sinais, mas ainda com dificuldade. Como também utilizava a oralidade com enunciados curtos e palavras isoladas de forma inteligível. E quando não era entendido, buscava apoio no alfabeto manual para escrever, mas tinha dificuldade para ler e escrever.

Foi realizado um trabalho fonoaudiológico pautado na linguagem escrita, já que percebemos a língua como atividade discursiva. As atividades interativas utilizadas foram: gêneros textuais - livros, poesias, receitas, jornais, gibis, revistas, etc, confirmando os recursos visuais utilizados pelas autoras Bravo(2021) e Midená (2004).

Essas intervenções fonoaudiológicas têm o objetivo de perceber a língua portuguesa com função social. Como defende Silva (1999), a língua escrita é um objeto linguístico a partir de seu lugar social e, para o surdo, o processo de aprendizagem é por via do sistema linguístico visuo-manual. Cardoso (2023) ressalta a escrita do surdo que recebe influência da primeira língua (Libras).

Esse estudo revelou que, com as intervenções fonoaudiológicas, o surdo começa a refletir acerca de seus textos com mais segurança e passa a ter um pensamento positivo perante a escrita.

P5 (2016) - A pesquisa intitulada *Orientação no processo de reabilitação de crianças deficientes auditivas na perspectiva dos pais* teve como objetivo analisar o procedimento de orientação familiar realizado em serviços públicos de reabilitação de crianças deficientes auditivas, considerando a perspectiva dos pais.

O estudo foi desenvolvido com abordagem de natureza quantitativa, descritiva e de temporalidade transversal. Os participantes foram 21 responsáveis de surdos, escolhidos aleatoriamente do serviço público da cidade de João Pessoa-PB. Como instrumento, foi utilizado o questionário, no período de setembro de 2014 a janeiro de 2015.

Com este trabalho, destacamos o resultado da categoria de “caracterização da orientação fonoaudiológica aos pais de crianças deficientes auditivas”. Os dados achados foram: a) frequência de orientação: 90,5% (semanal); b) dificuldade de compreensão das orientações: 95,2% (não); e c) aplicação das orientações no ambiente familiar: 100% (sim).

Quanta às temáticas de orientação aos pais, a) linguagem, fala e

comunicação, obteve: 90,5% (sim); b) audição e perda auditiva, 52,4% (sim); c) AASI/IC, 81% (sim); e d) escola, 52,4% (não).

Com o estudo, observou-se que as orientações são, de forma efetiva, concedidas em todas as sessões. Como determina CFF (2007), é de competência do fonoaudiólogo orientar e aconselhar a família. Corroborando os estudos, Nascimento (2015) afirma que a participação da família no processo terapêutico possibilita troca de experiências e fortalece o vínculo.

Dessa maneira, as orientações favoreceram uma melhor compreensão e proporcionaram aos pais informações relevantes acerca dos principais temas. Além do mais, deram autonomia e segurança para eles darem continuidade às estratégias no núcleo familiar.

P6 (2016) - Com o título *O trabalho fonoaudiológico em uma clínica dialógica bilíngue: estudo de caso*, esta pesquisa teve como objetivo discutir a inserção da língua brasileira de sinais como primeira língua de um sujeito surdo que frequenta uma clínica fonoaudiológica dialógica bilíngue, a partir de atividades dialógicas.

A investigação foi realizada como estudo de caso de forma longitudinal, entre março de 2011 e novembro de 2014, em uma clínica escola de Fonoaudiologia.

Os participantes selecionados foram: surdo, estagiário (a cada ano, mudava o estagiário), família e fonoaudiólogo. O surdo tinha perda auditiva sensorio-neural profunda e bilateral de etiologia congênita, com pais separados, convivendo mais com a mãe.

Podemos destacar, entre as orientações fonoaudiológicas, conversar com a mãe acerca das possibilidades do filho e sobre a mediação da mãe no processo de linguagem. Outra orientação foi conversar com a mãe sobre a clínica bilíngue e a importância de ela também aprender a Libras. Corroborando esses achados, Lima *et al.* (2016) afirmam que as famílias precisam de informações, o que, além de as empoderar, promove a sua transformação.

Com o estudo, observou-se que a clínica fonoaudiológica bilíngue iniciou o trabalho com a Libras através de turnos conversacionais. Bravo (2021) comunga desse pensamento e destaca algumas estratégias, dentre as quais, ler história em língua de sinais e estimular o conte e reconto da história, com trocas de turnos e recursos visuais.

Nesse sentido, com a língua constituída, o surdo passou a perceber o outro como seu interlocutor e o incluiu no processo interativo, além de ter se apropriado da língua portuguesa escrita.

P7 (2016) - Com o título *Ser irmão de uma pessoa surda: relatos da infância à fase adulta* teve como objetivo analisar a experiência de irmãos de pessoas surdas acerca de sua história de vida e das implicações da deficiência nos relacionamentos fraternos.

A pesquisa foi desenvolvida como estudo exploratório, em que os participantes foram 05 irmãos de surdos. Foi utilizado um questionário de identificação e roteiro de entrevista em profundidade. Além do mais, o estudo foi analisado diante do modelo de produções de práticas discursivas, com abordagem construcionista, e da psicologia social, assim observando as práticas interacionais que os participantes compreendem de suas realidades.

Com este estudo, observou-se a principal dificuldade entre os participantes e seus irmãos surdos, que foi a falta de comunicação, interferindo assim nas experiências vivenciadas por seus pares na família, a partir da infância até a fase adulta. Nesse sentido, Vygotsky, Luria e Leontiev (2010) afirmam que a linguagem é constituída a partir das experiências interacionais entre a criança e as pessoas que a rodeiam.

Também considera a importância de participação de toda a família nas orientações recebidas pelos profissionais, pois considera que, no quesito relacionamento e comunicação, isso seria fortalecido.

Além do mais, pontua a necessidade de o profissional propiciar o acolhimento, a escuta e o esclarecimento das informações para conduzir essa família no enfrentamento dos obstáculos e no fortalecimento dos laços familiares. Confirmando esses dados, Pereira *et al.* (2017) argumentam e Jesus *et al.* (2023) acrescentam que o fonoaudiólogo é o mediador no processo terapêutico.

P8 (2020) - A pesquisa intitulada *Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência auditiva* teve como objetivo conhecer como ocorre a interação da família com a criança/adolescente com deficiência auditiva.

A pesquisa teve abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Os participantes do estudo foram 10 cuidadores principais de crianças e adolescentes surdos entre 10 e 19 anos de idade. O local do estudo foi uma escola especial na região Sul do Brasil. Foi utilizada uma entrevista semiestruturada como instrumento da pesquisa, com questões acerca do processo de comunicação da criança e do adolescente surdo, junto com suas famílias.

Com o estudo, destacamos que a interação entre o surdo e a sociedade fica

prejudicada pelo desconhecimento das pessoas acerca da comunidade surda e do uso da Libras. Silva e Bastos (2013) referem como a participação da família é fundamental para a interação e a socialização da pessoa surda, pois é através desse primeiro contato social que a criança encontra formas particulares de se perceber e perceber o mundo que a cerca.

Além do mais, os cuidadores demonstraram interesse em realizar o curso de Libras, sendo uma possibilidade de compreender melhor os filhos e manter-se presentes no seu desenvolvimento. Outro ponto trazido pela pesquisa é que muitos familiares não possuem a mesma compreensão sobre a importância da Libras na comunicação dos surdos, ocorrendo um distanciamento entre a criança/o adolescente e os membros da família. Por consequência, surge uma barreira dentro da família.

Diante disso, por falta de uma língua em comum, a interação familiar fica comprometida.

Paula e Pereira (2014) afirmam que a família configura-se como o primeiro grupo social de qualquer pessoa, portanto constitui um ambiente favorável para adquirir e desenvolver suas primeiras experiências e aprendizagem.

P9 (2023) - A pesquisa *Interação dialógica como mediação no processo de aquisição da linguagem escrita por surdos* teve como objetivo investigar o processo de apropriação, pelo surdo, da língua portuguesa como segunda língua em interlocução com uma professora bilíngue por meio do diário de aprendizagem.

O presente estudo foi de abordagem qualitativa, e os participantes da pesquisa foram seis alunos e uma professora bilíngue, tendo sido desenvolvida em uma escola inclusiva da rede municipal localizada no interior de São Paulo. Foi analisada a linguagem escrita das produções registradas nos diários de aprendizagem dos alunos matriculados no Ensino Fundamental II.

Com este estudo, um dos pontos que destacamos é a confirmação da marca de interlíngua na escrita do aluno surdo, como todo aprendiz da língua portuguesa como L2, o que é evidenciado por Brochado (2003). Ademais foi constatado que o surdo tem a capacidade de elaborar discursos estruturados em L2 de aprender os significados e sentidos de seus textos escritos.

P10 (2024) - A pesquisa intitulada *Práticas de letramento no processo de aquisição de língua portuguesa escrita por surdos nas séries iniciais do Ensino Fundamental* teve como objetivo analisar as práticas de letramento usadas por

professores de salas regulares bilíngues para surdos que se encontram no processo de aquisição da língua portuguesa escrita.

A presente pesquisa foi de abordagem qualitativa, realizada de maneira remota (Whatsapp, e-mail e Google Meet) no período da pandemia do coronavírus. Os participantes foram 05 professores bilíngues dos anos iniciais do Ensino Fundamental em três escolas com salas bilíngues da rede municipal de ensino da cidade de Recife. Houve a utilização de entrevista semiestruturada e observação em sala de aula.

Com o estudo, observou-se que os professores refletiram sobre o processo de aquisição da língua portuguesa escrita por surdos e suas práticas de letramento. Outros pontos observados foram a circulação da Libras em sala de aula como L1, o uso da datilologia para auxiliar na aprendizagem da escrita durante as atividades e a interação entre os docentes e alunos, que ocorreu de forma positiva.

A respeito dos pontos observados, Vygotsky (2007, p.56) acrescenta que “o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola”. Corroborando com o estudo, quando a família proporciona um ambiente com gêneros textuais, por exemplo, o que abordado Bravo (2021), é gerada uma parceria entre escola, família e terapeuta, melhorando o desempenho do aluno surdo. Voltando às considerações de Vygotsky (2007), ressaltamos a zona de desenvolvimento proximal, dialogadas no capítulo 2.

A seguir, no Quadro 8, temos as pesquisas de dissertações e teses da BDTD.

Quadro 8 - Pesquisas encontradas na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Ano	Pesquisador(a)	Título	Objetivo	Metodologia
P11 (2013)	Mércia Maria Tavares de Melo	Família e escola: criando identidades na constituição do sujeito surdo	Descrever a importância do universo cultural e linguístico na construção da identidade, linguagem e constituição dos sujeitos surdos.	Pesquisa qualitativa Descritor: bilinguismo para surdo
P12 (2015)	Gicélia Barreto Nascimento	Intervenção fonoau- diológica com familiares de crianças surdas	Investigar a percepção e o conhecimento de familiares de crianças surdas sobre o desenvolvimento linguístico de seus filhos.	Pesquisa qualitativa, quantitativa e exploratória Descritor: fonoaudiologia e surdez

P13 (2016)	Luana de Lima Alpino	Avaliação da escrita de alunos surdos bilíngues assistidos pelo atendimento educacional especializado	Investigar como é realizada a avaliação da escrita do surdo bilíngue pelo professor do Atendimento Educacional Especializado em instituições públicas de Maceió.	Pesquisa qualitativa Descritor: fonoaudiologia e surdez
P14 (2018)	Thereza Sophia Jácome Pires	Letramento multimodal de uma criança surda com implante coclear	Analisar a apropriação do sistema linguístico escrito de uma criança surda com implante coclear, sob a ótica do letramento, numa perspectiva da linguagem enquanto instância multimodal.	Pesquisa qualitativa Descritor: leitura e escrita de surdos

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

No Quadro 8, estão organizadas 04 pesquisas científicas - de P11 a P14 - dos respectivos anos 2013, 2015, 2016 e 2018, as quais são dissertações e teses de profissionais de Fonoaudiologia de universidades federais. Ressaltamos que são pesquisas selecionadas com os descritores combinados, referentes aos objetivos da presente tese.

P11 (2013) - A pesquisa intitulada *Família e escola: criando identidades na constituição do sujeito surdo* teve como objetivo descrever a importância do universo cultural e linguístico na construção da identidade, da linguagem e da constituição dos sujeitos surdos.

A pesquisa de abordagem qualitativa, teve como participantes 10 surdos (05 de escola regular e 05 de escola especial) e suas famílias, bem como 12 professores (06 de escola apenas para surdo e 06 de escola regular). Foi aplicada entrevista semiestruturada a todos os participantes, prosseguindo com a análise dos dados de Bardin.

Com este estudo, destacamos alguns pontos: diante da postura adquirida pelos outros (familiares e escola), muitas vezes, o surdo não se sente incluído tanto na sociedade quanto na família, o que foi evidenciado com os surdos participantes da pesquisa. Dessa maneira, eles enfrentam isolamento e distanciamento de seus semelhantes e quando têm pais ouvintes. Alinhados a com esses achados, Almeida (2009) e Guarinello e Lacerda (2007) argumentam que 94% a 95% dos surdos são filhos de pais ouvintes.

O termo “diálogo silencioso”, trazido na pesquisa, nos faz refletir sobre a falta de uma língua em comum entre seus pares, pois ressalta que o surdo sente-se frustrado devido ao silêncio enfrentado no ambiente familiar. Santana (2015) acrescenta que, nessa situação, o ambiente linguístico é considerado desfavorável, pois não existe o processo de interação dentro da mesma língua. Concordamos com essa afirmação, pois o sociointeracionismo de Vygotsky defende que o desenvolvimento da linguagem, para ser estabelecido, demanda troca mútua de experiências entre seus pares. Nesse sentido, a pesquisa sugere que o sistema educacional escute as demandas de seus alunos, porque eles sozinhos não conseguem superar essa barreira.

É importante destacar, por fim, que a família e a escola são parceiras no processo educacional, em especial da pessoa surda, que é o tema em questão, possibilitando o desenvolvimento das habilidades e potencialidades de qualquer aluno.

P12 (2015) - A temática *Intervenção fonoaudiológica com familiares de crianças surdas* teve como objetivo investigar a percepção e o conhecimento de familiares de crianças surdas sobre o desenvolvimento linguístico de seus filhos.

A pesquisa foi de abordagem qualitativa, quantitativa e exploratória. Os participantes foram 05 familiares e 05 crianças surdas com perdas auditivas neurossensoriais em ambas as orelhas.

Foi utilizada como instrumento de pesquisa, a entrevista; e após, a análise de conteúdo por temas. Na sequência, os vídeos foram analisados através do *software Eudico Linguistic Annotator* (ELAN).

Com este estudo, destacamos a eficácia da percepção da família sobre o desenvolvimento da linguagem e das habilidades pragmáticas das crianças. Além do mais, a parceria da família com a intervenção fonoaudiológica revelou melhora na interação entre seus pares. Corroborando a pesquisa, Pereira e Alcará (2021) afirmam que a inexistência de informações impacta a experiência dos pais, por não saberem lidar com o filho. Sendo assim, Jesus *et al.* (2023) ressaltam que a mediação do fonoaudiólogo junto à família pode ressignificar a interação e valorizar a língua de sinais.

A pesquisa atual evidenciou, portanto, que as intervenções fonoaudiológicas foram positivas para o desenvolvimento familiar.

P13 (2016) - A pesquisa intitulada *Avaliação da escrita de alunos surdos*

bilíngues assistidos pelo atendimento educacional especializado teve como objetivo investigar como é realizada a avaliação da escrita do surdo bilíngue pelo professor do Atendimento Educacional Especializado em instituições públicas de Maceió.

A pesquisa foi de natureza qualitativa. Os participantes foram 12 estudantes e 04 docentes. Foi utilizado um protocolo de avaliação do desempenho da escrita de palavras por aprendizes surdos (PADEPAS), além de duas produções textuais (dos gêneros tira e curta-metragem). A entrevista foi direcionada aos docentes, referindo-se à escrita de seus discentes, e as respostas foram analisadas segundo a teoria de conteúdo de Bardin. Já as produções dos textos escritos receberam a análise conforme a teoria de interlíngua.

Com este estudo, foram observados a demanda de reformulações de política educacionais, a efetivação prática do bilinguismo, com mais espaços para reflexão sobre o processo de aprendizagem do surdo, e a prática no atendimento educacional especializado (AEE).

Corroborando a pesquisa, Cárnio, Couto e Lichtig (2000) afirmam que o bilinguismo é mais que o uso de duas línguas, pois considera uma mudança de postura política, cultural, social e educacional. Confirmando com a legislação brasileira, as políticas públicas da Lei n. 10.436/02 e do Decreto n. 5.626/05 orientam um espaço bilíngue para o processo de aprendizagem da pessoa surda.

P14 (2018) - O estudo intitulado *Letramento multimodal de uma criança surda com implante coclear* teve como objetivo analisar a apropriação do sistema linguístico escrito de uma criança surda com implante coclear, sob a ótica do letramento, numa perspectiva da linguagem enquanto instância multimodal.

A pesquisa foi de abordagem qualitativa. A participante do estudo foi uma criança, atualmente, com 9 anos e 6 meses, com surdez congênita e implantada aos 4 anos de idade. A coleta foi realizada em uma clínica na Paraíba, em atendimentos semanais; e a análise dos dados através do software ELAN.

Essa pesquisa defende a perspectiva da multimodalidade (gesto e fala) e revela que a intervenção fonoaudiológica da criança com IC nas sessões de letramento contribuiu para o desenvolvimento da linguagem escrita. Foi possível evidenciar também que apenas a ativação do IC e a exposição da língua oral são insuficientes para aquisição da língua portuguesa escrita.

Confirmando com Dizeu e Caporali (2005), a língua natural da pessoa surda é a Libras, pois a criança surda adquire a língua de forma espontânea sem a

necessidade de treinos específicos. Guarinello *et al.* (2015) e Mariani *et al.* (2016) defendem também que o surdo demanda de acesso precoce à língua de sinais (L1) para seguir no aprendizado da língua portuguesa (L2).

Corroborando ainda o estudo, concordamos que a criança surda precisa cognitivamente estruturar uma língua e é a Libras como primeira língua; e conseqüentemente, o português escrito como segunda língua. Sendo assim, a proposta dessa estimulação, tanto na clínica bilíngue como junto à família, será pautada em estratégias que preconizem a utilização de meios visuais, facilitando o aprendizado dessas crianças devido à falta do feedback auditivo.

Prosseguimos com o Quadro 9, em que constam às pesquisas científicas da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Quadro 9 - Pesquisas encontradas na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações(BDTD) com referência científica do *corpus* das pesquisas da Pós-Graduação em Ciências da Linguagem de uma universidade comunitária

Ano	Pesquisador(a)	Título	Objetivo	Metodologia
P15 (2015)	Alexcina Oliveira Cirne Vieira da Cunha	A melhoria do capital linguístico de surdos associados da comunidade religiosa das Testemunhas de Jeová	Analisar se os surdos, quando expostos a rotinas de leitura constante de textos de boa qualidade, atrelados a discussões e apresentações públicas nas reuniões das Testemunhas de Jeová, podem trazer melhoria do capital linguístico.	Pesquisa qualitativa e bibliográfica Descritores: bilinguismo e surdez; leitura e escrita de surdos; bilinguismo para surdo
P16 (2015)	Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega	Libras, pra que te quero?: a apropriação dos multiletramentos por alunos surdos do Letras/Libras	Investigar as contribuições linguísticas da Libras, adquiridas durante o curso de Letras/Libras UAB/UFPB - que favoreceram as inúmeras possibilidades de práticas de multiletramentos dos seus alunos surdos.	Pesquisa qualitativa Descritores: bilinguismo e surdez; bilinguismo para surdo
P17 (2018)	Antonio Henrique Coutelo de Moraes	A triangulação Libras-português- inglês: relatos de professores e intérpretes de Libras sobre aulas inclusivas de língua estrangeira	Analisar o efeito de práticas pedagógicas empregadas em interações em aulas de língua inglesa, mediadas por Libras/Português, nos Ensinos Fundamental e Médio, a partir dos relatos de tradutores, intérpretes e	Pesquisa qualitativa, descritivo-observacional Descritores: bilinguismo para surdo

			professores bilíngues ou não.	
P18 (2019)	Marcela Gomes Barbosa	Falando sobre filhos(as) surdos(as): algumas considerações sobre a (in)visibilidade dos pais na educação bilíngue	Analisar o relato de pais sobre o atendimento às suas demandas para compreensão do papel que poderão desempenhar no processo de aquisição da linguagem na perspectiva bilíngue, que pode repercutir na melhoria da comunicação e aprendizagem do(a) filho(a) surdo(a).	Pesquisa qualitativa e descritiva Descritor: fonoaudiologia e surdez; bilinguismo e surdez; bilinguismo para surdo
P19 (2020)	Alice Claudina dos Santos	Aprendizagem profissional de surdos: superando desafios da comunicação em sala de aula	Identificar os principais desafios que poderão surgir na linguagem empregada por surdos em sala de aula de uma instituição de ensino profissional.	Pesquisa qualitativa Descritor: bilinguismo para surdo
P20 (2020)	Michele Elias de Carvalho	Educação bilíngue para surdos: inquietações sobre a aquisição da escrita em língua portuguesa	Analisar como alguns modelos propostos pelas políticas educacionais e linguísticas que orientam a educação bilíngue para surdos estão contribuindo para o seu desenvolvimento linguístico, na modalidade escrita da Língua Portuguesa.	Pesquisa qualitativa, de natureza aplicada Descritor: bilinguismo para surdo
P21 (2021)	René Ribeiro Hutzler	A escrita de surdos em língua portuguesa no Ensino Superior: desafios da prática	Analisar, por meio do relato de surdos universitários, os desafios que podem enfrentar para escrever em língua portuguesa.	Pesquisa qualitativa e descritiva Descritor: orientação para pais de surdos
P22 (2022)	Sandra Rosa de Magalhães Souza	Influência da trajetória escolar na aquisição do português escrito como L2 por surdos do ensino superior recurso: comparando dados	Analisar se existe ou não coerência no desempenho acadêmico em língua portuguesa de alunos surdos, comparando as notas registradas no histórico escolar do ensino médio e da graduação, com os relatos de docentes e discentes que participaram.	Pesquisa qualitativa Descritor: bilinguismo para surdo

P23 (2025)	Michelle Mélo Gurjão Roldão	Consciência fonológica, conhecimento lexical e repetição de pseudo-sinais da LIBRAS em crianças surdas bilíngues: a influência da estimulação precoce	Analisar o desempenho em relação à consciência fonológica da Língua Brasileira de Sinais (Libras), o conhecimento lexical e a repetição de pseudo-sinais em crianças surdas bilíngues, egressas de um programa de estimulação precoce, em comparação com crianças surdas bilíngues que não tiveram igual oportunidade.	Pesquisa quali-quantitativa, comparativa e transversal Descritores: família e surdos; bilinguismo para surdo
---------------	--------------------------------	---	--	---

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

No Quadro 9, reunimos 09 pesquisas, realizadas por professores e por fonoaudiólogas que foram identificadas pelos descritores, mas entre elas, apenas 02 realizadas por fonoaudiólogas. Todavia encontramos 01 pesquisa, de forma indireta, realizada por uma fonoaudióloga e referente à temática: a tese concernente ao ano de 2019, pesquisa intitulada *(Re) construindo percursos no processo de leitura em língua portuguesa por surdos do Ensino Fundamental: do problema ao encaminhamento de algumas soluções*.

Conforme organizamos e analisamos os trabalhos no Quadro 9, estão identificados como P15, P16, P17, P19, P20, P21 e P22, realizadas por professores; e P18, P23 e P24, realizadas por fonoaudiólogas.

As pesquisas realizadas por professores:

P15 (2015) - Com o título *A melhoria do capital linguístico de surdos associados da comunidade religiosa das testemunhas de Jeová*, esta pesquisa teve como objetivo analisar se os surdos, quando expostos a rotinas de leitura constantes de textos de boa qualidade, atrelados, a discussões e apresentações públicas nas reuniões das testemunhas de Jeová, podem ter melhoria do seu capital linguístico.

Em síntese, a pesquisa foi realizada sob uma abordagem qualitativa e bibliográfica. Ela retrata o trabalho desenvolvido na Congregação da Língua de Sinais das Testemunhas de Jeová. Observamos que a mediação de duas línguas (Libras e língua portuguesa) valoriza o bilinguismo. Os textos religiosos também são apresentados por vídeo na língua de sinais, o que contribui para uma melhor compreensão dos textos, além de configurar uma leitura acessível para todos os

membros, surdos e ouvintes. Dessa forma, a Congregação valorizou o acesso ao conhecimento religioso de forma bilíngue.

P16 (2015) - A pesquisa intitulada *Libras, pra que te quero?: a apropriação dos multiletramentos por alunos surdos do Letras/Libras* teve como objetivo investigar as contribuições linguísticas da Libras, adquiridas durante o curso de Letras/Libras UAB/UFPB, que favoreceram as inúmeras possibilidades de práticas de multiletramentos dos seus alunos surdos.

Em síntese, o desenvolvimento dessa pesquisa teve a participação de alunos surdos pioneiros do curso de Letras-Libras, com acesso ao projeto político-pedagógico e às ementas. Observamos que o estudo trouxe um panorama da realidade desse grupo, como foi a educação básica e as contribuições para educação de surdos na visão do multiletramento e da educação a distância.

P17 (2018) A pesquisa intitulada *A triangulação Libras-português inglês: relatos de professores e intérpretes de Libras sobre aulas inclusivas de língua estrangeira* teve como objetivo analisar o efeito de práticas pedagógicas empregadas em interações em aulas de língua inglesa mediadas por Libras/Português, nos Ensino Fundamental e médio, a partir dos relatos de tradutores, intérpretes e professores bilíngues ou não.

Em síntese, a investigação foi de caráter qualitativo e descritivo-observacional. Os participantes foram tradutores, intérpretes e docentes bilíngues ou não. As observações ocorreram em turmas do Ensino Fundamental e médio, durante as aulas de língua inglesa, mediadas pela Libras e língua portuguesa. A análise foi direcionada pela teoria de conteúdo de Bardin. Com este estudo, revelou-se que existe pouco ensino do inglês tanto para alunos surdos quanto para ouvintes.

É importante ressaltar que os achados dos estudos trouxeram a evidência da prática existente em sala de aula e que não houve diferença entre os alunos surdos e os ouvintes quanto à oportunidade de ensino reduzido da língua estrangeira.

P19 (2020) - Com o título *Aprendizagem profissional de surdos: superando desafios da comunicação em sala de aula*, a presente pesquisa teve como objetivo identificar os principais desafios que poderão surgir na linguagem empregada por surdos em sala de aula de uma instituição de ensino profissional.

Em síntese, o presente estudo foi desenvolvido sob a abordagem qualitativa, em uma instituição de ensino profissional na cidade do Recife. Os participantes foram estudantes surdas, coordenadoras pedagógicas, instrutores pedagógicos e

tradutores/intérpretes de Libras. A análise dos dados foi inspirada em Bardin. O estudo propôs uma melhor aquisição do conhecimento na prática profissional do aluno surdo no contexto do ensino profissionalizante.

P20 (2020) - A pesquisa intitulada *Educação bilíngue para surdos: inquietações sobre a aquisição da escrita em língua portuguesa* teve como objetivo analisar como alguns modelos propostos pelas políticas educacionais e linguísticas que orientam a educação bilíngue para surdos estão contribuindo para o seu desenvolvimento linguístico, na modalidade escrita da língua portuguesa.

Em síntese, a pesquisa foi de abordagem qualitativa e bibliográfica. Os participantes foram compostos por alunos surdos e por docentes de língua portuguesa de quatro turmas do Ensino Fundamental de escolas da rede pública. A análise foi inspirada em Bardin e nos estágios de interlíngua de Selinker.

Com o estudo, foi constatado que, para aquisição da linguagem escrita, não houve diferença dos modelos inclusivo e bilíngue, referente ao aprendizado do grupo pesquisado.

P21 (2021) - A pesquisa intitulada *A escrita de surdos em língua portuguesa no ensino superior: desafios da prática* teve como objetivo analisar, por meio do relato de surdos universitários, os desafios que estes podem enfrentar para escrever em língua portuguesa.

Em síntese, a presente pesquisa foi de abordagem qualitativa e descritiva. Foi utilizada, como instrumento de pesquisa, uma entrevista semiestruturada com oito participantes surdos do Ensino Superior. A análise dos dados foi inspirada em Bardin.

Com este estudo, observou que os alunos surdos universitários têm pouco apoio dos professores de Língua Portuguesa, pelo fato de desconhecerem as singularidades e demandas desse grupo. Destacamos que a pesquisa constatou a necessidade de formação de docentes universitários (licenciaturas em Pedagogia e Letras) acerca do ensino do português para surdo como L2.

P22 (2022) - A pesquisa intitulada *Influência da trajetória escolar na aquisição do português escrito como L2 por surdos do ensino superior recurso: comparando dados* teve como objetivo analisar se existe ou não coerência no desempenho acadêmico em língua portuguesa de alunos surdos, comparando as notas registradas no histórico escolar do ensino médio e da graduação, com os relatos de docentes e discentes que participam.

Em síntese, a presente pesquisa foi de abordagem qualitativa. Os participantes foram cinco docentes de língua portuguesa e sete alunos surdos. A análise dos dados foi inspirada na análise de conteúdo de Bardin.

Esta pesquisa revelou que as notas dos estudantes surdos, no período do Ensino Médio e no Ensino Superior, não apresentaram diferenças significativas. Outros pontos observados foram a dificuldade de uma metodologia adequada e a dificuldade no desempenho da escrita dos alunos participantes do estudo.

As pesquisas de dissertações e teses elaboradas pelos(as) pesquisadores(as), reunidas no Quadro 9, de modo geral, corroboraram a identificação da presente tese vinculada à base teórica da adoção do bilinguismo para pessoas surdas. E, para compor esse direcionamento, evidenciamos a legislação brasileira - a Lei n.10.436/02 e o Decreto n. 5.626/05, que regulamentam as suas práxis.

As pesquisas realizadas por fonoaudiólogas foram as seguintes:

P18 (2019) - A pesquisa intitulada *Falando sobre filhos(as) surdos(as): algumas considerações sobre a (in)visibilidade dos pais na educação bilíngue* teve como objetivo analisar o relato de pais sobre o atendimento às suas demandas para a compreensão do papel que poderão desempenhar no processo de aquisição da linguagem na perspectiva bilíngue, que pode repercutir na melhoria da comunicação e da aprendizagem do(a) filho(a) surdo(a).

Em síntese, a presente pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa e descritiva. Os participantes foram dez pais de surdos, assim distribuídos: cinco relatos de pais de alunos surdos (escola pública) e cinco relatos de pais de um grupo de estudos surdos em uma universidade, ambos na cidade do Recife. Foi utilizada uma entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa. A análise dos dados foi inspirada em Bardin.

Os estudos evidenciaram a visibilidade dos pais diante das demandas advindas do momento delicado de suas vidas. Ressaltamos assim a necessidade de fonoaudiólogos mais acolhedores e sensíveis desde a comunicação do diagnóstico, atentando para as devidas orientações necessárias em todo o processo terapêutico. Bravo (2021), Lima *et al.* (2016) e Pereira *et al.* (2017), como dialogado no capítulo 1 desta tese.

P23 (2025) - A pesquisa intitulada *Consciência fonológica, conhecimento lexical e repetição de pseudo-sinais da Libras em crianças surdas bilíngues: a*

influência da estimulação precoce teve como objetivo analisar o desempenho em relação à consciência fonológica da língua brasileira de sinais (Libras), ao conhecimento lexical e à repetição de pseudo-sinais em crianças surdas bilíngues, egressas de um programa de estimulação precoce, em comparação com crianças surdas bilíngues que não tiveram igual oportunidade.

Em síntese, a presente pesquisa foi de abordagem quali-quantitativa, comparativa e transversal. Os participantes foram quatorze alunos surdos dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas bilíngues de São Paulo (08 alunos) e da Paraíba (06 alunos), além de treze pais ouvintes. Como instrumentos de pesquisa, foram adotadas a entrevista semiestruturada, o teste de consciência fonológica da Libras, proposto pela autora Cruz (2016), e o teste de repetição de pseudosinais, desenvolvido pela equipe do Projeto Desenvolvimento Bilíngue Bimodal. A análise dos dados foi inspirada em Bardin e Mann-Whitney.

Destacamos, nesse estudo, o envolvimento da família e a continuidade da educação bilíngue como elementos positivos no desempenho linguístico do grupo de São Paulo em comparação ao grupo de Recife. Outro ponto revelado foi que o grupo das crianças que receberam a estimulação precoce da Libras teve seu desenvolvimento favorecido, comparando com o grupo que não teve a mesma oportunidade.

Confirmando esse dado, ressaltamos a importância da inclusão da criança surda para ter contato de maneira precoce com a sua língua de instrução - a Libras (Brasil, 2006). Guimarães (2021) acrescenta que a estimulação precoce da língua de sinais contribui para a compreensão e a comunicação do bebê. Além do mais, descreve algumas vantagens, entre as quais estão divertimento, redução da frustração, estímulo à leitura, promoção do vocabulário, desenvolvimento da inteligência, etc.

P24 (2019) - A pesquisa intitulada *(Re)construindo percursos no processo de leitura em língua portuguesa por surdos do Ensino Fundamental: do problema ao encaminhamento de algumas soluções* teve como objetivo analisar o processo de (re)construção da leitura em língua portuguesa por surdos do Ensino Fundamental, tendo em vista a melhoria do seu desempenho nessa língua.

Em síntese, a presente pesquisa foi caráter qualitativo, intervencionista, com abordagem de pesquisa-ação. Os participantes da pesquisa foram cinco surdos do Grupo de Estudos e Práticas de Linguagem para Surdos (GEPLIS) dos anos finais

do Ensino Fundamental de uma escola pública. Em encontros quinzenais, os alunos surdos participaram de uma avaliação referente à compreensão leitora antes e depois da intervenção da pesquisadora.

A pesquisa evidenciou, de forma positiva, o crescimento da leitura através da língua portuguesa como segunda língua, com a inclusão de atividade com textos. A pesquisa trouxe também estratégias que possibilitaram o avanço na compreensão dos textos trabalhados com o grupo pesquisado, tais como: a mediação da leitura em Libras para o entendimento da língua portuguesa; o emprego do sinal em diferentes contextos; as explicações gramaticais da língua portuguesa; e a consulta ao texto para confirmar hipóteses. Bravo (2021) afirma que, para estimulação da leitura e da escrita, utilizou as seguintes estratégias: utilizar textos escritos com imagens; promover leitura e conversa de interesse da criança; em seguida, produzir texto escrito; utilizar objetos reais para facilitar a compreensão textual, etc. Brasil (2006) defende a valorização da Libras como L1 para prosseguir na experiência em aprender a língua portuguesa como L2.

Assim, as pesquisas das três fonoaudiólogas (P18, P23 e P24) revelam:

P18 evidencia a família em seu contexto a partir do diagnóstico, tornando-o visível diante da sociedade; P23 destaca a estimulação precoce com a inclusão da Libras - língua de instrução, pois revelou ganhos positivos no processo linguístico – pragmática; e P24 valoriza o trabalho pautado na mediação da inclusão da Libras e da língua portuguesa, com o auxílio de estratégias leitoras, para o aluno surdo desenvolver suas habilidades nas duas línguas, mas com o olhar direcionado para a produção da escrita do surdo.

Prosseguimos, na sequência, com os resultados e as discussões das categorias temáticas e suas respectivas análises.

7.3 Resultados e discussões das categorias temáticas nas bases de dados da SciELO, da BDTD e da UNICAP

Neste subitem, apresentamos ao leitor os resultados e as discussões das categorias temáticas, organizados com a base epistemológica da análise de conteúdo de Bardin (2011).

Seguindo, as pesquisas estão nomeadas de P1 até P24. Lembrando que a pesquisa (P24) foi incluída na análise por identificação com a temática de forma

indireta. É um direcionamento dos trabalhos reunidos no Quadro 7 (SciELO), no Quadro 8 (BDTD) e no Quadro 9 (UNICAP), já mencionados anteriormente.

A seguir, no que se refere aos Quadros 10, 11, 12 e 13, classificamos as devidas categorizações temáticas, que consideramos relevantes, através dos artigos, dissertações e teses selecionadas. Os dados foram organizados com foco nas contribuições do fonoaudiólogo bilíngue para as famílias de pessoas surdas. Vale salientar que os dados achados os trabalhos científicos foram entrelaçados com a teorização epistemológica do sociointeracionismo e da filosofia bilíngue.

Os referidos Quadros (10, 11, 12 e 13) trazem as organizações de categorias com estratégias e orientações através de adaptações para a família de pessoas surdas, baseadas nas pesquisas selecionadas com a temática. Sendo assim, as informações estão com uma linguagem acessível, direcionada aos pais, profissionais e pesquisadores da área. A seguir, temos a categorização do Quadro 10.

Quadro 10 - Estratégias propostas na clínica fonoaudiológica bilíngue para famílias de surdos referentes às pesquisas na base de dados da SciELO

- 1) Categoria de mediação na comunicação - (P3): a)** participe das oficinas familiares na terapia da(o) sua/seu filha(o), pois facilitará a interação, a socialização e fortalecerá o vínculo de sua família; **(P6): a)** fale com o profissional de Fonoaudiologia acerca das possibilidades de comunicação para sua/seu filha(o) surda(o); **b)** converse com o profissional de Fonoaudiologia sobre a estimulação da linguagem no ambiente domiciliar; e **c)** pergunte sobre a clínica fonoaudiológica bilíngue. **(P6 e P8): a)** pergunte sobre a importância da Libras, bem como o local para realização do curso. **(P7 e P8): a)** caso necessitem, pais e familiares, procurem apoio psicológico para lidar com as questões emocionais.
- 2) Categoria de orientação educacional - (P5): a)** converse com o responsável da escola diante da necessidade da(o) sua/seu filha(o) para uma melhor localização em sala de aula; **b)** pergunte acerca do planejamento das atividades pedagógicas da(o) filha(o) surda(o); e **c)** busque orientação na escola, caso necessite de intérprete.
- 3) Categoria de ludicidade e de criatividade - (P2 e P6): a)** use jogos e atividades, por exemplo, jogos de tabuleiro (damas, xadrez, jogos de desenhos e jogos de adivinhação de personagem), jogos no computador, fantoche, experiência científica e construção de cartaz, com assunto de interesse de sua criança.
- 4) Categoria de práticas com gêneros textuais - (P1 e P2): a)** no dia a dia, mostre e leia junto com sua/seu filha(o), utilizando notícias de jornais, tirinhas de gibis, filmes, relatos autobiográficos, histórias de surdos famosos e críticas de cinemas; **(P3): a)** ao realizar contação de histórias com livros infantis, fale para a(o) sua/seu filha(o), por exemplo, hoje vamos ler um livro? e hoje vamos comprar livros?; **(P2 e P4): a)** incentive a prática de atividades com jornais, gibis, revistas, poesias, contos, fábulas, receitas culinárias e experiências diárias.
- 5) Categoria da Libras - (P1, P3, P4, P5 e P6): a)** o acesso precoce da língua de sinais contribuirá para aprendizagem da língua portuguesa escrita de sua/seu filha(o);

b) converse com a(o) sua/seu filha(o) surda(o), por meio da língua de sinais, acerca de suas histórias e experiências diárias tanto em casa quanto em outros lugares; e **c)** crie momento de diálogo com a(o) sua/seu filho(a), utilizando temas do interesse dele(a) com uso da língua de sinais; **(P3): a)** utilize as expressões (corporal e facial), movimentos do sinal em Libras, toques, olhar e apontar, durante o narrar da história e a conversação; **(P5): a)** realize atividade de nomeação pessoas, objetos e figuras com a(o) sua/seu filha(o), por exemplo, no momento da refeição e do passeio; **(P6): a)** narre histórias em Libras para a(o) sua/seu filha(o); **b)** faça atividades com recursos visuais de imagens do sinal em língua de sinais.

6) Categoria de leitura e escrita - (P1 e P3): a) peça a(o) sua/seu filha(o) para que escreva uma crítica após assistir a um filme; **b)** facilite o acesso ao material escrito, pois organiza, ajuda na compreensão, na organização de ideias e de pensamento; **c)** ajude a sua filha a escrever, construir e reescrever textos e histórias; **d)** no momento de passeio e viagem em família, ao retornar, peça para a(o) sua/seu filha(o) surda(o) escrever, por exemplo, o que mais gostou do passeio e quais lugares visitaram; **(P2 e P10): a)** faça, com a(o) sua/seu filha(o), brincadeira com dramatizações, por exemplo, com materiais concretos, utilize roupas e acessórios de personagens, fantasias de animais, vasilhas, maquiagem, cobertores com materiais da história contada; **(P2 e P3): a)** no dia a dia, tenha momentos de prática de leitura através da Bíblia, livros infantis, livro didático e bula de remédio com a(o) sua/seu filha(o) e a família; **(P6): a)** crie atividades com a língua portuguesa, escrevendo o próprio nome, o nome dos membros da família, o nome de personagens de seus jogos, desenhos e histórias em quadrinhos; **(P9): a)** estimule a escrita com a utilização do diário para (a)o sua/seu filha(o); **(P10): a)** utilize o alfabeto manual (datilologia) nas atividades do dia a dia com a(o) sua/seu filha(o) e, ao realizar o sinal, faça a datilografia e, em seguida, a palavra escrita.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

Conforme, o Quadro 10, os dados analisados são advindos das pesquisas da base de dados SciELO. Os artigos científicos foram direcionados para a base teórica do bilinguismo (P1, P2, P4, P6 e P9); bilinguismo e família (P3 e P5); família (P7 e P8); e bilinguismo e letramento (P10).

O profissional da Fonoaudiologia é o agente principal na mediação da comunicação para as famílias, de modo geral, diante da demanda com que o procuram. O Conselho Federal de Fonoaudiologia (2007) defende que é de competência do fonoaudiólogo orientar e aconselhar acerca dos diversos aspectos de sua atuação profissional. Nesse sentido, quando dialogamos sobre a clínica fonoaudiológica bilíngue para surdos, as autoras Guarinello e Lacerda (2007) e Guarinello *et al.* (2013, 2015) também defendem o pensamento de que o trabalho fonoaudiológico é pautado na orientação aos pais, diante da possibilidade da pessoa, em especial, o surdo, que é foco de suas pesquisas. Conforme analisamos e adaptamos os achados da categoria mediação da comunicação e da categoria orientação educacional, constante no Quadro 10, os pontos organizados são indagações que as famílias podem realizar ao profissional na clínica fonoaudiológica

bilíngue.

Concordamos com as afirmações teóricas do CFF (2007) e das autoras Guarinello e Lacerda (2007) e Guarinello *et al.* (2013, 2015), pois, enquanto profissionais, temos a responsabilidade de direcionar essas famílias.

Ao proceder com as análises dos dados das pesquisas (P3, P5, P6, P7 e P8) do Quadro 10, no que se refere às categorias 1 e 2, descrevemos dez pontos que consideramos relevantes para uma conduta profissional, enquanto pesquisadora e fonoaudióloga clínica no atendimento às famílias, em especial da pessoa surda, que é o objeto principal dos argumentos da presente tese. São eles: a) respeitar a singularidade dos diversos perfis de pessoas que procuram o atendimento fonoaudiológico; b) acolher a família; c) realizar a escuta da família, pois é o alicerce de todo o processo terapêutico fonoaudiológico; d) orientar a família diante da possibilidade do(a) filho(a) surdo(a); e) criar caminhos para trazer a vivência terapêutica fonoaudiológica aos familiares mais próximos dessa criança; f) acreditar, observar e estimular as habilidades da pessoa surda e sua família; g) explicar, o mais rápido possível, à família a importância da realização de curso Libras, pois facilitará o processo comunicativo entre seus membros; h) orientar a família acerca da interação do dia a dia; i) incentivar a família após cada sessão terapêutica fonoaudiológica; e j) seguir acreditando no potencial da família diante de cada obstáculo que possa surgir.

Além do mais, defendemos a clínica fonoaudiológica bilíngue para surdo em um espaço terapêutico em que circulem a Libras como primeira língua e a língua portuguesa, preferencialmente a escrita, como segunda língua. Para isso, apoiamos nos estudos das pesquisadoras Ferreira *et al.* (2022), Guarinello e Lacerda (2007), Guarinello *et al.* (2013, 2015) e Santana *et al.* (2013).

Quando refletimos acerca da filosofia bilíngue para surdo, adotamos os seguintes aportes teóricos: Lei n. 10.436/02, Decreto n. 5.626/05, Quadros (1997), Lacerda (1998), Lodi (2000) e Flores e Almeida (2017).

Em virtude disso, o que a família necessita após o diagnóstico do(a) filho(a) surdo(a)? Inicialmente, os pais precisam de apoio, orientação e encaminhamento para locais em que sejam esclarecido acerca dos caminhos que poderão seguir com o(a) filho(a) surdo(a). Rovere, Lima e Silva (2018) acrescentam que, com o diagnóstico, o apoio e a orientação por parte dos profissionais são relevantes para direcionar os pais acerca dos programas de reabilitação e orientação precoces. Esse

dado é confirmado pela pesquisa de Barbosa (2019).

Nesse sentido, conforme os autores Demétrio (2005), Souza, Santos e Malavasi (2022) e Telford e Sawrey (1988), a microcultura (família) demanda de apoio de ordem emocional das diversas reações que possam surgir a partir do diagnóstico, denominadas de etapas, sentimentos e crises. Confirmando essas achados, os teóricos Bolosco *et al.* (2005) e Reneg *et al.* (1993) detalham as etapas, os sentimentos e as reações vivenciados pelos pais, desde o momento da suspeita do diagnóstico de que seu/sua filho(a) é surdo(a), conforme dialogamos no capítulo 4.

Além das observações constantes, não podemos deixar de registrar o momento delicado que essas famílias enfrentam, já que inicialmente necessitam mais de apoio. E o fonoaudiólogo também pode auxiliar nesse processo dentro dos seus conhecimentos. Conforme observamos nas pesquisas P7 e P8, os familiares também necessitam de apoio de ordem emocional.

Diante de observações na prática clínica, precisamos de profissionais mais acolhedores, que forneçam informações necessárias para esse tipo de demanda e direcionem a microcultura (família).

Os artigos P5 e P6 trazem orientações iniciais para essas famílias, tais como dialogar com a mãe (é mais assídua nas terapias) sobre as possibilidades do(a) filho(a) surdo(a); conversar com a mãe acerca da clínica fonoaudiológica bilíngue; orientar acerca do seu papel fundamental como mediadora da estimulação da linguagem; e dialogar acerca da importância do acesso precoce à língua de sinais.

Com base no aporte teórico às contribuições para a prática clínica fonoaudiológica bilíngue, comungamos do pensamento de Guarinello e Lacerda (2007), Guarinello *et al.* (2015), Mariani *et al.* (2016) e Santana *et al.* (2013), quando defendem que esse profissional necessita esclarecer os pais acerca da importância da mediação em situações dialógicas e interacionais com a Libras e a língua portuguesa, preferencialmente a escrita, utilizando recursos visuais, em detrimento de questões meramente auditivas e articulatórias.

Para P10, a criança surda que utiliza a Libras geralmente não realiza o mesmo percurso que a criança ouvinte, diante do processo de aquisição da língua portuguesa escrita. Confirmando esse dado, Brasil (2006) afirma que, nesse processo, ocorre alteração de ordem sensorial. P10 destaca o uso da datilologia no auxílio da aprendizagem da escrita (Vygotsky, 2011) e acrescenta que signos

sonoros do alfabeto são substituídos pelos signos visuais para a pessoa surda. Para confirmar, destacamos a categoria 4, “Práticas com gêneros textuais”. Os autores Berberian *et al.* (2006), Guarinello *et al.* (2013, 2015), Mariani *et al.* (2016) e Midená (2004), comungam da utilização dessas estratégias, as quais facilitam o processo de aquisição das duas línguas.

Outra informação que destacamos é que P1 é o único trabalho referente à contribuição da retextualização na terapia fonoaudiológica, com a utilização de gêneros textuais. Na categoria 4, já mencionada, organizamos essas estratégias que as famílias também podem realizar junto ao seu filho no ambiente doméstico. Como afirmam Vygotsky, Luria e Leontiev (2010, p. 114) “a linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam”.

Prosseguimos, na sequência, com a apresentação do Quadro 11, o qual trata da organização das categorizações temáticas encontradas.

Quadro 11 - Estratégias propostas às famílias de surdos referentes ao bilinguismo na base de dados da BDTD

- 1) Categoria de mediação na comunicação - (P11 e P12):** **a)** converse com o profissional de Fonoaudiologia acerca das possibilidades de comunicação para sua/seu filha(o) surda(o); **b)** converse com o fonoaudiólogo sobre a importância de aprender a Libras, como também o local que oferece o curso; **c)** pergunte ao fonoaudiólogo acerca da estimulação da linguagem no ambiente domiciliar; e **d)** busque apoio psicológico.
- 2) Categoria com atividade de língua portuguesa escrita - (P12 e P14):**
a) alfabeto, contação de história infantil, bingo de palavra, palavras-chaves, cruzadinha, jogo de forca, jogo de caça-palavras, autoditado, leitura de textos com interpretação e sequência lógica com imagens e escrita.
- 3) Categoria de uso de gestos e mímicas - (P12 e P14):** **a)** atividades que não substituam a Libras, mas que tenham apoio de gestos e de mímicas, por exemplo, apontar e olhar durante piadas, desenhos e imagens.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

As pesquisas constantes do Quadro 11 são da base de dados da BDTD. Os trabalhos científicos de dissertação e tese selecionados foram direcionados para a base teórica do bilinguismo (P13), do bilinguismo e família (P11 e P12) e do bilinguismo e letramento (P14).

É interessante observar que as categorias 1 e 2 reúnem atividades com apoio de recurso visual relevantes, para mediação da família de pessoas surdas no processo de aquisição da estimulação da linguagem. Dessa forma, a participação da

família no processo terapêutico é a base do desenvolvimento e da aprendizagem. Nesse sentido, Silva e Bastos (2013) referem que essa participação é fundamental para a interação e a socialização da pessoa surda, que encontrará formas de se perceber e perceber o mundo que a cerca.

No Quadro 11, na categoria de mediação na comunicação, reunimos pontos relevantes, os quais são questionamentos que as famílias podem realizar ao profissional na clínica fonoaudiológica bilíngue, como “converse com o fonoaudiólogo sobre a importância de aprender a Libras, como também o local que oferece o curso”.

Outro ponto observado é que muitos familiares não têm a mesma compreensão sobre a importância da Libras na comunicação dos surdos. Vygotsky (2007, p. 56) acrescenta que “o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola”. Cabe aqui refletir que, por falta de uma língua comum, a interação familiar fica comprometida. Paula e Pereira (2014) confirmam que é na família que as primeiras experiências e aprendizagens são estabelecidas. Por isso, necessitamos de profissionais acolhedores, que orientem a família nesse processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Além disso, P14 traz questões teóricas apoiada na multimodalidade, que consiste no estudo entrelaçado de gesto e fala no desenvolvimento da linguagem da criança. No que se refere à presente tese, pauta-se na visão epistemológica sociointeracionista, que tem raízes interacionais marcadas socialmente no desenvolvimento da linguagem. Todavia, P14 apresenta dado relevante que agrega aos achados: constatou que apenas a estimulação do IC e a estimulação da língua oral são insuficientes para a aquisição da língua portuguesa escrita, pois há a necessidade de exposição ao sistema de escrita alfabético e de planejamento de atividades. Então, a proposta de estimulação tanto na clínica bilíngue como junto à família é pautada em estratégias que preconizam a utilização de meios visuais, facilitando assim o aprendizado dessas crianças devido a falta do *feedback* auditivo.

Confirmando os dados, autores como Brasil (2006) afirmam, em seus estudos, que para a aquisição da linguagem de pessoa surda, o sistema sensorial está alterado, o que dificulta adquirir a língua oral de maneira natural, mas sim por meios visuais e cognitivos. Gesser (2009) constata que as duas línguas são distintas; e Rovere, Lima e Silva (2018) acrescentam que o surdo demanda de uma estimulação precoce para a aquisição das duas línguas.

Quanto ao item de atividades, na “categoria de língua portuguesa escrita”, destacamos os teóricos Bravo (2021) e Midena (2004) ao comungarem da proposta de utilização de materiais com apoio visual, como dialogamos nas páginas 26 e 73.

Nesse sentido, corroborando essa categoria, Berberian *et al.* (2006), Guarinello *et al.* (2013, 2015) e Mariani *et al.* (2016), que trazem o mesmo pensamento de atividades que podem ser dadas às famílias de surdos na clínica fonoaudiológica.

A seguir, temos o Quadro 12, com a organização das estratégias direcionadas às famílias, com as categorizações temáticas.

Quadro 12 - Estratégias propostas para família de pessoas surdas constantes nas pesquisas da base de dados da UNICAP

- 1) Categoria de mediação na comunicação - (P18):** **a)** pergunte ao profissional da Fonoaudiologia as possibilidades de comunicação da(o) sua/seu filha(o); **b)** converse com a terapeuta sobre como a família pode participar na estimulação da linguagem de sua/seu filha(o); **c)** fale ao fonoaudiólogo como será o desenvolvimento da linguagem de sua/seu filha(o); **d)** pergunte à fonoaudióloga como você pode ajudar a(o) sua/seu filha(o) na estimulação da língua de sinais e da língua portuguesa; **e)** peça esclarecimento acerca do bilinguismo para a(o) sua/seu filha(o). **(P18) e (P23):** **f)** busque saber em qual local realiza o curso de Libras; e **g)** faça e incentive os outros membros familiares na realização do curso de Libras, pois auxiliará no vínculo e nas trocas de experiências. **(P23):** **a)** converse com o fonoaudiólogo acerca do aprendizado precoce da língua de sinais para o(a) seu/sua filha(o).
- 2) Categoria da Libras - (P24):** **a)** apresente livros, dicionários e jornal ao seu filho, e assim realize o sinal das palavras. **(P18):** **a)** realize o sinal em Libras durante as atividades de jogos e brincadeiras. Pode utilizar o jogo do videogame, selecionar palavras-chave e utilizar textos escritos de preferência de sua/seu filha(o); **b)** faça associação do nome ao sinal em Libras; e **c)** realize a nomeação de pessoas, objetos e figuras com a(o) sua/seu filha(o), aproveite o momento de refeições e passeios.
- 3) Categoria de leitura e escrita - (P24):** **a)** faça passeios com a(o) sua/seu filha(o), por exemplo, visite uma biblioteca, apresente livros, dicionários e jornal, assim poderá identificar novas palavras, bem como, a datilologia; **b)** apresente a(o) sua/seu filha(o) o mapa do mundo e peça para ele(a) pesquisar no computador sobre o país e depois escrever; **c)** facilite o acesso de material escrito, como história em quadrinhos, pois auxilia no conhecimento do conceito de novas palavras; **d)** incentive a(o) sua/seu filha(o) a escrever bilhete, criar uma história, o que ajuda na compreensão e na organização de ideias e pensamentos; **e)** peça a(o) sua/seu filha(o) para escrever sobre o filme a que assistiu; **(P18):** **a)** faça a datilologia durante atividades do dia a dia.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

Conforme, apresentamos, os dados analisados no Quadro 12, são pesquisas de uma universidade comunitária. Os trabalhos científicos foram direcionados para a base teórica do bilinguismo e família (P18 e P23) e do bilinguismo (P24).

Ressaltamos que, no Quadro 12, organizamos estratégias que empoderam as famílias de pessoas surdas diante do bilinguismo.

Diante disso, as contribuições fonoaudiológicas estão organizadas conforme a base teórica que defende a filosofia bilíngue, como Flores e Almeida (2017), Grosjean (1997), Lacerda (1998), Lodi (2000), Megale (2005), Quadros (1997) e Serafim (2022), além da legislação constante na Lei n.10.436/2002 e no Decreto n. 5.6262/2005, os quais defendem o uso das duas línguas, sendo Libras como primeira língua (L1) e a língua portuguesa com segunda língua (L2).

No item da categoria da Libras, outros teóricos preconizam o mesmo pensamento teórico acerca da língua de sinais, assim como Dizeu e Caporali (2005), os quais afirmam que a criança surda adquire a Libras de forma espontânea. Tostes e Lacerda (2020, p. 4) argumentam que “o uso que faz de uma língua visuo-gestual se dá justamente em respeito às suas possibilidades expressivas mais efetivas”.

No item da categoria da língua portuguesa escrita, corroborando o aporte teórico da língua portuguesa escrita, Silva (1999, p.49) defende que “a língua escrita é um objeto linguístico a partir de seu lugar social. Assim, tanto o surdo quanto o ouvinte terão como pressuposto a língua que já dominam para ter acesso à linguagem escrita”. Outros teóricos também acrescentam acerca da língua portuguesa escrita (L2), como Brochado (2003), que defende que, no processo da escrita, o surdo passa por transferência de uma língua para outra, ou seja, por estágios, devido à diferença de estrutura das línguas, o que interfere no processo de escrita. Cardoso (2023), por sua vez, ressalta que a escrita do surdo irá apresentar influência da Libras (L1), muitas vezes, sem uso de conectivos e outras diferenças, como argumentamos no capítulo 3.

Nesse sentido, as estratégias propostas na categoria de Libras e na categoria de leitura e escrita apresentam essas singularidades, porém, na clínica fonoaudiológica bilíngue, essas diferenças linguísticas precisam ser esclarecidas às famílias com uma linguagem acessível, durante o processo terapêutico, para que elas compreendam e deem continuidade no ambiente domiciliar.

Com esse mesmo pensamento, Bravo (2021) argumenta que a família da pessoa surda pode utilizar estratégias para gerar um espaço propício ao desenvolvimento da linguagem, como ler histórias em língua de sinais, reler textos e fazer comparação entre L1 e L2, utilizar textos escritos com imagens e

dramatizações, ter acesso a gibis, jornais e revistas. Assim as famílias podem auxiliar na estimulação da leitura e escrita no dia a dia.

É importante ressaltar que auxiliar a família no processo de aceitação do bilinguismo para o(a) filho(a) surdo(a) demanda dedicação e orientação constante por parte do fonoaudiólogo. Nesse sentido, o item da categoria 1 de P18 e P23 trouxe relevantes contribuições iniciais que esse profissional pode conceder à família. Lodi (2000) evidencia essa expertise do fonoaudiólogo, pois a família poderá saber acerca do melhor caminho para o(a) seu/sua filho(a).

Destacamos ainda o pensamento de Guarinello *et al.* (2015) ao ressaltarem que o profissional da Fonoaudiologia é considerado habilitado para trabalhar com a língua portuguesa escrita e desenvolver atividades para as pessoas surdas refletirem e argumentarem, possibilitando a vivacidade e a discursividade da linguagem.

Corroborando os estudos, comungamos das ideias de Nascimento (2015) e Silva e Bastos (2013) acerca do trabalho fonoaudiológico junto à família, o que proporciona a troca de experiências e fortalecer as relações entre eles.

Prosseguimos, em seguida, com o Quadro 13, em que constam as devidas contribuições acerca da estimulação da linguagem.

Nele, organizamos as contribuições do profissional da Fonoaudiologia para a realidade de nossos objetivos. Sendo assim, as pesquisas intituladas *Programa de orientação fonoaudiológica para pais de crianças do espectro do autismo anterior à intervenção formal* e *Orientações de um Programa de Educação Familiar Continuada em Linguagem* foram selecionadas e adaptadas ao direcionamento e à identificação da proposta com a família de pessoas surdas.

Quadro 13 - Contribuições fonoaudiológicas para estimulação da linguagem do(a) filho(a) surdo(a) no dia a dia diante do bilinguismo

Os itens estão alinhados com a base teórica sociointeracionista e a filosofia bilíngue
<p>a) comunique na altura da(o) sua/seu filha(o), use palavras funcionais de fácil compreensão, realizando o sinal em Libras, tais como: Olá!; Bom dia!, Obrigada!; entre outros;</p>
<p>b) interaja com (a)o sua/seu filha(o), mesmo que ele/ela não responda de maneira adequada; em seguida, dê o modelo correto do sinal;</p>
<p>c) dificulte o acesso ao brinquedo, ao objeto, ou seja, algo do interesse da(o) sua/seu filha(o), sendo assim, ele terá o espaço de iniciar a comunicação realizando o apontar, o olhar, o sinal em Libras e a datilografia-alfabeto manual;</p>

- d)** estimule o diálogo através da brincadeira de interesse de sua/seu filha(o) surda(o);
- e)** pergunte qual interesse da(o) sua/seu filha(o) diante do direcionamento da percepção do seu olhar no momento em que desejar algo;
- f)** inicialmente, insira a criança para aprender uma língua, no caso da(o) sua/seu filha(o) surda(o), a Libras (L1), que é a base para prosseguir no aprendizado da língua portuguesa;
- g)** é importante utilizar estímulos sensoriais (visuais e táteis) para aquisição e o desenvolvimento da linguagem;
- h)** lembre-se sempre de acolher a(o) sua/seu filha(o) no momento comunicativo;
- i)** não ignore as iniciativas comunicativas da(o) sua/seu filha(o);
- j)** aproveite os momentos do dia a dia, tais como o horário do café da manhã, do lanche, do almoço, da ceia e do banho, para nomear tudo ao alcance da(o) sua/seu filha(o), realizando a datilologia-alfabeto manual e/ou sinal em língua de sinais;
- k)** apresente a(o) sua/seu filha(o) um vídeo infantil em Libras com legenda em língua portuguesa escrita;
- l)** crie um espaço comunicativo acolhedor para que a(o) sua/seu filha(o) tenha vontade de se comunicar;
- m)** respeite o espaço de tempo da resposta da(o) sua/seu filha(o);
- n)** crie momentos de brincadeiras imaginativas com a(o) sua/seu filha(o), por exemplo, fazer comidas, imitar algum personagem, dar banho nos animais, dar banho na boneca, lavar o carro de brinquedo, levar o carro para oficina, dentre outros. Aproveite esse momento para interagir com os diversos sinais em Libras, a datilologia-alfabeto manual, como também a expressão facial e corporal.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

Neste espaço, enfatizamos as análises do Quadro 13 acerca da linguagem diante da perspectiva da teorização do sociointeracionismo de Lev Semionovich Vygotsky e sob o fundamento teórico da filosofia bilíngue.

Concordamos que a base do sociointeracionismo se reflete nos itens que constam no Quadro 13 e quando destacamos o item “interaja com o seu filho”. A perspectiva histórico-cultural de Vygotsky defende que a linguagem é constituída através das experiências do indivíduo com o ambiente.

Os itens estão em ordem alfabética, com contribuições do fonoaudiólogo para as famílias de pessoas surdas. É importante destacar que defendemos a estimulação da linguagem com respaldo teórico do sociointeracionismo de Vygotsky *et al.* (2010). Dessa forma, percebemos a linguagem como fruto da interação entre

as pessoas, marcada de modo social e histórico. Esse ponto de vista afirma que o desenvolvimento do ser humano ocorre mediante as trocas mútuas, que se estabelecem durante toda a vida entre a pessoa e o ambiente, pois cada aspecto instiga o outro.

É importante destacar que todos os itens foram selecionados das análises das pesquisas e estão correlacionados a um espaço comunicativo no qual a criança tenha a possibilidade de adquirir a linguagem com as experiências no ambiente familiar, com seus pares. Nisso, pois, consiste o sustentáculo teórico que defendemos com a presente tese.

Silva e Bastos (2013) corroboram os dados do Quadro 13 ao afirmarem a importância do papel da família na interação e na socialização da criança surda. Ainda acrescentam que é o primeiro grupo social na forma de perceber o mundo. Outros teóricos, como Paula e Pereira (2014), comungam desse pensamento.

Diante disso, evidenciamos o item de orientação “estímulo o diálogo através da brincadeira de interesse de sua/seu filha(o) surda(o)”. Essa atividade contempla o refinamento das análises, constante nos itens do Quadro 13, confirmando o pensamento da base epistemológica sociointeracionista. Vygotsky (2011) apresenta duas funções básicas da linguagem - função o intercâmbio social e o pensamento generalizante -, nesse sentido, diante de nossa reflexão sobre a brincadeira, o outro vai possibilitando que a criança adquira o significado das palavras, o que, com as experiências lúdicas, facilita a construção do pensamento e da linguagem. Palangana (1998) e Vygotsky (2008) articulam as ideias entre pensamento e linguagem trazendo os quatro estágios de desenvolvimento das operações mentais, constantes no capítulo 2.

Outro ponto a ser destacado para agregar às nossas análises: Almeida (2009) encontrou, em seus estudos, que 95% das crianças surdas nascem em lares de pessoas ouvintes e desconhecem a língua de sinais. Por isso, diversas famílias demoram a conhecer a Libras, sendo este um fato que implica a aquisição tardia da Libras pela pessoa surda.

Nesse sentido, o Quadro 13, torna-se um direcionamento para as famílias de pessoas surdas, pois, segundo P11 o diálogo silencioso em que o surdo convive com sua família o deixa em uma frustração interior muito grande, o que, muitas vezes, ele não consegue superar. Refletimos assim que há a falta de uma língua em comum, pois existe uma barreira na comunicação. Concordamos, dessa forma, com

os autores e defendemos a importância do fonoaudiólogo junto à família, em especial, da pessoa surda para direcioná-los nesse processo.

Como podemos observar na base teórica, Jesus *et al.* (2023) defendem a mediação do profissional da Fonoaudiologia, o qual contribui para a ressignificação das formas de interação com o(a) filho(a), além de valorizar a língua de sinais. Outros teóricos, como Dias *et al.* (2023) e Guarinello e Lacerda (2007), defendem esse pensamento.

Corroborando as análises, Cruz (2016) encontrou, em seus estudos, que crianças e adolescentes surdos com aquisição precoce têm vantagens linguísticas em relação aos seus pares com aquisição tardia. Cruz (2016) acrescenta que comecem a aquisição da Libras após o recebimento do diagnóstico.

Outro ponto que destacamos é o item de orientação - “inicialmente, insira a criança para aprender uma língua, no caso da (o) sua/seu filha (o) surda (o) a Libras (L1), que é a base para prosseguir no aprendizado da língua portuguesa”, que é resultante da análise que organizamos no Quadro 13. O estudo de Dizeu e Caporali (2005, p. 587) afirma que, “para a criança surda, deveria ser dada a mesma oportunidade de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem”. Quadros (1997), nesse sentido, também ressalta aquisição da linguagem de pessoas surdas, conforme refletimos no capítulo 3.

Confirmando os itens do Quadro 13, os dados achados foram correlacionados também com Lacerda (1998), Lodi (2000) e Quadros (1997), os quais comungam que Libras é uma língua visuo-espacial, e a comunidade surda adquirem suas experiências e conhecimentos por mediação dela.

Retomando a língua portuguesa escrita, Serafim (2022) revela, em seus estudos, que a escrita tem função sociointerativa, pois é através dela que funcionam as instituições sociais de um país, como também a pessoa é letrada com a utilização de materiais, tais como: leitura de jornais, consultas médicas, entre outros. Como citamos, os autores Brochado (2003), Cardoso (2023) Guarinello (2005) e Silva (1999) trabalham com o processo de aquisição e aprendizagem da pessoa surda.

No que se refere ao item de orientação “aproveite os momentos do dia a dia, tais como o horário do café da manhã, do lanche, do almoço, da ceia e do banho, para nomear tudo ao alcance da(o) sua/seu filha(o), realizando a datilografia e/ou sinal em língua de sinais”, Vygotsky (2011) reflete sobre o alfabeto manual no capítulo 2.

É importante esclarecer que os três itens de orientação foram analisados diante das observações realizadas, por contemplarem todos os demais itens.

Confirmando esse argumento, diante da prática clínica, defendemos que a brincadeira é uma ferramenta valiosa para as famílias, pois fortalece o vínculo com o(a) filho(a) surdo(a) de forma espontânea e lúdica. Além do mais, favorece diversos aspectos, entre os quais, linguagem, criatividade, imaginação e experiências sociais e emocionais. Vale destacar ainda que o uso da habilidade linguística contribui para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, assim a brincadeira é uma ferramenta positiva para auxiliar a microcultura da pessoa surda.

Na sequência, apresentamos as considerações finais da presente tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desta tese recebeu o embasamento epistemológico vinculado às considerações do pesquisador Lev Semionovich Vygotsky, sob a perspectiva sociointeracionista, que evidencia a linguagem através do princípio das interações, já que o ser humano é incluído de forma histórico-cultural.

Neste sentido, atualmente a tendência da Fonoaudiologia Educacional sugere o trabalho com a filosofia bilíngue para refletirmos junto à família dos surdos. A filosofia bilíngue é a opção de adoção da língua de sinais como primeira língua (L1) e da língua portuguesa, oral e/ou preferencialmente escrita, como segunda língua (L2), conforme a determinação da legislação brasileira, destacada no capítulo 3.

No decorrer da trajetória epistemológica, enfatizamos os teóricos que corroboram a teoria da clínica fonoaudiológica bilíngue, como Berberian *et al.* (2006), Guarinello e Lacerda (2007), Guarinello *et al.* (2013, 2015), Mariani *et al.* (2016) e Rabelo (2007). Um dos pontos relevantes que sublinhamos na clínica fonoaudiológica bilíngue é por ser um espaço que respeita a diferença linguística da pessoa surda e valoriza sua cultura.

Como apresentado na introdução, o nosso objetivo foi analisar as contribuições de fonoaudiólogos acerca das orientações sobre o bilinguismo para as famílias de pessoas surdas, no período de 2013 a 2025.

Os dados organizados evidenciaram um cenário de pesquisas referentes à contribuição do fonoaudiólogo diante do bilinguismo para famílias de pessoas surdas, com foco na língua de sinais, como L1 e na língua portuguesa escrita, como L2, para estimulação da linguagem.

Retomando o questionamento da pesquisa (quais as contribuições do fonoaudiólogo bilíngue para surdos que podem ser direcionadas às suas famílias?), destacamos que uma das relevantes contribuições para prática clínica é a da organização da categoria de mediação na comunicação, constante nos Quadros 10, 11 e 12, sendo assim elementos norteadores que direcionam e empoderam essas famílias no processo terapêutico. Os perfis dessas famílias se configuravam com pouco conhecimento do que fazer diante da notícia que seu/sua filho (a) era surdo (a).

Vale destacar que foram encontradas diversas estratégias semelhantes nas pesquisas organizadas na categoria 1 dos referidos Quadros 10, 11 e 12. A

pesquisa de P3, na categoria 1, que se distingue entre os demais achados, é a proposta de participação das famílias nas oficinas terapêuticas, colaborando com o fonoaudiólogo bilíngue, o qual pode e precisa adotar essa alternativa em sua prática clínica, pois as oficinas são vistas de maneira positiva na interação entre terapeuta e família, promovendo momento linguístico com gênero textual.

Outro ponto relevante: apenas o estudo P1 trabalhou com a prática fonoaudiológica de retextualização de textos com os surdos, observando-se assim uma proposta de forma positiva com ganhos de resultados satisfatórios no processo da linguagem escrita. Os surdos começam a refletir sobre a língua portuguesa escrita com mais segurança. Na categoria 4 (Quadro 10), reunimos práticas de gêneros textuais que as famílias também podem realizar com o(a) seu/sua filho(a) no ambiente doméstico.

Outras contribuições que evidenciamos envolvem e promovem as estratégias para estimulação da linguagem na ambiente familiar através da organização das categorias. Observamos, como exemplo, que as estratégias mais comuns encontradas foram a categoria de Libras e a categoria de leitura e escrita; em seguida, destacamos as categorias diferentes, que foram três: a categoria de orientação educacional, a categoria de ludicidade e criatividade e a categoria de gestos e mímicas.

Portanto, o contexto bilíngue é um caminho promissor no desenvolvimento linguístico do surdo. Os recursos visuais são ferramentas valiosas no trabalho do profissional da Fonoaudiologia com pessoas surdas junto às famílias, pois são ações que favorecem possíveis ganhos da aquisição e o desenvolvimento da língua de sinais (L1) e da língua portuguesa (L2).

Nesse sentido, diante das observações feitas, evidenciamos que as experiências visuais com prática de leitura não se fazem tão presentes no dia a dia dessas famílias. Diante dessa lacuna, o livro é um instrumento de fácil acesso que contribui na estimulação da linguagem da criança surda. Ressaltamos ainda que a microcultura envolvida na vida da criança cria possibilidades para o seu desenvolvimento interacional familiar.

Além disso, no que se referente às universidades públicas, não encontramos muitas pesquisas por meio dos descritores mencionados nos objetivos, mas analisamos as pesquisas e organizamos as devidas categorias condizentes com a temática, como consta no Quadro 11.

Já concernente aos achados das pesquisas da universidade comunitária, destacamos os diversos trabalhos realizados por pesquisadores docentes que perfilam o estudo no campo do bilinguismo para surdo. A inclusão desses trabalhos realizados na Pós-Graduação em Ciências da Linguagem enriqueceu nossas análises.

No tocante aos trabalhos realizados por fonoaudiólogos pela universidade comunitária, apenas a pesquisa P18, intitulada *Falando sobre filhos(as) surdos(as): algumas considerações sobre a (in)visibilidade dos pais na educação bilíngue*, ressalta a importância da visibilidade das famílias de pessoas surdas diante do contexto em que vivem. A contribuição da fonoaudióloga trouxe um olhar sensível para as demandas dessas famílias, desde a confirmação do diagnóstico.

Com os resultados aqui revelados, registramos a sugestão futura da implantação de programa de apoio às famílias de pessoas surdas, tendo como base a filosofia bilíngue, em especial, na cidade do Recife.

Sabemos que a família é o primeiro grupo que demanda de orientação e envolvimento no processo terapêutico do(a) filho(a). Diante das pesquisas, foi possível observar que os familiares de pessoas surdas não possuem a mesma compreensão sobre a importância do bilinguismo, o que acaba gerando o seu distanciamento. Portanto, vale ressaltar a relevância do profissional da Fonoaudiologia nesse processo informativo.

Enfatizamos, a partir do diagnóstico, que cabe aos profissionais, com destaque aos fonoaudiólogos, orientar e conduzir a família para o caminho da viabilidade, afastando-a do direcionamento da incapacidade do(a) filho(a) e possibilitando incluí-lo na esfera social. Podemos dizer que a maioria dos pais e profissionais, bem como a sociedade, atenta para “falta”, desconhecendo as habilidades das pessoas e, neste caso, das pessoas surdas, para quem é direcionada a presente tese.

De forma positiva, reunimos o perfil de estratégias e orientações para as famílias, conforme os Quadros 10, 11, 12 e 13, para estimulação da linguagem do (a) filho(a) surdo(a) com respaldo no bilinguismo.

Esperamos, com este estudo, a efetivação dos objetivos propostos e ter contribuído para a prática bilíngue, ressaltando as contribuições dos profissionais da Fonoaudiologia na clínica bilíngue, com a inclusão da família, em um cenário desafiador. Destacamos, por fim, que novas pesquisas podem ser desenvolvidas a

partir da presente tese, pois a geração da comunidade surda carece dessa metamorfose diante do contexto em que ainda vivem.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, F. Fases de aquisição de uma língua de sinais. **Línguas & Letras**, v. 20, n. 48, p.139-150, 2020.
- ALMEIDA, M. J. F. O desenvolvimento da literacia na criança surda: uma abordagem centrada na família para uma intervenção precoce. **Medi@ções**, v. 1, n. 1, p.142-155, 2009.
- AZEVEDO, I. de J.; FIDÊNCIO, V. L. D.; MENEZES, E. dos S.; CAMPOS, K. T. S.; CORRÊA, C. de C. Conhecimentos básicos de pais de crianças submetidas a tratamento fonoaudiológico quanto à audição e linguagem. **Archives Of Health Investigation**, v. 10, n. 5, p. 783-789, 2021.
- BARBOSA, M. G. **Falando sobre filhos (as) surdos (as)**: algumas considerações sobre a (in) visibilidade dos pais na educação bilíngue. 2019. 80f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.
- BARBOSA, M. G.; SOUSA, W. P. A.; SAMPAIO, M. J. A. A família e o afeto: entrelaces para aquisição da linguagem de crianças surdas. *In*: MORAES, A. H. C de; CARVALHO, M. E de; RACHED, S. F da S. (Orgs.). **Linguagens, diálogos e afetos**: uma homenagem à professora Wanilda Cavalcanti. São Carlos; São Paulo: Pedro e João, 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2011.
- BATTI, C. B.; SOARES, C. de F. Solução para o problema da surdez? consequências de uma normalização através do implante coclear. **Revista Scias Língua de Sinais**, v. 1, n. 1, p.180-194, 2022.
- BEGROW, D. D. V.; MOURA, M. C.; DI DONATO, A. Língua de sinais e fonoaudiologia bilíngue na atenção ao surdo em tempos de COVID-19. *In*: AZONI, C. A.S.; LIRA, J. O. **Estratégias e orientação em linguagem**: um guia em tempos de COVID 19. Natal, Rio Grande do Norte, 2020.
- BENEDETTO, L dos S. Di.; SCHLUNZEN,E.T.M.; SANTOS, D. A. do N dos. **História das pessoas surdas**: da exclusão à política educacional brasileira atual. Universidade Estadual Paulista, 2012.
- BERBERIAN, A. P.; BORTOLOZZI, K.B.; GUARINELLO, A.C. Recurso terapêutico fonoaudiológico voltado à linguagem escrita do surdo: o software Surdo aprendendo em silêncio. **Distúrbios da Comunicação**, v. 18, n. 2, p. 189-199, 2006.
- BOLOSCO, C. C.; JARDIM, F.V de. S.; MARTINS, K.V de O.; GALDINO, M.C.; GATTI, V.I.C. de S. **O deficiente auditivo em casa e na escola**. São José dos Campos: Pulso, 2005.
- BOLOSCO, C. C.; SANTOS, T. M. M dos. A deficiência auditiva e a família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais de crianças com deficiências da

audição. **Revista Distúrbios da Comunicação**, v. 1, n. 17, p. 69-75, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei n.10. 436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL. **Saberes e Práticas da Inclusão**: Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos. Brasília. MEC. Secretaria de Educação Especial, 2003.

BRASIL. **Decreto n.5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. **Decreto n. 28.587, de 11 de fevereiro de 2015**. Institui as salas regulares bilíngues para surdos na rede municipal de ensino do Recife.

BRASIL. **Educação infantil**: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez. Brasília. MEC. Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRAVO, L. O. **Programa de orientação fonoaudiológica aos pais de crianças surdas para estimulação de leitura e escrita**. 2021. 41f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Fonoaudiologia) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BROCHADO, S. M. D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. 2003. 431f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, São Paulo, 2003.

CAMPOS, C. A. H; RUSSO, I.P; ALMEIDA, K. Indicação, seleção e adaptação de Próteses Auditivas: Princípios Gerais.1996. *In*: MOTTI, T. F. G. **Programa de orientação não presencial de pais de crianças deficientes auditivas**. 2005. 222f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2005.

CARDOSO, A. V. **A percepção da língua portuguesa como segunda língua pelo estudante surdo por meio do uso de aplicativos de comunicação digital**. 2023. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

CÁRNIO, M. S.; COUTO, M. I. V.; LICHTIG, I. Linguagem e surdez. *In*: LACERDA, C.B.F. de; NAKAMURA, H.; LIMA, M. C. **Fonoaudiologia**: surdez e abordagem bilíngue. São Paulo: Plexus, 2000.

CARVALHO, D. M.; SANTOS, L.R de. L. Pais ouvintes, filho surdo: causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua. **Revista Sinalizar**, v.1, n.2, p.190-203, 2016.

CAVALCANTI, W. M. A.; BARBOSA, M. G. A inclusão da família de pessoas com deficiência no ambiente educacional: levantamento das contribuições de pesquisas sobre o que comentam esses autores. *In*: ROSA, E. F.; CHAVES, G. de M.; MOURA, J. A. R de; MAYER, L.; NETA, N de A. L. (Orgs.). **Educação em pauta**: desafios e possibilidades formativas. Itapiranga, SC: Editora Schreiber, 2022.

CAVALCANTI, W. M. A.; ROLDÃO, M. M. G.; SANTOS, R. M. A. S. D. Os efeitos da aquisição tardia da língua de sinais no desenvolvimento de crianças surdas: o que revelam as pesquisas. **Revista do Gelne**, v. 25, n. 3, p. e32204, 2023.

CENTRO DE APOIO AO SURDO DE PERNAMBUCO. Disponível em: <https://sites.google.com/view/caspelibras/in%C3%ADcio>. Acesso em: 23 nov.2025.

CICCONE, M. **Comunicação total**: introdução, estratégias a pessoa surda. 2. ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

COELHO, L.; PISONI, S. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-Ped-FACOS/CNEC Osório**, v. 2, n. 1, p.144 - 152, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. **Áreas de competência do fonoaudiólogo no Brasil**. 2. ed. 2007. Disponível em: <https://fonoaudiologia.org.br/wp-content/uploads/2019/09/areas-de-competencia-do-fonoaudiologo-2007-1.pdf>. Acesso em: 20 abr.2025.

CORTELO, F. M.; FRANCOZO, M. de. E. de C. Ser pai de filho surdo: da suspeita ao enfrentamento. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 1, p. 3-11, 2014.

COSTA, M da P. R.; PAULINO, V. C.; SILVA, J. C. G. S. Impactos sociais na vida da pessoa com implante coclear: uma revisão sistemática. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. e5/1-24, 2020.

COSTA E BARBOSA, R. P.; VIEIRA, L. M. de C. M.; SOUZA, S. C. de. Inclusão escolar dos alunos surdos através do bilinguismo. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 25, 2021.

CRUZ, C. R. **Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio**. 2016. 209f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

DAINEZ, D.; SMOLKA, A. L. B. O conceito de compensação no diálogo de Vygotsky com Adler: desenvolvimento humano, educação e deficiência. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 4, p. 1093-1108, 2014.

DEMÉTRIO, S. E. S. A família: sentimentos e reações diante da deficiência auditiva

dos filhos. *In*: BOLOSCO, C. C.; JARDIM, F. V. de S.; MARTINS, K. V. de O.; GALDINO, M. C.; GATTI, V. I. C. de S. **O deficiente auditivo em casa e na escola**. São José dos Campos: Pulso, 2005.

DIAS, G. V.; FIDÊNCIO, V. L. D.; NUNES, G. L. A.; MARÇAL, L. C.; RIBEIRO, C. da C.; NOBLAT, L. R. de M.; CORRÊA, C. de C. Grupo de orientação a pais de crianças em terapia fonoaudiológica de linguagem. **Revista Neurociências**, v. 31, p.1-14, 2023.

DIZEU, L.; CAPORALI, S. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 583-597, 2005.

FERRARETTO, I ; FERREIRA, A ; IGNACIO, A ; PRADO, A. E ; PINTO, M.C F ; MOURA, M. J ; RIZZO, A.M.P.P .(1994). Ações integradas na reabilitação de crianças portadoras de paralisia cerebral. *In*: KUDO, A.M; MARCONDES, E.; LINS, M. L. F.; MORIYAMA, L.T; GUIMARÃES, M.L.L.G; JULIANI, R.C.T.P; PIERRI, S.A **Fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional em pediatria**. Monografias Médicas. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 1990, p. 283290.

FERRARI, J. P; MORETE, M. C. Reações dos pais diante do diagnóstico de paralisia cerebral em crianças com até 4 anos. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 4, n. 1, p. 25-34, 2004.

FERREIRA, C. M. de P.; STAROSKY, P.; MELO, P.N. de; BARROS, M. P. G de; FERNANDES, F.S. Avaliação em Língua Brasileira de Sinais no contexto da Fonoaudiologia bilíngue em uma clínica escola: estudo de caso. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, p. 1-14, 2022.

FERREIRA-DONATI, G. C.; DELIBERATO, D. Orientações de um Programa de Educação Familiar Continuada em Linguagem. *In*: AZONI, C.A.S.; LIRA, J.O. **Estratégias e orientação em linguagem: um guia em tempos de COVID 19**. Natal, Rio Grande do Norte, 2020.

FORNAZARI, B. Habilidades auditivas e conteúdos curriculares: processo simultâneo no indivíduo com implante coclear. *In*: SILVA, E. de J. M.; VILELA, V.L. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Secretaria do Estado de Educação do Paraná, Cadernos PDE, v. 1, 2008.

FLORES, C.; ALMEIDA, L. Bilinguismo. *In*: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (Eds.), **Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português**, Berlin: Language Science Press, 2017. p. 275-304.

FLORY, E. V.; SOUZA, M. T. C. C. de. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**, v. XIX, 23-40, 2009.

FRAZÃO, D. Lev Vygotsky psicólogo bielorrusso. **E-biografia**, 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lev_vygotsky/. Acesso em: 04 maio. 2024.

GESSER, A. **Libras: que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. Orientação familiar como estratégia facilitadora do desenvolvimento e inclusão de pessoas com necessidades especiais. **Revista Educação Especial**, n. 24, p. 33-40, 2004.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 6. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GRÃO. **Guia para Usuários de Prótese Auditiva**. Elaborada pelo projeto de Grupo de Reabilitação Auditiva e Orientações da Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: https://www.medicina.ufmg.br/fon/wp-content/uploads/sites/26/2020/11/cartilha_usu%C3%A1rio_aparelhosauditivos-05-11-2020.pdf . Acesso em: 20 abr. 2025.

GROSJEAN, F. The bilingual individual. **Interpreting**, v. 2, n. 1-2, p. 163-187, 1997.

GROSJEAN, F. **El derecho del niño sordo a crecer bilíngüe**. Barcelona: Asociación de Difusión de la Comunidade Sorda, 1999.

GROSJEAN, F. The bilingual and the bicultural person in the hearing and in the deaf world. *Sign Language Studies*, v. 77, p. 307-320, 1992. *In*: SILVA, G. M. Histórias linguísticas de surdos bilíngües do par libras português. **Caderno de Letras**, n. 35, p. 145-166, 2019.

GROSJEAN, F. *Studying Bilinguals*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2008. *In*: SILVA, G. M. Histórias linguísticas de surdos bilíngües do par libras português. **Caderno de Letras**, n. 35, p. 145-166, 2019.

GUARINELLO, A. C. O papel do outro na produção da escrita de sujeitos surdos. **Distúrbios da Comunicação**, v. 17, n. 2, p. 245-254, 2005.

GUARINELLO, A. C.; LACERDA, C. B. F. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e possibilidades de mudança. *In*: SANTANA, A. P. *et al.*(Orgs.). **Abordagens grupais em Fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007. p. 105-120.

GUARINELLO, A. C.; MASSI, G.; BERBERIAN, A. P.; TONOCCHI, R.; LUSTOSA, S. S. Clínica fonoaudiológica bilíngüe, uma proposta terapêutica para surdos com a língua escrita: estudo de caso. **Relato de Caso Case Report**, p. 498-504, 2015.

GUARINELLO, A. C.; SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. A clínica fonoaudiológica e a aquisição do português como segunda língua para surdos. **Distúrbio da Comunicação**, v. 25, n. 3, p. 440-45, 2013.

GUIMARÃES, M. M. Impactos que uma criança surda pode trazer à família: uma abordagem teórica através dos estágios de Piaget no contexto aprendiz surdo. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, v. 2, n. 8, p. 18-27, 2021.

IMPLANTE COCLEAR. **Grupo de Implante Coclear**. Disponível em: <http://>

<http://www.implantecoclear.org.br/?p=43>. Acesso em: 20 abr. 2025.

INES. **Instituto Nacional de Educação de Surdos**. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/aceso-a-informacao-1/institucional/conheca-o-ines>. Acesso em: 20 jul. 2025.

JESUS, D. L.; DARDE, A. O. G.; SANTANA, A. P. Família, surdez e terapia fonoaudiológica na abordagem bilíngue. **Revista de Psicologia**, v. 01, n. 1, p.155-168, 2023.

JESUS, P. J. C. de. **Políticas públicas e os desafios da educação de surdos**. 2019. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) - Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, Tocantins, 2019.

KARNOPP, L. B. Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: Estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. *In*: QUADROS, R. M de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KARNOPP, L.; QUADROS, R. M de. Educação infantil para surdos. *In*: ROMAN, E. D.; STEYER, V. E.(Orgs.). **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas, p. 214-230, 2001.

LACERDA, C. B. F de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 46, 1998.

LIMA, C.; BEGROW, D.; MOURA, J. Pais-Projeto para acolhimento, informação e suporte a familiares de crianças surdas. *In*: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS, 238-245., 2016. **Anais eletrônicos**. Bahia: Departamento de Educação, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343583941_pais_-_projeto_para_acolhimento_informacao_e_suporte_a_familiares_de_crianças_surdas. Acesso em: 23 nov.2025.

LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos. *In*: LACERDA, C. B. F. de; NAKAMURA, H; LIMA, M. C. **Fonoaudiologia: Surdez e abordagem bilíngue**. São Paulo: Plexus, 2000.

MAINIERI, C. M. P. **Desenvolvimento e aprendizagem de alunos surdos: cognitivo, afetivo e social**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.

MARCELINO, M. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. **Revista Intercâmbio**, v.XIX, p.1-22, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARIANI, B. Z. P.; GUARINELLO, A. C.; MASSI, G.; TONOCCHI, R.; BERBERIAN, A. P. O trabalho fonoaudiológico em uma clínica dialógica bilíngue: estudo de caso. **Relato de Caso Case Report**, p. 654-660, 2016.

MEGALE, A. H. Bilinguismo e educação bilíngue - discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 3, n. 5, p. 1-13, 2005.

MIDENA, M. C. de M. **O surdo e a escrita na clínica fonoaudiológica**: um estudo de caso. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOREIRA, L. **Os riscos do Implante Coclear**. 2025a. Disponível em: <https://portalotorrino.com.br/riscos-do-implante-coclear/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

MOREIRA, L. **Quantos surdos tem no Brasil em 2024**: IBGE Lança dados da pesquisa nacional de saúde. 2025b. Disponível em: <https://cronicasdaturdez.com/quantos-surdos-no-mundo/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MOTTI, T. F. G. **Programa de orientação não presencial de pais de crianças deficientes auditivas**. 2005. 222 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2005.

MOURA, D. R. **Libras e leitura de língua portuguesa para surdos**. Curitiba: Editora Appris, 2015.

MOURA, M. C. de. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Curitiba: Editora Revinter, 2000.

NASCIMENTO, G. B. **Intervenção fonoaudiológica com familiares de crianças surdas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Pós-Graduação em Distúrbios de Comunicação Humana, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Maria, 2015.

NEGRELI, M. E. D.; MARCON, S. S. Família e criança surda. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 98-107, 2006.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia de Orientação da Avaliação Audiológica Básica**. Elaborada pelo Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia. 2017. Disponível em: <https://crefono04.org.br/cms/files/Anexos/manualdeaudiologia.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento & aprendizagem em Piaget e Vygotsky relevância do social**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 1998.

PAULA, A. S.; PEREIRA, M. M. B. Manual informativo para pais: conhecendo melhor

a surdez. **Revista Espaço**, n.41, 2014.

PEREIRA, A. P.; ALCARÁ, A. R. As necessidades informacionais e a competência em informação dos pais de surdos: **Revista eletrônica de biblioteconomia, arquivologia e ciência da informação**, v. 26, p. 01-24, 2021.

PEREIRA, L de O.; VANDENBERGHE, L.; TÔRRES, L. V. V. Indicadores para uma proposta de orientação a familiares de crianças com alterações de linguagem em atendimento fonoaudiológico. **Distúrbios da Comunicação**, v. 29, n. 1, p. 97-107, 2017.

PROBST, M. Bilinguismo e inclusão: uma reflexão sobre os alunos surdos na rede regular de ensino. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde**, v. 24, n. 1, 2022.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RABELO, A. S. Libras: aspectos linguísticos e uso na terapia fonoaudiológica bilingüe. **Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 33, n. 3, p. 369-384, 2007.

REGEN, M.; ARDORE, M.; HOFFMANN, V. M. B. **Mães e filhos especiais**: relato de experiências com grupos de mães de crianças com deficiência. Brasília: CORDE, 1993.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

REUNIÃO Aberta 07 11 2022 Mila Melo. [Vídeo]. 2022.[1h24m]. Publicado pelo canal You Tube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cwpzmxGqeCw>. Acesso em: 11 nov. 2025.

RODRIGUERO, C. R. B. O desenvolvimento da linguagem e a educação do surdo. **Psicologia em Estudos**, v. 5, n. 2, p. 99-116, 2000.

ROVERE, N. C.; LIMA, M. C. M. P.; SILVA, I. R. A comunicação entre sujeitos surdos com diagnóstico precoce e com diagnóstico tardio e seus pares. **Distúrbios da Comunicação**, v.30, n. 1, p. 90-102, 2018.

SANTANA, A. P.; GUARINELLO, A. C.; BERGAMO, A. A clínica fonoaudiológica e a aquisição do português como segunda língua para surdos. **Distúrbio da Comunicação**, v. 25, n. 3, p. 440-45, 2013.

SANTANA. L. da S. Aquisição da língua escrita pelo surdo: um processo a ser questionado. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 44, n. 2, p. 491-505, 2015.

SANTOS, F. M. A. O processo de aprendizagem da escrita do português por surdos: singularidades e estratégias facilitadoras. **Inventário**, Universidade Federal da Bahia Online, v. 8, p. 1-16, 2011.

SENA, A. P. R. C de; DEITOS, F. T. H. Programas de orientação a família de

crianças surdas: estudos sobre a realidade brasileira. **RECCS: R. Cent. Ci. Saúde**, v. 14, p. 8-14, 2001.

SERAFIM, G. A. **Políticas linguísticas para o ensino bilíngue de alunos surdos em Portugal e no Brasil a partir do final do século XX**. 2022. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2022.

SILVA, G. M. Histórias linguísticas de surdos bilíngues do par libras português. **Caderno de Letras**, n. 35, p. 145-166, 2019.

SILVA, L. S da.; BASTOS, T. Pais ouvintes e filhos surdos: impasses na comunicação. **Revista Eletrônica de Cultura e Educação**, n. 8, p. 25-34, 2013.

SILVA, M. da P. M. **A construção de sentido na escrita do sujeito surdo**. 1999. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

SILVA, S. A. dos S.; ABREU, F. S. D. de; PEDROZA, R. L. S. Educação de surdos e Teoria Histórico-Cultural: os paradigmas presentes na obra de L. S. Vygotsky. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 124, p. 142-150, 2024.

SOUSA, W. P de A. **A construção da argumentação na língua brasileira de sinais: divergência e convergência com a língua portuguesa**. 2009. 170f. Tese (Doutorado em Linguística e ensino) - Pós-Graduação em Linguística e Ensino, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SOUSA, W. P de A. Alfabetização de crianças surdas na perspectiva do letramento. *In*: FARIA, E. M. B. de; MELO, L. G. D. de; CAVALCANTE, M. C. B.; FERNANDES, T. A. (Orgs.). **Letramento e inclusão**. v. 1. João Pessoa: Editora UFPB, 2014. p. 49-61.

SOUZA, M. I. de A.; SANTOS, E. M.; MALAVASI, A. surdez e a família: reflexões sobre as implicações da notícia da surdez e as perspectivas dos pais. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 37, n. 1, p. 1-12, 2022.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. M. **O indivíduo excepcional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

TEODORO, I. A. V.; ARAÚJO, V. S. de. O bilinguismo no processo de aquisição da linguagem nos anos iniciais e seus benefícios. **Revista Anhanguera Goiânia**, v. 20, n. 1, p. 13-27, 2019.

TOSTES, R. S.; LACERDA, C. B. F. de. Surdo bilíngue: para além de um sujeito usuário de duas línguas. **Interfaces Científicas**, v. 8, n. 3, p. 541-553, 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2010.

VIAN, JR. O. V.; WEISSHEIMER, J.; MARCELINO, M. Bilinguismo: aquisição,

cognição e complexidade. **Revista do Gelne**, v. 15, n. 1/2, p. 399-416, 2016.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Tomo V - Fundamentos de Defectología. Madrid: Visor, 1997a.

VYGOTSKY, L. S. Principios de la educación social de los niños sordomudos. *In*: L. S. VYGOTSKI. **Obras Escogidas V**: Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997b.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 861-870, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Completas - Tomo Cinco**: Fundamentos de defectologia. tradução do programa de ações relativas às pessoas com necessidades especiais (PEE). Cascavel, PR: Edunioeste, 2022.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2010.

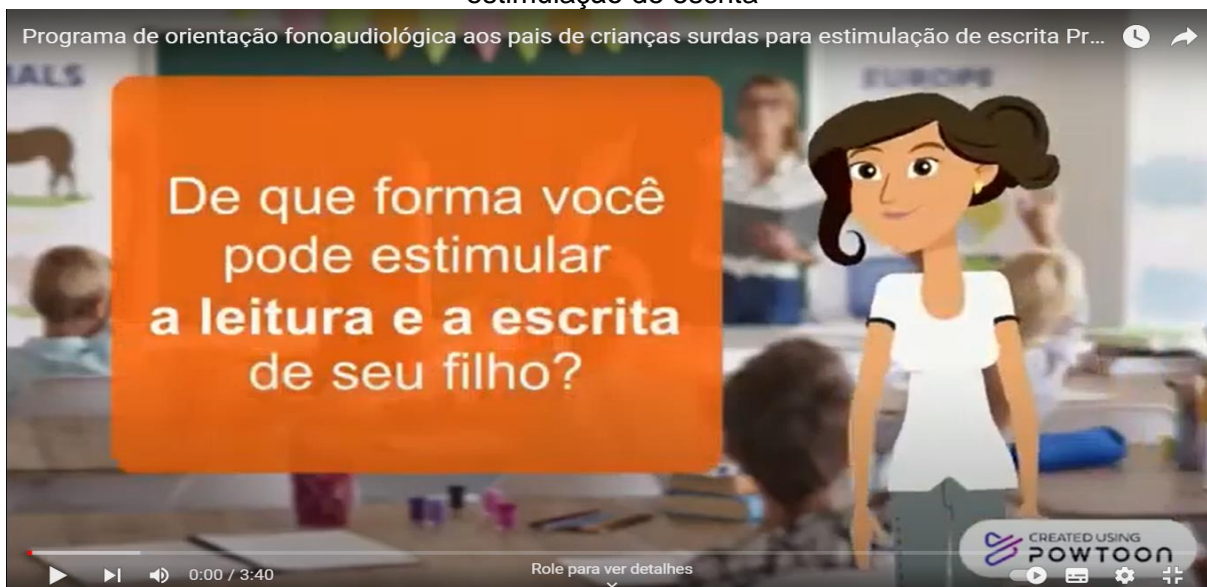
ANEXO A

Vídeo 1 - Programa de orientação fonoaudiológica aos pais de crianças surdas para estimulação de escrita



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jffu9wVRiY4>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Vídeo 2 - Programa de orientação fonoaudiológica aos pais de crianças surdas para estimulação de escrita



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CtuqIKgB0oI>. Acesso em: 11 nov. 2025.